PATRICK E RUTH SCHWENK

APESAR DOS FILHOS

COMO MANTER O ROMANCE E A INTIMIDADE DO CASAL DEPOIS QUE OS FILHOS CHEGAM



Apesar dos filhos

Como manter o romance
e a intimidade do casal depois que os filhos chegam

PATRICK AND RUTH SCHWENK

Tradução: Christiane Scheuer Caetano

VIDA MELHOR

Título original: *For Better or for Kids — A Vow to Love Your Spouse with Kids in the House*

Copyright © 2016 por Patrick e Ruth Schwenk

Edição original por Zondervan.

Todos os direitos reservados.

Copyright de tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2017.

As citações bíblicas são da Nova Versão Internacional (NVI), da Biblica, Inc., a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Vida Melhor, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

PUBLISHER *Omar de Souza*
GERENTE EDITORIAL *Samuel Coto*
EDITOR *André Lodos Tangerino*
ASSISTENTE EDITORIAL *Marina Castro*
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO *Thalita Ramalho*
PRODUÇÃO EDITORIAL *Luiz Antonio Werneck Maia*
COPIDESQUE *Patrícia Garcia Costa*
REVISÃO *Geisa Oliveira e Michele Paiva*
DIAGRAMAÇÃO *Julio Fado*
CAPA *Douglas Lucas*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S429a

Schwenk, Patrick

Apesar dos filhos : como manter o romance e a intimidade do casal depois que os filhos chegam/Patrick Schwenk, Ruth Schwenk; tradução Christiane Scheuer Caetano. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Vida Melhor, 2017.

224 p.
Tradução de: For better or for kids
ISBN: 978-85-7860-958-0

1. Pais e filhos -Vida cristã. 2. Família -Aspectos religiosos -Cristianismo.I. Schwenk, Ruth. II. Caetano, Christiane Scheuer. III. Título.

CDD: 248.8
CDU: 248.12

Todos os direitos reservardos à Vida Melhor Editora Ltda
Rua da Quitanda, 86, sala 218 - Centro
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.thomasnelson.com.br

Para nossos filhos em casa:
Tyler, Bella, Noah e Sophia

Vocês nos trouxeram mais alegria do que jamais saberão.
Vocês são flechas nas mãos de Deus.
Sonhem grande, porque seu Deus é grande. Amamos vocês.

Sumário

1. Casamento: não é o que esperávamos, mas é bom
2. Casamento com filhos: uma bagunça com uma missão
3. O voto ausente: amar seu cônjuge com os filhos em casa
4. Inflamando as chamas: sexo com seu cônjuge com os filhos em casa
5. Criando os filhos juntos, não separados
6. Graça para aqueles momentos não tão perfeitos
7. Tempo, descanso e ritmo: fazendo nossos dias valerem a pena
8. Lidando com o excesso de tarefas
9. Quando você está andando de tanque vazio
10. Comunicando-se em meio ao caos
11. Eliminando a guerra das finanças
12. Um teste de unidade: quando a vida fica realmente difícil
13. Você vai sobreviver a isso!

Agradecimentos

Casamento:

não é o que esperávamos, mas é bom

> *O amor verdadeiro não acontece por acidente*. É deliberado, é intencional, tem um propósito e, no fim… *vale a pena.*
>
> Darlene Schacht,
> *Messy Beautiful Love* [Amor lindo e complicado]

O primeiro sinal que Ruth e eu tivemos de que nossa imagem ideal de casamento iria ruir aconteceu na manhã da nossa cerimônia de casamento. Logo cedo, no dia 8 de agosto de 1998, eu parei na casa dos pais da Ruth para pegar alguns itens. Ruth e suas damas de honra estavam correndo de casa para um carro que esperava para levá-las para a igreja. Ainda estava meio escuro lá fora. O cortejo da noiva era um borrão no meio de toda a agitação. Entretanto, uma imagem se destacou com muita clareza — a imagem de Ruth saltando no carro carregando uma grande panela de alumínio, daquele tipo onde você cozinha muito feijão!

O problema era que Ruth não estava planejando cozinhar. Ela estava planejando se casar comigo. Mas ela estava doente! Enjoada, tão mal que estava prestes a vomitar!

Não! Este é o dia do nosso casamento! — pensei. *Ela não pode estar doente! Isso não pode estar acontecendo!* Embora eu quisesse soltar um grito de angústia, tive sabedoria suficiente para manter meu desespero só para mim.

Tinha sonhado com esse dia desde a sexta série. Agora eu admito, minha imagem ideal tinha muito mais a ver com hormônios descontrolados do que com os detalhes da cerimônia, o clima perfeito, os familiares presentes ou o cardápio da recepção. Na minha cabeça, esse era o dia em que os “nãos”

finalmente se tornariam o “sim, você pode”. Era um grande dia e uma grande noite. Ruth com certeza *não* podia estar doente!

Aparentemente nossa cerimônia de casamento e, como logo eu descobri, nossa vida de casados seriam bem diferentes daquilo que eu esperava.

Tudo bem, ir para a igreja com uma grande panela no colo não era bem o que eu (Ruth) tinha em mente também. Eu tinha imaginado uma linda manhã, com pássaros cantando e risos pelo ar — assim como eu via nas revistas de casamento. Imaginei o tempo passando tranquilamente enquanto eu me aprontava para o melhor dia da minha vida. Infelizmente, eu tinha marcado o casamento para 10 horas da manhã.

Não sei no que estava pensando, especialmente porque sou uma pessoa noturna, não matutina! Por que ninguém me alertou que me arrumar para o meu casamento levaria umas seis horas? Acordei às 4 horas da manhã, depois de uma noite agitada de sono. Era cedo demais.

Acordar depois de três horas de sono não era uma boa maneira de começar o dia. Eu estava fazendo meu cabelo, tremendo nervosa de antecipação pelo grande dia que me esperava, quando percebi que não estava me sentindo bem. Estava prestes a vomitar — por isso a panela grande.

Apesar do início nervoso, nosso casamento aconteceu dentro do esperado, mas, com certeza, deixou os dois em pânico! Naquele dia experimentamos o primeiro do que seriam os muitos choques de realidade do casamento. Cada um de nós entra no casamento com uma imagem do que espera que ele seja. Como Patrick e eu descobrimos, normalmente não leva muito tempo para essa visão perfeita desmoronar.

O que estávamos esperando?

Os relacionamentos começam de muitas maneiras diferentes. O nosso começou com um trote telefônico. Sim, isso mesmo! Quando estudava no Instituto Bíblico Moody, em Chicago, eu (Patrick) liguei para Ruth fingindo ser de uma rádio local e oferecendo uma oportunidade de ganhar dinheiro.

O objetivo era simples: ligar para um aluno inocente e fingir estar dando dinheiro para o indivíduo que conseguisse "correr até o dinheiro" em determinada esquina do centro de Chicago. Que pobre estudante universitário não abraçaria tal oferta generosa? Da nossa janela do décimo andar, a visão do entretenimento era perfeita. A brincadeira — junto com outros cenários de competições de rádio — fornecia o alívio necessário para o estresse dos nossos estudos.

Ruth não caiu no trote, mas caiu de amores por mim. Serei eternamente grato ao meu colega de quarto que sugeriu ligar para essa inocente colega dele. O trote fracassado levou a um encontro de casais, depois a outro, até que, finalmente, tive coragem de pedi-la em namoro.

Por muito tempo pensamos que o casamento seria apenas amor romântico. Afinal de contas, foi assim que começou. O tipo de amor das longas caminhadas, das conversas significativas, da emoção borbulhante, do olho no olho e das mãos dadas. Sabe, todas as coisas boas que lemos, observamos, ouvimos e sonhamos. Tínhamos a ideia de que todos os casais, naturalmente, tinham tempo para o romance todas as noites, davam as mãos durante o jantar e escondiam bilhetinhos de amor inesperados para que o outro descobrisse.

É claro, sabíamos que existiam mais coisas no casamento do que o sentimento do amor. Como cristãos, sabíamos que o casamento tinha um propósito maior do que apenas nós dois, e que precisávamos de uma fundação espiritual para nossa vida juntos. Sabíamos ter perspectivas diferentes e maneiras diferentes de fazer as coisas. Que havia mais no casamento do que apenas romance. Só não tínhamos certeza do que isso seria ou como impactaria nossa vida juntos.

Na época, nenhum de nós percebeu como éramos diferentes ou como essas diferenças afetariam nossa visão e nossa expectativa do casamento. Ruth era apenas uma menina, uma recém-convertida que cresceu em uma família amorosa e trabalhadora, mas não cristã. Eu era filho de pastor, cristão desde a infância e criado com duas irmãs mais velhas em um lar e uma igreja de cristãos conservadores no meio-oeste. Um de nós era extrovertido; o outro, introvertido. Um era gastador; o outro, poupador. Um era otimista; o outro, pessimista. Para resumir, enfrentamos muitos obstáculos tentando navegar as águas agitadas da harmonia relacional.

Para nosso aconselhamento pré-nupcial chamamos o pastor de Ruth, que também faria nosso casamento. Ele era pai de uma das melhores amigas dela no Ensino Médio. Depois de nossa primeira sessão, ele nos mandou para casa com instruções para completar o clássico manual de Norman Wright, *Antes do sim*. Se você não conhece esse livro, ele é cheio de sabedoria bíblica e útil para que os casais comecem no caminho correto. Sabemos disso porque é o que a quarta capa prometia.

Conseguimos passar pela lição um.

O plano era trabalharmos as lições do livro, uma por semana. A primeira semana não foi nada agradável! Eu (Patrick) me lembro de pensar: *achei que isso ia ser legal*. Ansiosos para começar bem, e esperando que a segunda semana fosse melhor, abrimos novamente o livro. Sentamos no chão da sala de estar da família de Ruth, repassamos algumas anotações da semana anterior, e começamos o estudo. Tínhamos boas intenções, mas a lição dois nos fez parar no meio do caminho. Ironicamente, em uma discussão sobre aceitação no casamento, eu explodi de raiva e saí da sala! Nunca chegamos a terminar o livro.

Não prestamos atenção na época, mas nossas diferenças já estavam causando uma divisão significativa entre nós. Fomos um pouco inocentes e nos surpreendemos ao ver que os laços sagrados do casamento que Deus criou não apareciam sozinhos. Nunca suspeitamos de que algo tão bom daria tanto trabalho para ser desfrutado em sua plenitude. Se quiséssemos viver de acordo com os propósitos de Deus para o nosso relacionamento, teríamos muito mais trabalho do que apenas terminar um manual. Entretanto, aprendemos a tempo que viver de modo deliberado a visão de Deus para o nosso casamento valeria a pena.

Retrato rápido dos nossos primeiros anos

Considerando o progresso que fizemos em nosso aconselhamento pré-nupcial, não é de surpreender que nossos primeiros anos de casamento tenham sido cheios de momentos de provação e de muitos erros. Houve uma mistura de excitação, hormônios, medo, frustração, aventura e muita imaturidade. Ainda temos uma fotografia que eu (Ruth) tirei do Patrick no meio de uma discussão em nossa lua de mel. Ela resume bem nossa experiência. Foi uma daquelas discussões que, quando você olha para trás, parece estúpida demais, como a maioria delas. Estávamos saindo para comer e a conversa foi mais ou menos assim:

Patrick: — Onde você quer jantar hoje, querida?
Ruth: — Tanto faz, não me importo.
Patrick: — Bem, o que lhe soa bem?
Ruth: — Não tenho certeza.
Patrick: — Que tal o restaurante _____?
Ruth: — Não, esse não parece bom, mas se você quiser, podemos ir.
Patrick: (*Evitando a armadilha óbvia*) — Não, tudo bem. Que tal o restaurante _____?
Ruth: (*Sentindo-se relutante*) — Não, esse também não me parece nada bom.
Patrick: (*Começando a ficar cada vez menos parecido com Jesus e sem sabedoria relacional alguma*) — Parece que você se importa, sim, com o lugar onde vamos comer! Já que se importa tanto, por que não escolhe você?

Quando Patrick pisou forte no acelerador, o olhar em sua face, sua voz, sua linguagem corporal e o carro cada vez mais veloz diziam tudo: ele estava louco de raiva! Honestamente, achei um pouco engraçado — tão engraçado que tirei a câmera para capturar o momento. Pelo canto dos olhos, Patrick percebeu que estava sendo fotografado, mas quando viu já era tarde demais.

O momento e a memória estão capturados para sempre na fotografia. A foto ainda está no nosso álbum como um lembrete de como algumas de nossas interações eram bobas e egoístas durante aqueles primeiros anos.

Como um copo de água gelada sendo jogada sobre você no meio de um banho quente, a realidade do casamento foi um choque para nós. Sim, foi dolorosa. A ruína daquilo que pensávamos ser um casamento perfeito capturou toda nossa atenção. Sabíamos que algo não estava certo e esperávamos por algo a mais, algo melhor. Se quiséssemos ter um casamento que honrasse a Deus, sabíamos que teria que ser um casamento fundamentado nele. Nosso desejo por amor e relacionamento tinha que ser construído sobre a Palavra de Deus, se quisesse funcionar. Então, fizemos a escolha deliberada de começar, ou recomeçar, nosso relacionamento de acordo com o propósito de Deus.

Montando, juntos, um retrato melhor

Eu (Ruth) cresci montando quebra-cabeças. Era um dos passatempos favoritos do meu avô. Era comum entrar na casa dos meus avós e encontrar milhares de peças espalhadas sobre uma mesa. Algumas das minhas memórias mais queridas com meus avós eram as horas gastas procurando cuidadosamente uma pecinha do quebra-cabeça para colocar em seu lugar apropriado. Não era um trabalho fácil, mas eu adorava ver o quebra-cabeça completo!

O que me atrai para um quebra-cabeça é a imagem na tampa da caixa. Ela me dá aquele primeiro vislumbre do que vou construir e me inspira a chegar ao fim. Sem a imagem de exemplo na tampa da caixa seria quase impossível saber como a imagem finalizada deve ser, sem falar em como todas as peças devem se encaixar umas nas outras. A imagem na tampa me estimula e me dá a direção para trabalhar.

Muitas vezes, no casamento (e em livros sobre casamento), prestamos muita atenção às "peças" individuais. Concentramos nossos esforços para melhorar a comunicação, a intimidade, a resolução de conflitos, os papéis de cada um, as finanças — e a lista continua. Essas, é claro, são peças importantes e necessárias do quebra-cabeça do casamento (falaremos sobre algumas delas neste livro), mas primeiro precisamos olhar para a "tampa da caixa". Assim como em um quebra-cabeça, precisamos começar vendo a imagem global do casamento como Deus o planejou para conhecer e nos empolgar com o que estamos tentando construir.

Se quisermos o tipo de casamento que Deus quer para nós, temos que alinhar nossa compreensão de casamento com a imagem dada a nós na Bíblia. É isso que John Stott quer dizer quando escreve:

> Os laços do casamento são mais do que um contrato humano: são uma ligação divina. E a maneira como Deus coloca essa ligação sobre um casal não é criando um tipo de união mística, mas declarando o propósito dele em sua Palavra.[1]

A imagem do casamento na Palavra de Deus declara que esse laço sagrado é bom, muito bom. É uma imagem com propósito. Não fomos criados apenas para sobreviver. O dom do casamento foi dado para ser uma bênção. O anseio por amor, pertencimento, unidade, intimidade e propósito foi dado para que desfrutássemos dele juntos, quando alinhamos nosso casamento com a Palavra de Deus. Então, vamos ver o que é bom no laço sagrado que Deus criou para nosso benefício e para seu propósito.

Redescobrindo a virtude do propósito de Deus para o casamento

Em Gênesis 1, Deus olha para Adão e diz, basicamente: “Você é bom, mas ainda não está bem pronto.” Deus viu que algo estava faltando em Adão. Ele estava sozinho e precisava de um amigo ou companheiro de vida. Assim, Deus fez um tremendo favor a Adão quando o abençoou com Eva para ser sua parceira íntima, amorosa, sábia e poderosa na vida. Ela o conheceria, amaria, completaria e compartilharia a vida com ele para o propósito de Deus. Ele seria seu amante, protetor, provedor e líder. Juntos, eles seriam o povo de Deus vivendo para os propósitos de Deus.

Era projeto de Deus unir um homem e uma mulher em casamento para amor, relacionamento, companheirismo e amizade eternos, e Deus declarou que o casamento era bom, muito bom:

> Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada.” Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. O homem e sua mulher viviam nus, e não sentiam vergonha. (Gênesis 2:21-25)

Que linda imagem! A primeira “entrega da noiva” não foi em uma igreja, mas no jardim do Éden. Deus olhou para Adão e percebeu que ele não estava preparado para viver sozinho. Por isso, o agraciou com uma mulher que seria sua esposa e sua amiga. Não é por acaso que Deus nos dá um para o outro. Deus dá Eva para o homem sabendo que ele precisa desesperadamente dela para viver. E ela precisará dele. Juntos, eles se complementam. Juntos, estão mais preparados para enfrentarem as alegrias e tristezas da vida que os aguarda.

Eu (Patrick) amo a resposta de Adão. Fico aliviado ao descobrir que há

algo de bíblico nos melosos poemas e cânticos de amor. Adão vê Eva e fica tão dominado pelo presente do Pai que faz um poema: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada.”

Deus, não apenas em graça como também em sabedoria, nos “presenteia” com nosso cônjuge. Quando somos desafiados pelas pressões da vida, nosso cônjuge pode nem sempre parecer o presente bom, sábio e gracioso de Deus para nós. Porém, para manter em foco a visão do nosso casamento como um presente de amizade e companheirismo de Deus, precisamos valorizar e tratar nosso cônjuge como nosso relacionamento mais importante.

Às vezes, me pergunto como meu casamento seria diferente se eu visse Ruth de forma sistemática como um presente de Deus para mim. Como nosso relacionamento poderia ser diferente se eu a visse como uma amiga, em vez de inimiga, quando tivéssemos que reconciliar nossas diferenças? Como nosso casamento poderia ser melhor se eu a visse como alguém que me complementa, em vez de alguém que compete comigo, quando enfrentássemos desafios difíceis? Quero experimentar como meu casamento pode ser diferente quando vejo Ruth como uma bela filha de Deus que reflete cada vez mais sua imagem e sua glória.

Eu (Ruth) quero ver como meu casamento pode ser quando realmente enxergar Patrick como um presente de Deus para mim. Quero, cuidadosamente, valorizá-lo na maneira como interajo com ele. A simples visão do que Deus planejou para nós me faz querer colocar cada peça do quebra-cabeça do casamento em seu lugar designado.

O casamento, diferente de todos os outros relacionamentos, une dois indivíduos em um só. Gênesis 2:24 diz que, depois que um homem e uma mulher se unem um ao outro em casamento, eles desfrutam de um relacionamento íntimo e profundo: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne.”

“Uma só carne”, diz o escritor. Um marido e uma mulher, embora distintos, se tornam unidos intimamente. Eles se tornam “uma só carne”. Esse ápice de unicidade é uma doação total de nós para o outro no laço sagrado do casamento. Uma só carne não é apenas uma característica física ou sexual. Com certeza, compartilharemos nossos corpos, mas também compartilharemos nossas posses, sonhos, lutas, percepções, capacidades, sofrimentos e sucesso. No casamento, Deus nos une como uma equipe

inseparável — nos campos espiritual, relacional, físico e emocional. Unidos, compartilhamos a vida segundo o propósito e a intenção de Deus para o casamento e a família.

Só nós Dois

Tirem alguns momentos para conversar sobre como você e seu cônjuge são um presente um para o outro:

- De que maneira Deus abençoou você com um grande presente quando lhe deu seu cônjuge?
- Quais são as características e atitudes de seu cônjuge que fornecem força nas suas áreas de fraqueza?

Logo, não é surpresa ver que, quando o pecado entrou no Jardim, Adão e Eva se viraram um contra o outro. Quando eles quebraram a regra de Deus, também quebraram o relacionamento. O pecado deles separou-os de Deus e um do outro. Daquele momento em diante, o relacionamento deles seria diferente. A intimidade e a amizade não viriam de forma natural. Ambas ainda seriam possíveis, mas a intimidade e a amizade teriam que ser trabalhadas, cultivadas e protegidas.

Embora todos nós experimentemos essa quebra de expectativas quanto ao casamento, podemos ver esse choque de realidade com esperança. A unidade não é alcançada facilmente, mas há sempre como voltar para o bom plano que Deus deseja e pretende para nós. Podemos encaixar as peças para construir um relacionamento de beleza, poder, amizade, unidade e propósito. Como casal, devemos ver nosso casamento como esse tipo de equipe inseparável — um retrato de se viver para Deus e um para o outro.

O casamento nem sempre vai ser o que esperamos ou sonhamos, mas o casamento projetado por Deus e para os propósitos dele é bom — muito bom! Esse laço sagrado de companheirismo íntimo e propósito divino vale cada gota da energia exigida para se ter esperança e para se trabalhar nesse sentido.

Casamento com filhos:

uma bagunça com uma missão

> Preciosos, sem dúvida, são esses pequenos aos nossos olhos; mas se você realmente os ama, então pensa com frequência em suas almas.
>
> J. C. Ryle, *The Duties of Parents* [Os deveres dos pais]

"Eu tenho que correr para a loja", disse Ruth.

Era uma tarde de sábado de outono, o que não significa muito a não ser que você seja um zeloso fã de futebol. Sábados são para o futebol — futebol de Michigan! "Não se preocupe", eu (Patrick) disse. "Só não demore muito. O chute inicial é às três e meia, e ainda preciso aparar a grama."

Nós tínhamos só dois filhos na época. Tyler estava completando quatro anos e Bella tinha acabado de fazer dois anos. Eles eram muito pequenos para serem deixados sem supervisão por algum tempo. Quanto tempo? Eu não tinha certeza, mas estava prestes a descobrir. Tyler, como a maioria dos filhos mais velhos, era o obediente, aquele que seguia nossas regras. Bella? Nem tanto! Ela não via as coisas sempre tão em "preto e branco" quanto seu irmão mais velho! Conforme os minutos passavam e o horário do jogo se aproximava, eu ficava cada vez mais apreensivo para cortar a grama antes da partida. Tínhamos planos para depois do jogo, e minha brecha estava se esvaindo com muita rapidez.

Então, decidi fazer. "O papai precisa que vocês fiquem dentro de casa, enquanto ele corta a grama", instruí. "Tyler, você fica no seu quarto. Bella, você fica no seu quarto". Mostrando alguma responsabilidade, peguei algumas pecinhas de montar para Tyler e deixei Bella brincando de vestir as bonecas.

Correndo para fora, liguei a máquina e comecei a cortar a grama o mais rápido possível. Percebendo o correr do relógio, eu não precisava apenas terminar antes do chute inicial, precisava terminar antes que Ruth voltasse. Enquanto cortava a última faixa de grama do jardim frontal, vi de longe o

carro de Ruth. Eu estava cortando a grama há apenas 10 minutos. Ela estava passando pelo trilho do trem, a uma quadra de casa. Ruth virou para a direita para entrar na garagem, e quando me virei para a esquerda para acenar, vi Bella com o canto do olho, claramente não mais dentro de casa! Segurando uma sombrinha amarela fluorescente e cantando bem alto, ela caminhava pela calçada na minha direção. Havia apenas um probleminha: ela estava nua. Aparentemente, durante a brincadeira de vestir as bonecas, ela decidiu tirar as próprias roupas e sair para andar na "chuva". Ruth nem teve que abrir a boca. Pude ver pelos seus olhos que eu estava encrencado!

Filhos são muito divertidos, um pouco imprevisíveis e, é claro, uma bênção. Eles também dão um novo rumo ao casamento. Por mais que os filhos enriqueçam um casamento, também podem mudá-lo drasticamente! Eles trazem uma dinâmica toda nova para a família. Você e seu cônjuge vivem agora com a realidade de uma pessoa (ou pessoas) diferente no meio do casamento. Em determinado momento, um casal amoroso, cheio de esperança e energia, se descobre dentro de uma minivan lotada de crianças e cheia de salgadinhos, copos sujos e cascas de banana escuras. Em meio a uma variedade desconcertante de novos sons, cheiros diferentes, calendários imprevisíveis, preferências opostas e demandas incomuns, você não consegue não pensar: *O que aconteceu? Isso é difícil demais!*

Para nós, esse choque de realidade chegou com o nascimento de nosso primeiro filho, Tyler. Ele nasceu com toda a pompa esperada. Nós estávamos cheios de energia, com determinação, expectativas e objetivos irreais. Como a maioria dos pais de primeira viagem, acreditamos que seríamos diferentes. Bem, não apenas diferentes — melhores. Nosso casamento e nossa família seriam um pedacinho do céu na terra. Sim, casais mais velhos e mais sábios tinham nos avisado das armadilhas, mas estávamos convencidos de que suas preocupações revelavam como eles erraram o alvo. Nosso casamento seria mais saudável, nossos filhos mais obedientes e nossa vida juntos seria muito feliz.

Não deveríamos ter nos surpreendido tanto com a realidade. Afinal de contas, nossa imagem de casamento perfeito já estava começando a desmoronar, e quando os filhos chegaram, o desmoronamento não só continuou, como acelerou! Talvez tenha sido a primeira noite sem dormir quando Tyler veio para casa, seguida por muitas outras. Ou talvez tenham sido as intermináveis mamadas. Não importa qual tenha sido a causa,

rapidamente, percebemos que o casamento *com filhos* seria muito diferente do que esperávamos!

Aí veio o filho número dois. Não muito tempo depois, o número três. Finalmente, com o número quatro, estávamos chamando aquilo de família. Amávamos ser pais, mas também nos descobríamos, às vezes, em minoria, cansados, algumas vezes irritados, com o dinheiro curto, mas incrivelmente gratos pelo café — muito café!

Não me admira que os casais esqueçam como o casamento deve ser quando os filhos chegam. Ninguém nos preparou para crianças molhando a cama no meio da noite, vomitando no carro, chorando sem controle por causa das dores de crescimento e brigando durante o jantar. Não tínhamos ideia de que os filhos parecem vir com um treinamento prévio em como interromper, invadir uma conversa ou se infiltrar em um momento de serenidade e silêncio! Nunca imaginamos que terminar um pensamento — e muito menos uma conversa — pareceria impossível. E, certamente, nunca suspeitamos do custo absurdo dos tênis dos adolescentes, dos aparelhos ortodônticos e, bem, de tudo mais!

Estamos casados há mais de dezessete anos, e nossos quatro filhos — Tyler, Bella, Noah e Sophia — têm entre sete e quatorze anos. Amamos servir no ministério, passar tempo juntos como família, ler e beber muito café. E ainda amamos um ao outro! Mas alimentar nosso casamento em meio à criação dos filhos não tem sido fácil. A realidade da vida com filhos nem sempre combina com o retrato cor-de-rosa da vida familiar que imaginamos.

Sonho de família

Desde nova, eu (Ruth) me lembro de sonhar com o casamento e uma grande família. Tinha tudo planejado, e mal podia esperar para ter quantos filhos eu pudesse. O que imaginava era cor-de-rosa e perfeito, como a casa da minha avó. Havia apenas um problema: os filhos da minha avó não viviam mais naquela casa! Quando eu a visitava, era apenas eu. Não é de se admirar que a casa parecesse tão tranquila e amorosa! A vida com quatro filhos não combina com aquela visão que desenvolvi na casa da minha avó.

Meu sonho de ter uma grande família coincidia com a expectativa de que construir aquela família seria divertido… e fácil! Ao contrário, aquela expectativa foi despedaçada quando sofri cinco abortos espontâneos, um entre cada nascimento dos nossos filhos e outros dois depois. Era como um relógio. Eu tinha um filho e, então, sofria um aborto na gravidez seguinte. Quando sofri dois abortos seguidos, depois da nossa filha mais nova, Sophia, soube que tinha acabado. Meu plano de uma família com seis filhos não aconteceria.

Também acreditei que criar uma família seria cheio de divertidas noites de jogos, longos jantares gastos com conversas significativas e infinito tempo em família. Nem imaginava, na época, que os eventos esportivos e atividades extracurriculares nos empurrariam em tantas direções diferentes. E, às vezes, que as conversas ao redor da mesa de jantar acabariam em uma briga de irmãos, não em uma conversa significativa. Imagine só! Embora o tempo em família seja algo de que gostamos, ele não “acontece” sozinho. É um tempo pelo qual precisamos “lutar”.

Eu (Patrick) cresci com duas irmãs mais velhas. Minha mãe teve uma creche bem-sucedida em casa por mais de quarenta anos, então, parecia que eu tinha cerca de quinze irmãos. Sempre amei crianças e compartilhava do entusiasmo de Ruth por ter filhos — mas não estava completamente convencido sobre ter uma família enorme. Pensava que ser pai era jogar bola no quintal, andar de bicicleta e assistir a jogos de futebol nas noites de quartas-feiras. Trocar fraldas? Nem tanto!

É claro que tínhamos algumas diferenças em nossos sonhos sobre como uma família deveria ser. Ruth sonhava com uma ninhada grande e bem comportada, enquanto eu imaginava uma tribo menor que coubesse em um quarto de hotel. Nós dois achávamos que ter filhos seria divertido e nos preencheria como pessoas — e é sim! Mas aprendemos que o que nós queríamos com relação a ter filhos não era nem um pouco importante perto do que Deus queria. Deus criou e ama a família, e tem um plano para ela muito maior do que o nosso. Nem sempre parece assim, mas Deus está fazendo algo grande por intermédio da família. Vamos ver qual é o plano de Deus e o que ele quer realizar por meio de dois pais que criam seus filhos juntos.

Logo depois que Deus uniu Adão e Eva no Jardim, ele lhes deu o primeiro mandamento de todos:

> Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra. (Gênesis 1:28)

Quem não gostaria de obedecer esse mandamento? Portanto, obedecemos. Nós nos casamos e fomos férteis! Tornamo-nos um casal com filhos.

O salmo 127:3 descreve os filhos como uma “recompensa”. Em hebraico, a palavra traduzida por “recompensa” é *sakar*, que significa, literalmente, salário ou pagamento. Todos adoram receber um pagamento. Nunca encontrei alguém que tenha recebido um pagamento e sentido que aquilo era um fardo. A Bíblia está dizendo que o presente dos filhos é como dinheiro pago a alguém que tem os bolsos vazios. É um pagamento que podemos receber com alegria e com o qual também devemos lidar com sabedoria.

No plano de Deus para o casamento, os filhos não são apenas um presente para o benefício do casal. Deus criou a família — pais e filhos — para um propósito maior: ser instrumento na construção e na formação da sociedade. Deus criou a família porque ela é boa para o homem e a mulher, boa para os filhos e boa para o mundo. As famílias são boas para o homem e para a mulher, porque criar filhos os força a amadurecer, a considerar as necessidades do outro e seus desejos, além dos próprios. As famílias são boas para os filhos porque eles precisam de carinho, proteção, sabedoria, disciplina

e direção de um homem e de uma mulher que os amem profundamente. E as famílias são boas para o mundo porque são as incubadoras da civilização, nas quais se formam adultos que servem a todos de inúmeras maneiras.

Só nós Dois

Converse com seu cônjuge sobre como suas expectativas da vida em família afetaram o casamento:

- Antes de terem filhos, quais expectativas vocês tinham sobre a vida em família e a criação de filhos?
- Como essas expectativas foram despedaçadas pela realidade?
- Como a criação dos filhos afetou seu casamento?
- Como a compreensão e a concentração no propósito de Deus e em sua perspectiva para a criação de filhos podem restaurar seu relacionamento de casal?

Os filhos cumprem o propósito de Deus

O salmo 127 inclui outra descrição de filhos que amamos. O salmo, atribuído pela maioria dos estudiosos ao rei Salomão, que era tanto construtor quanto pai, começa descrevendo a necessidade (com a ajuda do Senhor) de se construir e guardar uma casa e uma cidade. O tema de abertura é: se o Senhor não abençoar nossos esforços de construção, nosso trabalho “será inútil”. Embora o salmo comece descrevendo a construção de uma casa e a guarda de uma cidade, toda a segunda metade descreve sobre os filhos:

> Os filhos são herança do Senhor,
> uma recompensa que ele dá.
> Como flechas nas mãos do guerreiro
> são os filhos nascidos na juventude.
> Como é feliz o homem
> que tem a sua aljava cheia deles!
> Não será humilhado quando enfrentar
> seus inimigos no tribunal. (Salmos 127:3-5)

Você percebeu a segunda descrição dos filhos? São “como flechas nas mãos do guerreiro”. Flechas e espadas eram as duas principais armas de guerra no mundo antigo. Embora não dependamos mais de nossos filhos para nos defender de tribos vizinhas de saqueadores, como os israelitas, nós enfrentamos outros tipos de inimigos, como a solidão, a perda de significado, a doença e a velhice. Filhos piedosos criados até a vida adulta ajudam a nos proteger das “pedras e flechas da fortuna enfurecida”[2] e a fornecer conforto em face às provações da vida. Mesmo antes de alcançarem a vida adulta, as crianças nos ajudam a lutar contra outros inimigos intangíveis, como o cinismo, a falta de significado e o egocentrismo. Quem pode escarnecer do mundo quando está com o olhar fixo no primeiro sorriso de um bebê? Quem pode se sentir substituível quando toda a existência de uma criança depende de você? E quem pode se prender à ambição egoísta e à arrogância vã quando uma criança está puxando seu braço, implorando para brincar?

Nossos filhos nos trazem incontáveis alegrias que nos ajudam a combater as batalhas espirituais que enfrentamos pessoalmente e em nosso ministério. Tyler é nosso filho calmo e de coração gentil. Ele tem uma confiança tranquila que o leva a ser destemido. Não existe muita coisa que tenha medo de fazer ou de tentar. Bella, que chamamos, amorosamente, de “nossa flor”, é gentil, com um coração que ama dar. Ela é sempre a primeira a comprar um presente ou escrever um bilhetinho. Noah nos mantém sorrindo. Ele é quieto, mas está sempre atento ao que está acontecendo. Com sua sagacidade rápida, tem um jeito de nos fazer rir, não importam as circunstâncias. E Sophia, ela vive em seu mundinho! Está feliz em brincar sozinha. Tem uma imaginação vívida e criativa. Ela acorda sorrindo e pronta para acolher o mundo. Cada um de nossos filhos, à sua maneira, nos ensinou a sermos corajosos, gentis, divertidos e dispostos a sonhar. Mais do que apenas mudar nosso casamento, eles nos mudaram — e para melhor.

Adoramos a descrição dos filhos como flechas, porque ela nos lembra de que estamos criando filhos que vão crescer para cumprir o propósito de Deus, penetrando a escuridão do mundo em que vivemos. Nas mãos de Deus, nossos filhos se tornarão armas de verdade, vida e luz em um mundo escuro, quebrado e ferido.

Muitas vezes desconsideramos a verdade de que nossas famílias e nossos filhos não são importantes apenas para nós, como pais, mas também para Deus. Deus está buscando uma nova geração que se levante e se separe para

sua glória e para o bem do mundo. A futura força de nossos lares e de nossas cidades depende do tipo de filhos que criamos em nossos lares e lançamos ao mundo. O propósito e o plano de Deus por meio do casamento e da família é construir, ou reconstruir, uma cidade, em primeiro lugar criando e construindo o tipo certo de filho. Deus tem um plano e uma visão para cada casal e para cada família. Nesse caso, devemos tomar cuidado de não apenas ver nosso casamento e nossos filhos como Deus os vê, mas de cuidar do nosso casamento e da nossa família como Deus quer que cuidemos.

A missão no meio da bagunça

Por mais maravilhoso que isso nos pareça, Deus planejou a família para ser um de seus principais veículos de transmissão da fé para a próxima geração. Então, em meio a toda a bagunça da vida com filhos, temos uma missão. A boa notícia é que a Bíblia não nos deixa no escuro sobre o que Deus deseja ou sobre como devemos passar a fé para a próxima geração.

O livro de Deuteronômio, no Antigo Testamento, contém uma das passagens-chave nas Escrituras na qual Deus descreve seu propósito para que os pais passem sua fé aos seus filhos. Por intermédio de Moisés, Deus compartilhou a visão e instruiu os pais sobre como serem professores da sua Palavra. Quando Moisés se colocou diante da comunidade de Israel, ele disse:

> Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões. (Deuteronômio 6:4-9)

A verdade de Deus deveria estar no centro da vida de cada pai e de cada mãe quando passassem sua fé para seus filhos. Eles deveriam até mesmo "escrever" a verdade da Palavra de Deus nos batentes das portas de suas casas. O povo judeu levou essa instrução a sério. Mesmo hoje, milhares de anos depois de Moisés ter dito tais palavras, você vai encontrar na casa de muitos judeus uma pequena caixa de metal ou de madeira pregada no batente direito da porta de entrada e no batente direito da porta de cada dependência da casa. Dentro dela está uma *mezuzá*, um pedaço de pergaminho ou pele de ovelha enrolado com a passagem de Deuteronômio 11:13-21, escrita à mão

em hebraico. A *mezuzá* serve como um lembrete constante para os pais de que eles devem viver a verdade de Deus com fidelidade e ensinar sua Palavra aos seus filhos.

Essa curta passagem esclarece nossa missão como pais.

Em primeiro lugar, Deus ordena que os pais "ensinem" seus mandamentos aos seus filhos (Deuteronômio 6:7). Em hebraico, a palavra significa "afiar" e, muitas vezes, descreve o ato de afiar uma espada ou uma flecha. A ideia é que, assim como afiamos regularmente um objeto para deixá-lo útil e eficiente, também os pais devem "afiar" com fidelidade, ou ensinar, seus filhos na Palavra e nos caminhos de Deus.

Em segundo lugar, Deus instrui os pais para que seu ensino não apenas transfira novas informações para seus filhos. Deus deseja que os pais ensinem seus filhos dentro de um contexto de relacionamentos amorosos na sala de aula da vida. Esse contexto fornece a oportunidade para que os filhos não apenas aprendam a Palavra de Deus, mas também cresçam em amor pela Palavra e coloquem os caminhos de Deus em prática em todas as partes da vida. Em última instância, o objetivo de nosso ensino como pais é discipular nossos filhos na fé cristã para que eles desenvolvam um relacionamento pessoal com Jesus.

Como esse discipulado diário acontece na casa dos Schwenk?

Primeiro, tentamos construir hábitos espirituais em nossas vidas para que sejamos continuamente lembrados de nosso relacionamento com Deus. Falamos intencionalmente sobre nosso relacionamento com Deus. Compartilhamos com nossos filhos o que Deus está nos ensinando e como isso afeta nossa família. Quando nos sentamos para uma refeição, curvamos nossas cabeças e oramos. Quando saímos para uma viagem de carro, oramos em voz alta pela proteção e bênçãos de Deus. No final do dia, antes de dormir, nos reunimos com frequência para devocionais em família, leitura da Bíblia e oração. E quando chega o domingo, nos reunimos para adorar com outros cristãos. Conforme nossos filhos cresceram, procuramos por maneiras para que eles se envolvessem no serviço da igreja.

Segundo, tentamos ficar alertas e conscientes da obra de Deus em nossa vida e na vida de nossos filhos. Recentemente nos mudamos para uma nova cidade para iniciar uma igreja. Celebramos com nossos filhos quando nossa casa foi vendida em apenas alguns dias, quando Deus providenciou um local perfeito para nossa nova igreja se reunir, e quando os membros do grupo

central que se mudaram junto conosco encontraram novos empregos. Nós amamos a vida ao ar livre. No verão passado, passamos uma semana na região oeste de Michigan. Nossos filhos estavam me implorando (Patrick) para ir pescar. Eu prefiro apenas ficar remando pelo lago. Quanto menos minhocas e peixes eu tiver que tocar, melhor! Mas, em uma manhã, colocamos nosso despertador para tocar mais cedo e fomos até a água para pescar. Conversamos sobre a beleza de Deus enquanto observávamos o sol nascer. Sobre sua criatividade quando vimos diferentes tipos de sapos e tartarugas.

Terceiro, encontramos maneiras de ensinar lições de vida espiritual ao longo do dia. Mediante uma disciplina cuidadosa, ensinamos um bebê a compartilhar, uma criança na idade pré-escolar a dizer a verdade, um menino do Ensino Fundamental a perseverar em suas tarefas de casa. Como nos mudamos para uma cidade e um bairro mais diversificados, nossos filhos ganharam amigos de diferentes crenças. Mesmo muito novos, eles têm a oportunidade de ser um bom exemplo de cristão para alguém de outra fé. Simplesmente fazer novos amigos tem sido uma maneira de ensiná-los sobre fazer a diferença na vida de outras pessoas.

Deus trabalha por intermédio de pessoas comuns e em circunstâncias comuns para cumprir seus propósitos. Preparar nossos filhos, cada um deles um indivíduo único e valioso, para andar em direção ao futuro e cumprir seus papéis como flechas de Deus no mundo é um trabalho imenso. Se você está sentindo o efeito chicote em seu casamento por causa dos filhos, significa que você está exatamente onde Deus quer que esteja. Afinal de contas, vamos precisar dele para essa tarefa enorme de viver segundo seu propósito e seu plano para o casamento com filhos.

Embora a vida de casado com filhos possa ser desafiadora, temos motivos para ter esperança e sermos encorajados. Há um caminho em frente, um caminho através, um caminho além de toda a loucura. A Palavra de Deus não mudou. As promessas de sua Palavra ainda permanecem. Estar casado com filhos é uma bagunça? É! Deus tem um propósito e um plano no meio disso tudo? É claro que sim! E nós gostamos de fazer parte dessa missão louca, desafiadora e impossível de criar filhos? Com certeza!

O voto ausente:

amar seu cônjuge com os filhos em casa

> A promessa diz respeito a ações, a coisas que posso fazer: ninguém pode fazer a promessa de ter determinado sentimento para sempre.
>
> C. S. Lewis, *Cristianismo puro e simples*

Meu (Patrick) pai faleceu de repente, em 2010, apenas oito meses antes de completar cinquenta anos de casamento com minha mãe. Não muito tempo depois, minha irmã mais velha deu a aliança de casamento dele para mim. Aquele presente me lembra de como ele amou sacrificialmente minha mãe por quase cinco décadas. Aquela aliança também me traz memórias que eu tenho de criança, sentado no colo de meu pai, girando aquela aliança de ouro ao redor de seu dedo. Na época, não passava de uma joia qualquer para mim. Eu a puxava, girava, e a segurava na palma da minha mão. Por fim, eu a escorregava para meu dedo, onde ela ficava pendurada, obviamente, grande demais para mim.

Nunca me ocorreu, até o dia em que me casei, quando Ruth colocou a minha aliança de casamento no meu dedo, que algo tão pequeno pudesse ser tão pesado. A aliança, imediatamente, pareceu grande demais. Não porque fosse muito grande para meu dedo de adulto, mas pelo significado que usar uma aliança de casamento tem. Eu ia precisar amadurecer para entrar no meu novo papel como marido de Ruth. Uma boa maneira de descrever como me senti no altar naquele dia seria: um pouco em pânico!

Agora, como pastor, tenho a alegria e o privilégio de celebrar muitos casamentos. Às vezes me é difícil olhar os casais saindo pelo corredor da igreja depois de trocarem seus votos. Sei que eles estão caminhando para o grande desconhecido. Eu me pergunto se eles, como eu no dia do meu casamento, também sentem um pouco de pânico ao pensar no que os espera à frente. Imagino se, no futuro, eles serão fiéis aos votos que fizeram um ao

outro. Imagino o que eles vão passar e como responderão quando os filhos chegarem. Será que eles vão lutar juntos, e não um contra o outro? Será que eles verão suas alianças apenas como uma joia cara ou as verão como um lembrete do chamado sagrado e precioso para se sacrificarem um pelo outro? Será que eles sairão pelo corredor da igreja juntos *e* continuarão juntos por toda a vida?

Penso na aliança de casamento de meu pai e imagino o dia em que ele e minha mãe subiram ao altar. Espero que eles tenham tido a própria imagem de casamento — uma visão provavelmente não muito diferente da sua ou da minha. Eles trocariam as alianças. Diriam seus votos. Declarariam seu amor. Diriam "sim". E, assim, a vida aconteceria! Eles também experimentariam a quebra de expectativas, a bagunça e todo o lado bom que o casamento e os filhos trazem.

Sou grato pelo encorajamento trazido pelo exemplo de vida e casamento de meus pais. Eles não descuidaram do propósito e da intenção divinos de trabalhar em prol de um casamento que honrasse ao Senhor à medida que nos criavam. É claro que o amor deles nem sempre foi perfeito, mas ainda assim eles o viveram com fidelidade. Eles fizeram todo o necessário para manter seus votos de amar um ao outro em todos os momentos da vida.

O voto ausente

Os tradicionais votos de casamento feitos pelos noivos existem há algum tempo. Eles remontam à Igreja da Inglaterra durante o século XVI. Esses votos são um compromisso a respeito do futuro do casal em sua vida juntos. Não são votos para sentir, perceber-se diferente, mas uma promessa, pacto ou declaração da intenção de se comportar de maneira diferenciada um com o outro:

Eu te recebo como minha esposa (marido)
e te prometo ser fiel,
amar e respeitar,
na alegria e na tristeza,
na riqueza e na pobreza,
na saúde e na doença,
por todos os dias da nossa vida,
até que a morte nos separe.

Esses votos são tremendos! Eles englobam o propósito e o plano de Deus para o casamento. São votos altruístas, sacrificiais, de compromisso e centrados um no outro. Eles expressam o coração de Deus para um homem e uma mulher que entram na aliança sagrada do casamento.

Entretanto, existe um problema. Está faltando um voto — e é um grande voto! É o voto para amar seu cônjuge com os filhos em casa.

O voto ausente tem a ver com nosso compromisso de amar um ao outro quando fazemos a transição do casamento apenas como casal para um casamento com filhos. Sem esse voto, falta um pedaço da imagem completa que Deus idealizou para o casamento e a família. Sem esse voto, estamos confortáveis, vivendo um casamento centrado nos filhos ou em nós mesmos. Isso é natural para nós! Logo, precisamos desse voto para nos lembrar de que Deus tem algo a mais para nós — um casamento e uma família centrados em Deus. Esse tipo de casamento exige que façamos um voto de continuar nos

amando um ao outro mesmo com os filhos em casa.

Por que o voto ausente é tão importante?

O casamento é tanto uma bênção que recebemos como uma luta que temos que travar com amor, compromisso, sacrifício e graça. O desafio no casamento não é como ele começa, mas como ele continua, cresce, amadurece e floresce com o tempo. A transição de casal para família cria todo um conjunto novo de complexidades e ameaças para o relacionamento do casal que pode tornar difícil a manutenção dos votos de casamento. De repente, o relacionamento não diz mais respeito a agradar um ao outro; agora, ele inclui a responsabilidade de cuidar de outros membros carentes (e pecadores) da família! Então, o trabalho de manter o relacionamento marido-mulher como prioridade exige muito esforço.

Pode soar estranho, mas um dos maiores desafios que enfrentamos para viver o voto ausente é nosso desejo de sermos ótimos pais. A maioria dos casais que têm filhos possui um desejo sincero de serem verdadeiramente bons pais. Criar os filhos, e libertá-los para amar a Deus e amar ao mundo, exige uma quantidade imensa de tempo, energia, trabalho e oração! Portanto, nos derramamos sobre essa tarefa com tudo o que temos. Afinal de contas, o que poderia ser tão ruim em sermos ótimos pais?

O casamento centrado nos filhos

O problema aparece quando nosso desejo de sermos ótimos pais ofusca nosso desejo de ter um ótimo casamento. Com nosso desejo de criar os filhos da maneira certa, nosso amor um pelo outro é jogado para escanteio. Não intencionalmente, é claro. Mas acontece. Os efeitos disso raramente são vistos ou percebidos de imediato, mas podem crescer e se tornar problemas significativos:

- As necessidades do casal são negligenciadas.
- A intimidade definha.
- O romance esfria.
- Os conflitos ficam sem resolução.
- A comunicação significativa se torna rara ou inexistente.
- A atenção e o afeto mudam do cônjuge para o filho.

- As decisões financeiras são dominadas pelas necessidades e pelos desejos da criança.

Tudo isso indica que um casal está se movendo para a arena do casamento centrado demais nos filhos. As necessidades e preocupações da criança são satisfeitas ao custo de um casamento que já foi saudável e honrava a Deus. Isso é completamente normal! É de se esperar em momentos de transição, mas não deve se tornar um modo de vida.

Sinais de um casamento centrado nos filhos

Quando as crianças chegam, todo casal luta para manter o propósito e o plano de Deus para seu casamento. A avaliação a seguir pode ajudar você a determinar se seu casamento e sua família está prestes a se tornar centrados nos filhos:

1. Você com frequência se sente ocupado demais, com compromissos demais e esgotado por causa das atividades de seus filhos?
2. Você já sentiu que seus filhos têm muito poucas responsabilidades porque você e seu cônjuge fazem tudo?
3. Você e seu cônjuge têm dificuldade para encontrar tempo para saírem sozinhos a noite (pelo menos duas vezes ao mês) por causa das atividades dos seus filhos?
4. Vocês dois acham difícil encontrar tempo para viajar em um final de semana (sem as crianças) por causa do calendário dos seus filhos?
5. A intimidade física de vocês perdeu um pouco da paixão e do romance porque vocês se dão por completo para as prioridades das crianças, a ponto de se sentirem muito cansados, ocupados, distraídos ou apenas sem interesse de envolvimento?
6. Você já sentiu que suas necessidades e seus desejos são negligenciados por causa da atenção que seu cônjuge dá as crianças?
7. Você já se sentiu cercado pela família, mas solitário em seu casamento?
8. Você já sentiu que a maior parte de sua comunicação com seu cônjuge é sobre as crianças e não sobre vocês?
9. Vocês já deixaram de sair de férias com a família por causa da atividade esportiva ou qualquer outra atividade de um filho?
10. Você já sentiu que os desejos e necessidades dos seus filhos, em vez dos seus e de seu cônjuge, está traçando o curso de sua família?

Se vocês responderam “sim” a cinco ou mais perguntas, está experimentando um casamento e uma família centrados nos filhos. Se responderam “sim” a três ou quatro perguntas, está prestes a se tornar um casamento e uma família centrados nos filhos.

Em nosso casamento, experimentamos todos os desafios de passar de casados para casados com filhos. Amávamos ser pais. Tínhamos a Noite da Pizza porque Tyler adora comer. Tínhamos a Noite dos Esportes, pois Noah é nosso pequeno competidor. E fazíamos a Noite do Cinema, pois Sophia e Bella amam uma boa história. Até tentamos algumas Noites de Aventura (acampamentos no quintal), que não se saíram tão bem! No meio de toda a diversão de sermos pais, precisávamos nos lembrar de que estava tudo bem, pois continuávamos grandes amantes. Não paramos de fazer algumas dessas coisas legais como família, mas construímos intencionalmente algum tempo

para nós dois. É possível ter uma grande família e um grande casamento.

É aqui que o voto ausente — nosso compromisso de continuar amando nosso cônjuge quando temos filhos em casa — entra em cena. Quando nos aprofundamos um pouco mais sobre como funcionamos na vida diária, podemos encontrar alguns fatores motivacionais normais (mas nem sempre bons) que podem deixar qualquer casal em problemas. Vamos dar uma olhada nessas áreas e renovar nosso compromisso de colocar o amor por nossos filhos *e* por nosso cônjuge, cada um em seu lugar correto.

Queremos ser ótimos pais porque temos medo de errar. Queremos realmente que nossos filhos sejam saudáveis e felizes à medida que crescem e se desenvolvem. Mas o medo pode nos levar a acreditar que precisamos ser pais perfeitos. Podemos nos tornar tão preocupados e consumidos pela ideia de não fazer tudo certo que a criação de filhos se torna tudo para nós. Como um vácuo gigante, nosso medo de fracassar como pais suga a energia e a emoção do nosso casamento!

Às vezes, pensamos que, para sermos ótimos pais, temos que dar aos nossos filhos tudo o que não tivemos na nossa infância. Queremos fazer o possível para sustentar nossos filhos e prepará- -los para o sucesso quando saírem de casa. À primeira vista, dar aos nossos filhos o melhor de tudo parece nobre, mas não é sempre a melhor escolha para eles. Isso é particularmente verdadeiro se a busca por dar o melhor para eles cria uma distância entre marido e mulher. Essa distância pode tomar forma se nos engajarmos em muitas atividades ou justificarmos seguidas horas extras no trabalho para o bem de nossos filhos. Educação cara, roupas da moda, treinamento em atividades específicas, ou certa qualidade de estilo de vida podem ser coisas boas. Mas temos que considerar nossa motivação. Se nos sentirmos motivados a fornecer certas coisas para corrigir o que achamos que nossos pais fizeram errado, isso pode provocar uma cisão entre marido e mulher.

Finalmente, nosso desejo de sermos ótimos pais pode ser motivado pelo o que nossa cultura diz que nossos filhos deveriam ter, e não pelo que Deus diz que eles deveriam ter. Como um bando de estudantes que faz o que o grupo está fazendo, podemos seguir cegamente o que nossa cultura diz ser normal. Isso pode acontecer na área da educação, do vestuário, das experiências e atividades. Tentar estar à altura do que outros estão fazendo ao nosso redor

pode nos levar a colocar ênfase demais na criação dos nossos filhos, e de menos no nosso casamento.

O casamento centrado no eu

Ter um casamento centrado nos filhos não é a única ameaça para se viver o voto de amar seu cônjuge com os filhos em casa. A outra grande ameaça para se viver esse voto ausente é o "eu"!

Eu (Patrick) me encontrei com um casal que estava no meio dessa tentativa de administrar seu casamento com os filhos em casa. O marido olhou para mim e disse: "É tão difícil! Eu quero chegar em casa e desfrutar de um pouco de paz e silêncio." Quem não quer? O problema era que ele sempre quis paz e silêncio. Ao longo do tempo, seu desejo e demanda contínua por uma estrada mais fácil estava se tornando uma desculpa para evitar o trabalho árduo de amar sua esposa.

Outro casal que encontrei passava por momentos difíceis, não financeiramente, mas em seu relacionamento. O casal tinha um relacionamento atribulado. As expectativas da esposa para o casamento e a família eram tão altas que nem o Dr. Phil[3] poderia tê-las satisfeito. Seu marido estava tentando, mas a imagem ideal dela era exigente demais para qualquer pessoa do mundo real. Não era a imagem de Deus que ela buscava — era a própria imagem.

Nós entendemos essas necessidades e esses desejos emocionais. Meu (Patrick) escritório fica a apenas cinco minutos da nossa casa. Embora a pouca distância possa ser boa para economizar combustível, às vezes, não chega nem perto do tempo necessário para relaxar depois de um longo dia! Há muitos dias em que penso: *Seria bom demais ir para casa e apenas sentar na frente do computador ou sair para uma corridinha, tirar uma soneca ou só ficar vegetando!* Aí me lembro de que estou dirigindo uma minivan por um motivo. Sou casado. Sou marido e pai. Tempo para mim? Até parece!

Eu (Ruth) tenho que admitir que é fácil ter vontade de dar as crianças para o Patrick assim que ele atravessa a porta. Quero, imediatamente, colocá-lo para levar os cachorros para fora, ajudar um filho com as tarefas de casa, terminar de fazer o jantar ou correr para o mercado. Depois de um longo dia com as crianças, eu não me importaria de ter um tempo só para mim também!

Afinal de contas, eu preferiria estar no shopping. Deixar o cozinheiro e a empregada tomarem conta das coisas! Daí, lembro-me de que sou casada. Sou esposa e mãe, e não temos cozinheiro nem empregada.

Todos nós sentimos o desafio de tentar ter um casamento e uma família que honrem a Deus. Por causa dos sacrifícios pessoais que fazemos por nosso cônjuge e por nossos filhos, podemos nos achar "merecedores" de algo mais para nós mesmos. Mas uma das maiores ameaças à experiência do propósito e plano de Deus para o casamento e a família é nosso egoísmo. Podemos nos tornar muito autocentrados. Como resultado, podemos:

Negligenciar nossas responsabilidades por achar que já fizemos o suficiente.

Desvincular-nos emocional ou fisicamente — sair quando deveríamos estar entrando.

Nos tornar ocupados demais no trabalho para ter um tempo significativo com nosso cônjuge ou família.

Basear todas as nossas decisões naquilo que queremos, em vez de naquilo que é melhor ou correto para nosso cônjuge.

Nos tornar exigentes ou controladores demais — insistindo para que as coisas sejam feitas da nossa maneira e no nosso tempo.

Agir com orgulho, como se estivéssemos sempre certos.

Não ter compaixão e compreensão quando o inesperado acontece.

A ameaça de um casamento centrado nos filhos ou no eu pode levar o casamento e a família a se degenerar. Isso pode nos levar a viver fora de equilíbrio e de sintonia com a visão de Deus. Sua imagem de casamento e família se torna distorcida. Para desfrutar completamente daquilo que ele nos deu, devemos voltar para o que ele quer.

Só nós Dois

Tire algum tempo para conversar sobre como seu relacionamento pode se tornar mais forte e mais saudável se vocês se concentrarem mais em um casamento centrado em Deus, em vez de em um casamento centrado nos filhos ou no eu:

- Quais são as boas coisas que tornamos prioridade por nossos filhos e que podem não ser boas para nós, como casal?
- O que podemos fazer para prestar mais atenção em nosso casamento e equilibrar essa prioridade?
- De quais maneiras somos, as vezes, centrados em nós mesmos?
- Como podemos, gentilmente, nos incentivar um ao outro a sair do comportamento egoísta?

Amantes altruístas

Depois de ter estado fora durante um final de semana, falando em uma conferência de mães, eu (Ruth) aterrissei em segurança no aeroporto mais perto de casa. Tendo ainda uma hora e meia até chegar em casa, comecei a me apavorar com as responsabilidades que me aguardavam. *Há, provavelmente, um monte de roupa me esperando*, pensei. *Será que alguém lavou a louça? Será que alguém alimentou os peixes?* E assim segui, com um filme passando pela minha cabeça, pensando no que encontraria. Para minha surpresa (desculpe, amor), eu estava errada. Quando cheguei, a casa estava limpa, a roupa lavada, os peixes vivos e as crianças tinham até tomado banho!

Eu (Patrick) queria ser sempre tão prestativo assim. Naquela ocasião, eu estava no meu melhor momento!

Devemos nos tornar amantes altruístas um do outro se quisermos ser bem-sucedidos em viver o voto ausente. Deus idealizou que tivéssemos tanto um casamento como uma família que o honrassem. Ambos são possíveis, mas não podem existir sem um fundamento de amor altruísta e sacrificial. Jesus é nosso maior exemplo de como ter uma vida de amor sacrificial.

Em nosso relacionamento um com o outro, devemos ter a mesma atitude de Cristo Jesus:

> que, embora sendo Deus,
> não considerou que o ser igual a Deus era algo
> a que devia apegar-se;
> mas esvaziou-se a si mesmo,
> vindo a ser servo,
> tornando-se semelhante aos homens.
> E, sendo encontrado em forma humana,
> humilhou-se a si mesmo
> e foi obediente até a morte,
> e morte de cruz! (Filipenses 2:5-8)

Jesus era um amante altruísta. Sacrificou poder, posição e prazer para se mover em nossa direção. Ele nos deu o que não merecíamos. Fez por nós o que nunca poderíamos ter feito por nós mesmos. Em Cristo, Deus nos serviu de forma altruísta e sacrificial para nos salvar, e ordenou que seguíssemos seus passos ao amar e servir uns aos outros com humildade. Devemos estar centrados em Cristo para que não nos tornemos centrados nos filhos ou em nós mesmos.

O voto ausente — de amar seu cônjuge com os filhos em casa — cumpre a intenção, a esperança e a visão de Deus para o casamento e a família. Com todas as mudanças e desafios que as crianças trazem para a vida, é crucial não negligenciarmos a relação marido-mulher. Precisamos da amizade e do companheirismo do cônjuge que Deus nos deu. Nosso cônjuge ajuda a tornar mais leve a responsabilidade pesada que as crianças trazem para o casamento. Embora a criação de filhos seja cheia de autossacrifício e amor de alto custo, há também espaço para fazer de nosso casamento, de nosso relacionamento marido-mulher, uma prioridade.

Recentemente, dissemos aos nossos filhos que iríamos sair para jantar.

— O papai vai levar a mamãe para um jantar romântico — eu disse para nosso filho mais velho. — Vamos sair para dar uma fugidinha — adicionei.

— Fugir de nós? — perguntou ele, meio brincando e meio sério.

— Exatamente! — respondi.

Um dos maiores presentes que podemos dar aos nossos filhos é um casamento saudável, amoroso e que honre a Deus. As crianças se unirão a nós no caminho, mas temos que tomar cuidado para eles não ficarem entre nós nessa jornada.

Inflamando as chamas:

sexo com seu cônjuge com os filhos em casa

> O prazer é uma ideia de Deus, e Deus é o inimigo do diabo. O diabo, na verdade, odeia o prazer, porque odeia o Deus do prazer.
>
> Ben Patterson, *Sex and the Supremacy of Christ*
> [Sexo e a supremacia de Cristo]

"Então há sexo depois dos filhos?", perguntamos a alguns amigos. Ruth estava prestes a dar à luz nosso primeiro filho e essa era uma questão importante. Já tínhamos ouvido as histórias de terror sobre o romance depois dos filhos. Precisávamos de respostas. Ou, pelo menos, eu (Patrick) precisava de respostas.

Como é que a própria coisa que trouxe essas crianças ao mundo poderia ser perdida depois que eles chegassem?, eu me perguntava. Era compreensível, do ponto de vista físico, a necessidade de algum tempo de recuperação depois do parto. Mas as histórias da falta de sexo por um longo período — histórias de mães cansadas, apetite sexual diminuído, privacidade limitada e perda de espontaneidade no quarto — prenderam minha atenção. Como homem, marido e pai, estava preocupado.

Eu (Ruth) não estava preocupada com isso. Estava tendo meu primeiro filho e só conseguia pensar sobre como cuidaria dele. É claro que ainda passarei muito tempo com meu marido no quarto, pensei. *Qual é o problema?* Deixei passar, como um pensamento fugaz, convencida de que tudo permaneceria igual.

Como eu estava errada! Não estava nem um pouco preparada para como meu corpo se sentiria fisicamente, e como eu me sentiria emocionalmente, depois do parto.

Nossa vida sexual… mudou

A resposta à pergunta que fizemos aos nossos amigos é: sim, é claro. Há sexo depois dos filhos. Mas se você é como a maioria dos casais, o romance em geral é diferente depois que os filhos aparecem. Os primeiros anos de casamento com filhos são duros.

Como homem, eu (Patrick) não estava muito sensível ao fato de que um ser humano de mais de três quilos tinha saído do corpo de Ruth. Sem sabedoria alguma e cheio de egoísmo, estava alheio até às mudanças físicas causadas pelo parto.

Para mim (Ruth), o sexo e o romance se tornaram mais um pensamento secundário. Não que eu não amasse e quisesse estar com meu marido — eu apenas estava exausta. Com o puxa e repuxa constante da criação de filhos, o sexo no final do dia, às vezes, parecia demais. Nem sempre eu estava sensível às necessidades de meu marido.

A ambos faltava sabedoria. Nada mudou para mim (Patrick). Tudo mudou para mim (Ruth). Tivemos que aprender a nos reconectar e cultivar uma vida saudável de romance. Pela graça de Deus, com muita tentativa e erro, muita comunicação e mais maturidade, temos agora uma vida sexual melhor do que nunca. Mas não há dúvida de que foram necessários esforços intencionais, risadas e muita humildade para criar uma vida sexual saudável com os filhos em casa. E ainda temos que trabalhar nisso.

Costumávamos viver em uma casa da década de 1920. Amávamos tudo naquela casa, menos uma coisa: a porta do nosso quarto não trancava. Com filhos compartilhando quartos bem na frente do nosso, tivemos que, praticamente, remodelar nosso quarto somente para manter a porta fechada!

Repare no exercício que fazíamos. Primeiro, tínhamos que colocar o criado-mudo na frente da porta do quarto. O abajur que ficava sobre ele tinha um cabo curto; então, ou tínhamos que desligá-lo e movê-lo com o criado ou colocá-lo no chão. Como o móvel não era muito pesado, colocávamos o cesto de roupa suja (de preferência cheio, para ficar mais pesado) contra o criado-mudo. Finalmente, carregávamos uma grande poltrona por todo o quarto.

Tudo isso tinha que ser feito quase em silêncio para não acordar as crianças ou causar uma preocupação indevida de que estivéssemos nos mudando. Não era muito romântico, mas era o que tínhamos que fazer durante essa fase da vida para ter alguma privacidade e manter nossa paixão como prioridade.

Por que tínhamos todo esse trabalho? Por dois motivos: primeiro, gostamos de sexo e queríamos continuar praticando. Segundo, valorizamos nosso relacionamento e precisávamos fazer isso.

Sexo — um bom presente a ser desfrutado

O sexo é uma parte importante de um casamento saudável. Ele une um homem e uma mulher como nenhuma outra experiência. Aprendemos, bem no começo da Bíblia, que nossa sexualidade é um bom presente de Deus. Na experiência sexual, um marido e uma mulher podem ser completamente livres e vulneráveis para desfrutar um do outro.

Deus declarou que tudo o que criou, incluindo o casamento e a sexualidade, era bom. Seu desejo para o casamento, como resumido em Gênesis 2:24, era que o homem e a mulher se unissem, construíssem uma família e desfrutassem de tudo isso: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne.”

Deus, em sua natureza, é pleno de alegria, prazer, intimidade e criatividade. Nossa experiência de sexo, quando traz alegria e intimidade, nos dá um retrato da alegria e da intimidade que é nossa em Cristo por toda a eternidade. Como é verdade com todos os dons que Deus nos dá, ele quer que sejamos mordomos sábios. Deus quer que desfrutemos do prazer e da intimidade do sexo, mas sempre em seu devido lugar — nunca sendo mais importante para nós do que amar a Deus e um ao outro, e nunca sendo menos do que deveria ser.

Somos responsáveis não apenas por desfrutar, como também por proteger e preservar o presente do sexo em toda a nossa vida matrimonial. Em Marcos 10:6-9, a Bíblia diz que um marido e uma mulher não devem deixar que “ninguém os separe”. Isso significa que precisamos proteger nossa intimidade dos invasores! Geralmente, pensamos que isso se refere à infidelidade conjugal, à quebra de nossos votos de aliança com outra pessoa que não é nosso cônjuge. Mas há outra consideração aqui. Se não formos cuidadosos, nossos herdeiros podem ficar entre nós e diminuir nossa intimidade.

Essa é a parte difícil sobre manter o relacionamento conjugal como prioridade com os filhos em casa. Normalmente, não pensamos em nossos filhos como uma potencial ameaça. Sabemos que precisamos guardar a fidelidade de nosso relacionamento conjugal de outros homens e mulheres.

Quase nunca pensamos que nosso casamento precisa ser protegido de nossa carne e sangue. Mas precisa — especialmente se quisermos manter viva nossa intimidade relacional e física.

Não é segredo que o desfrute e o compromisso do sexo enfrentam novos desafios quando os filhos chegam. Isso é bem verdade durante os primeiros anos dos filhos. Essa fase da vida, quando o sexo pode ser doloroso, menos frequente, ou um trabalho mais árduo, pode causar estragos em nossa vida sexual. Ela requer a manutenção do equilíbrio adequado do nosso entendimento do sexo.

Como os filhos geram impacto no romance de um casal, temos que tomar cuidado para não deixar a criação dos filhos privar de paixão o casamento. Deus nos deu o sexo para nosso benefício, prazer e intimidade. Embora possamos ser tentados a negligenciar esse presente, um casamento saudável deseja manter a paixão como prioridade, inflamando sua chama.

Ter filhos não significa ter que sacrificar o romance existente. Ter filhos em casa exige um ajuste para manter o romance, mas não tem que significar a ausência de romance.

“Pai, o que é o Cântico dos Cânticos?”

Há não muito tempo, um dos nossos filhos nos lembrou, sem querer, do quanto a Bíblia tem a dizer sobre o presente do romance. De fato, tivemos que censurar a leitura bíblica deles depois de sua descoberta!

Em uma sexta-feira à noite, carregamos a minivan com nossa tribo e saímos para jantar. Como nosso destino estava a uma hora de distância, as crianças levaram livros e revistas para ocupar seu tempo no carro. Nossa filha mais velha levou sua Bíblia.

Estávamos emocionados de que nossos filhos já estivessem na idade em que podiam e queriam ler a Bíblia sozinhos, e ficamos muito felizes quando ela levou sua Bíblia para ler. Saímos para a estrada com um sentimento de alegria e realização. Vinte minutos depois de iniciar a viagem, e nossa filha, sua leitura, ouvimos a pergunta. Pedimos que ela repetisse só para garantir, e sim, tínhamos ouvido certo da primeira vez.

— O que é o Cântico dos Cânticos? — perguntou ela.

Somos ambos graduados pelo Instituto Bíblico Moody, então, sabemos exatamente o que é o Cântico dos Cânticos. Tentando ganhar tempo, desejando poder “ligar para um amigo”, eu (Patrick) gaguejei nervoso para achar as palavras certas.

— O que mesmo, querida?

— O que é o Cântico dos Cânticos? — ela perguntou de novo.

— É um livro do Antigo Testamento — eu disse. — Sabe, é tipo… ah… tipo uma música de amor ou poema… entre um marido e uma mulher, é claro. Por quê? — (Ui!) Nós dois sabíamos a resposta sobre por que ela estava perguntando, mas não queríamos nos exceder.

— Bem, é esquisito — ela disse.

— Sim, sim, é mesmo. Hmmm, por que você não fica no Novo Testamento agora?

Nos quarenta minutos seguintes eu fiquei olhando pelo retrovisor para ter certeza de que ela continuava fora do poema de amor fervoroso de Salomão! Quem diria que teríamos que censurar a leitura bíblica de nossos filhos!

Essa interação com nossa filha é um lembrete do quanto a Bíblia tem a dizer sobre romance. Observe algumas das expressões íntimas encontradas em Cântico dos Cânticos:

Ah, se ele me beijasse, se a sua boca me cobrisse de beijos…
Sim, as suas carícias são mais agradáveis que o vinho. (1:2)

Como você é linda, minha querida!
Ah, como é linda!
Seus olhos são pombas.

Como você é belo, meu amado!
Ah, como é encantador!
Verdejante é o nosso leito. (1:15-16)

Por favor, sustentem-me com passas,
revigorem-me com maçãs,
pois estou doente de amor.
O seu braço esquerdo esteja debaixo da minha cabeça,
e o seu braço direito me abrace. (2:5-6)

Como você é linda! Como você me agrada!
Oh, o amor e suas delícias!
Seu porte é como o da palmeira,
e os seus seios como cachos de frutos. (7:6-7)

Eu cresci na igreja, como filho de pastor, e não tinha ideia de que esse tipo de linguagem estava na Bíblia até chegar à faculdade! O Cântico dos Cânticos é uma grande celebração de amor entre um marido e uma mulher. É uma demonstração linda, e às vezes gráfica, da intenção de Deus para o casamento. Quem diria? O sexo foi ideia de Deus, presente dele para nós. Quando um casal entra no romance e no sexo segundo os termos de Deus, o sexo é uma bênção incrível para ser desfrutada. Vamos nos certificar de guardar e cultivar nosso romance, mesmo com os filhos em casa.

As coisas mudaram (mas não para sempre)

Sempre parece um pouco desconfortável quando seu médico fala com você sobre sexo. Mas, nessa ocasião, estávamos especialmente interessados. O médico estava nos contando o que esperar depois do parto. Eu (Ruth) já tinha dito para o Patrick que teríamos que esperar pelo menos seis semanas, se não mais, antes de poder retomar o sexo. É claro que ele não acreditou em mim. Ou, pelo menos, negou os fatos. O médico, então, deu a notícia.

Olhei para o Patrick e me segurei para não dizer: “Eu não disse?”

Se você é mãe de filhos pequenos e está ainda na fase do pós--parto, o sexo e os sentimentos românticos podem ser a coisa mais distante da sua mente. Tudo o que você quer fazer no fim do dia é enterrar sua cabeça no travesseiro e aproveitar o silêncio e o sono. A última coisa que quer é mais atividade. Seis semanas ou não, você não quer que ninguém, inclusive seu marido, toque em seu corpo — especialmente em seus seios!

Como homem, eu (Patrick) perdi completamente o memorando a respeito dos efeitos do parto sobre o corpo de uma mulher. Tudo muda depois dos filhos, e eu tive que aprender isso da pior maneira. Não tinha ideia das mudanças hormonais e biológicas reais que estavam acontecendo. Como muitos homens, levei a falta de interesse de Ruth como algo pessoal. Presumi que algo estava errado comigo. Também pensei que algo não apenas estivesse diferente, mas muito errado com ela.

Muitas das nossas brigas durante aqueles anos surgiram da minha falta de compreensão das dificuldades dessa fase na vida de uma nova mãe. Meu corpo não mudou. Eu não conseguia compreender o que estava acontecendo com o corpo dela.

O Dr. John Gartner observa o significado dessa mudança hormonal na mulher depois de ter filhos. Ele escreve: “A mudança abrupta na conexão sexual entre os parceiros é influenciada pelos hormônios. Ao longo dos anos de amamentação, a produção de prolactina diminui os hormônios sexuais estrogênio e testosterona, encorajando biologicamente a mulher a tirar a ênfase do acasalamento e a concentrar sua energia em manter seu recém-

nascido vivo. Além disso, a amamentação estimula a ocitocina, um hormônio de ligação que desperta uma mudança de atenção do marido em direção ao bebê."[4]

Sim, tinha muita coisa acontecendo no meu (Ruth) corpo. Eu não só estava cansada, emotiva e nervosa — tudo ao mesmo tempo — como me sentia uma baleia encalhada na praia. Foi uma época difícil para mim. Eu realmente queria que alguém tivesse me dito que aqueles anos eram só uma fase. Gravidez e parto, recém-nascidos e bebês são apenas parte de uma fase, e para muitas de nós aquela fase é muito curta.

Se você achar essa fase difícil para sua vida sexual, não perca as esperanças. Eu (Patrick) tive que entender que essa fase é cheia de mudanças para a mulher. Para mim, isso significou aprender a ser paciente, gentil e compreensivo. Para mim (Ruth), tive que aprender que, embora essa fase fosse diferente, nosso romance e intimidade não podiam ser negligenciados. Perceber que tínhamos necessidades e desejos diferentes durante essa fase difícil não me deu nenhuma desculpa para suspender ou negligenciar nossa intimidade física.

Namoro: um tempo só para os dois

Lembramos bem de nosso primeiro encontro como pais. Foi a primeira vez que saímos, desde que nosso filho mais velho, Tyler, nasceu, quase um ano antes. Embora estivéssemos muitas vezes exaustos da tarefa ininterrupta da criação de filhos, das noites sem sono e de poucos estímulos adultos, realmente amávamos estar com nosso filho. Mas, por fim, tiramos um tempo para namorar. Tecnicamente, fomos forçados a sair. Bons amigos nos informaram gentilmente, mas de maneira inflexível, que deixaríamos nosso filho, nosso amado e único filho, na casa deles naquela noite.

Nossa única responsabilidade era sair para namorar. Não compreendemos totalmente a persistência deles na época, mas logo apreciamos sua sabedoria. Eles compreendiam a necessidade do papai e da mamãe saírem, sozinhos, como marido e mulher.

Por quase um ano estivemos remoendo os risos, sorrisos e terror absoluto de sermos responsáveis por um ser humano de fraldas. Na verdade não conversávamos sobre isso, mas, em segredo, nos resignávamos à nova realidade que girava ao redor de nosso filho. Namoro era uma coisa do passado (ou assim pensávamos). Tempo sozinhos? Nenhum.

E, assim, saímos, relutantes. Deve ter sido o jantar mais curto da história. Nós dois duramos cerca de uma hora sem nosso filho. Precisávamos desesperadamente desse tempo fora, mas estávamos ansiosos por voltar. Afinal de contas, éramos seus pais. E se ele gostasse demais de nossos amigos? Será que ele estava sofrendo a ansiedade da separação? Estava assustado? Com fome? Ainda reconheceria nossas vozes? Engolimos nossa comida, pulamos o cinema e voltamos para pegá-lo.

Nossas preocupações estavam um pouco inflacionadas. Como novos pais, estávamos consumidos pela ideia de sermos os melhores pais do mundo. Estávamos concentrados demais em tentar fazer tudo certo — tanto que não conseguíamos nem mesmo desfrutar do tempo fora sem que a criança ocupasse todos os nossos pensamentos e conversas! É bom querer criar bem os filhos, mas não se isso interferir no cultivo de um casamento saudável, em

que a intimidade está viva e crescendo. Um casamento saudável é um dos maiores presentes que podemos dar aos nossos filhos.

Como pastor, eu (Patrick) faço aconselhamento de casais. Quase sempre pergunto: “Quando foi a última vez que vocês saíram para namorar?” E sempre me surpreendo como os casais têm pouco tempo juntos sozinhos. Essas são as respostas que sempre ouço:

- “Nunca.”
- “Não me lembro da última vez que saímos.”
- “Não saímos desde que nos casamos.”
- “No ano passado!”

As desculpas para o casal não passar tempo juntos são sempre previsíveis e compreensíveis — não há tempo suficiente, é muito caro, nunca marcamos.

Compreendemos as pressões e complicações, mas elas não mudam a necessidade de manter o casamento vivo e saudável. Precisamos nos dar permissão para sair e ficar sozinhos — juntos.

Embora nossa primeira tentativa de namoro depois dos filhos não tenha ido tão bem, desde lá temos feito das noites fora uma obrigação em nossas agendas. Quando nossos filhos eram muito pequenos e as finanças estavam apertadas, isso demandava muito esforço e planejamento. Uma coisa que funcionava era cooperar com outros casais na mesma situação. Fazíamos turnos cuidando dos filhos uns dos outros nas noites de namoro. Isso fornecia uma noite livre cuidando das crianças para que cada casal pudesse sair sem o custo adicional de pagar por uma babá.

Cada casal é diferente e tem que descobrir o que funciona melhor para si. Ainda tentamos sair sozinhos ao menos duas vezes por mês. Se possível, planejamos um final de semana fora uma vez por ano, só nós dois. Sempre nos impressiona como voltamos recarregados e renovados desse tempo fora. Todo casal precisa alimentar e nutrir seu casamento, então, encorajamos que vocês saiam e fiquem sozinhos. Sua vida amorosa precisa disso!

Só nós Dois

Há muitas maneiras para que marido e mulher possam cultivar uma vida romântica mais saudável. Tirem um tempo, só vocês dois, para explorar maneiras de manter vivo seu amor romântico.

- Identifiquem uma ou duas mudanças que poderiam trazer um impacto positivo em seu romance neste momento.
- O que você e seu cônjuge podem fazer para tornar a intimidade física uma prioridade maior em suas vidas?
- O que você pode fazer para seu cônjuge se sentir mais desejado e cortejado por você?

Agendando o sexo

Falando de nutrir sua vida amorosa, como lhe parece esse encontro romântico?

> — Então, parece que você vai só dormir? — eu (Patrick) perguntei.
> Não dei tempo para a Ruth responder. Rolei para o outro lado, me sentindo um pouco rejeitado e bravo.
> — Bom, eu não tenho que dormir — respondeu Ruth. — Estou exausta e pensei que você estivesse apenas indo dormir — acrescentou.
> — Não importa — respondi.
> —Ai, ai! — suspirou Ruth.

Nessa hora, meus sentimentos românticos já tinham ido embora. Minha resposta imatura e minhas expectativas despedaçadas garantiram que não haveria romance entre nós.

Tivéramos um longo dia. Trabalho, reuniões, filhos e jogos de futebol. Eu (Patrick) pensava que um final perfeito para um longo dia era um pouco de romance. Ruth pensava que um final perfeito para um dia corrido era dormir um pouco. Tínhamos expectativas diferentes para a agenda daquela noite! Por isso fomos para a cama furiosos.

Pode não parecer incrivelmente romântico, mas, às vezes, precisamos marcar hora na agenda para o sexo. O fato de termos que planejar o sexo não significa que não gostemos mais dele. Pense em quando você estava namorando, antes de casar. É provável que você marcasse seus encontros com antecedência e ansiasse por aquelas noites com grande expectativa. Você pensava no que ia vestir, onde jantaria e sobre o que conversaria. Os “encontros” de sexo também podem ser cheios de planejamento cuidadoso e expectativas.

A criação de filhos vem com um calendário junto. É muito útil quando o casal compartilha o entendimento de quais momentos são mais desejáveis

para o sexo. Uma agenda tira de cena os potenciais desapontamentos de expectativas frustradas. Os conflitos que começam porque um de nós pensou que dormiria e o outro pensou que faria sexo não acontecem mais.

Alguns casais agendam “rapidinhas” várias vezes por semana, sabendo que durante a semana seu tempo juntos é limitado. No final de semana, eles escolhem uma noite para um encontro romântico mais longo, que pode incluir mais beijos, preliminares, música e, até mesmo, velas. Podem devotar mais tempo um ao outro porque não têm a pressão das atividades ou a necessidade de acordar cedo e ir trabalhar na manhã seguinte.

Cada casal é diferente. Vocês precisam decidir o que funciona melhor para os dois. Seja como for, você não deve comparar o seu normal com o que é normal para outro casal. O importante é criar tempo e espaço para se relacionar romanticamente um com o outro.

Mantenha o tédio fora do quarto

Ter uma vida sexual saudável exige muita exploração, que é de onde vem a diversão. Muitos casais, especialmente com filhos em casa, estabelecem uma rotina prejudicial em seu romance. O sexo é sempre feito na mesma hora, no mesmo lugar, da mesma forma.

O próprio ato que deveria trazer intimidade e prazer incríveis pode se tornar tão interessante quanto escovar os dentes (ok, isso pode ser um pouco de exagero). Mas tenha consciência de que, como qualquer experiência nova, há uma curva de aprendizado.

— O que você está fazendo? — perguntou Ruth.

— Hmmm, isso não é bom? — respondi, envergonhado.

— Nem um pouco!

Eu (Patrick) estava derrotado e vazio. Estava cansado de fazer sexo sempre do mesmo jeito. Então, pensei que poderia apimentar um pouco as coisas e tentar algo diferente. Diferente era certo! De volta à mesa de desenho!

Não entramos no casamento e no quarto sabendo tudo. Tivemos que aprender a dirigir. Vai levar algum tempo para descobrir o sexo. Portanto, não tenha medo de conversar com seu cônjuge. Não é vergonha alguma trabalhar juntos para que se comuniquem sobre o que funciona e o que é bom. O conhecimento um do outro em um casal deveria se estender para o quarto. Aprender o que agrada ao outro leva tempo, humildade e comunicação.

O ponto é: devemos estar vigilantes para não deixar o tédio se estabelecer em nosso quarto. Sejam criativos. Leiam um livro juntos. Tentem novas posições. Agendem outro horário do dia. Troquem de quarto. Façam algo diferente para apimentar as coisas!

Dever e desejo

Muitos homens e mulheres expressam e experimentam preocupação sobre seu “dever” com o outro. Um marido e uma mulher podem passar por fases na vida quando a intimidade física não parece mais o presente belo e prazeroso que Deus idealizou. O que podemos fazer quando o dever substitui o prazer e o sexo parece mais uma tarefa do que um presente?

Embora não haja fórmula ou tempo ideal para uma solução, há maneiras para ajudar a passar pelas fases quando nos sentimos pouco românticos no quarto:

- Tente algo novo ou diferente. O tédio no quarto pode deixar o marido ou a mulher sentindo menos desejo e mais dever.
- Converse sobre o que dá prazer e o que não dá. Não tenha medo de conversar com seu cônjuge sobre o que funciona e o que não funciona.
- Descanse mais. Se não tomarmos cuidado, o estresse, o excesso de tarefas e a exaustão física ou emocional podem sugar do romance sua excitação.
- Faça exercícios. Exercitar-se não é fácil para ninguém, mas pode melhorar sua energia, humor e até seu apetite sexual.
- Finalmente, cuidem para não se recusarem mutuamente, mesmo que o desejo não esteja sempre “aquela” coisa (1Coríntios 7:3-5).

Não parem de cortejar um ao outro

À medida que um relacionamento de casamento progride e o tempo passa, é provável que se estabeleça a tentação de parar de cortejar seu cônjuge. Quando as crianças chegam, é fácil parar de tentar. O marido e a mulher podem se afundar no modo sobrevivência, esquecendo-se de cortejar um ao outro e de permanecer atraente para o parceiro. Tanto o marido quanto a mulher podem ser culpados de abandonarem a si mesmos (e ao relacionamento).

Por favor, não entenda mal. Não estamos pressionando o marido ou a mulher a lutar por um padrão impossível de perfeição. Essa é a vida real! As coisas começam a se tornar rotineiras e comuns. Esquecemos que deveríamos ser o maior fã de nosso cônjuge. Ficamos descuidados na expressão de nossos sentimentos por ele. O que estamos dizendo é que o marido ou a mulher nunca deveriam parar de tentar!

Cada um de nós precisa de afirmação para se sentir amado e cortejado. Como esposa, eu (Ruth) preciso dizer ao meu marido que o amo. Preciso fazê-lo saber que ele está bem, que é bom pai, que aprecio seu trabalho duro. Como marido, eu (Patrick) tenho que dizer à minha esposa o quanto a admiro. Preciso ter certeza de que não a estou subestimando ou permitindo que ela se sinta faminta, emocional ou relacionalmente. Preciso dizer que ela é bela e que a percebo. Ela necessita saber que ainda a desejo.

Precisamos cortejar um ao outro com mais do que apenas palavras. Um toque gentil, um beijo de despedida ou de chegada, um abraço afetuoso e um olhar demorado: tudo isso demonstra afeição. Enquanto estamos ocupados, vivendo uma vida com filhos em casa, podemos continuar a expressar nosso desejo na linguagem do afeto. O sentimento físico alimenta nosso desejo de estarmos juntos, mesmo fora do quarto.

Nada é mais destrutivo para um relacionamento saudável e íntimo do que quando um cônjuge fracassa em cortejar o outro. É por isso que eu (Ruth) quero ser uma esposa que continua a cortejar meu marido, não por medo de perdê-lo, mas porque o amo e o desejo profundamente. Não quero que ele

duvide disso — nunca. E eu (Patrick) quero ser um marido que continua a cortejar minha esposa para que ela se sinta estimada, cuidada e bela. Cortejar um ao outro é parte do que significa amar nosso cônjuge com os filhos em casa.

Criando os filhos juntos, não separados

> Muitos casamentos seriam melhores se o marido e a esposa compreendessem claramente que estão do mesmo lado.
>
> Zig Ziglar

Patrick tem poucas calças sociais. De fato, a calça cinza que ele escolheu no dia de sua entrevista final para a posição de pastor sênior era o que você poderia chamar de sua calça "da sorte" — calça social, mas casual, que ele usava há anos. Ele sempre disse que tinha o corte perfeito. Tinha sido fiel durante nossos anos de faculdade, nossa recepção de casamento, inúmeros funerais e casamentos e, agora, uma grande entrevista.

A noite deveria ser de "comes e bebes" com o grupo central da igreja. Das duas da tarde às oito da noite éramos esperados para nos encontrar e conhecer cerca de oitenta a cem líderes, voluntários e membros da igreja. O antigo pastor (na igreja há 25 anos) e os presbíteros já estavam presentes e esperando para nos cumprimentar assim que entramos na casa do presidente do conselho. Era só passar por aquela reunião e o trabalho seria seu. Era muita responsabilidade!

Depois de quase uma hora de viagem, estacionamos na frente da casa e, rapidamente, entramos pela calçada frontal. Eu estava andando atrás do Patrick, e conforme ele andava algo chamou minha atenção. Não era apenas a terceira e última entrevista que era grande: o rasgo gritante perto do bolso traseiro da calça "da sorte" do Patrick também! E não só isso, mas o rasgo ficava maior a cada passo que ele dava. Era tão grande que dava para ver sua roupa íntima. A descoberta aconteceu tarde demais.

Tentei não parecer muito alarmada quando me inclinei para frente e sussurrei: "Querido, preciso lhe dizer uma coisa, mas não há nada que você possa fazer a esse respeito agora. Você tem um rasgo enorme atrás da sua calça. Consigo ver sua cueca."

Mal tinha acabado de dizer aquelas palavras quando a porta da frente se abriu. Enquanto éramos recebidos calorosamente, vi Patrick colocar a mão para trás para verificar minha observação. Éramos apenas sorrisos, fingindo

que tudo estava bem, quando a verdade era que estávamos preenchidos por um súbito ataque de medo e tremor.

Por quase seis horas trabalhamos juntos como um casal bem sincronizado de patinadores no gelo. Sempre que Patrick se movia, eu o seguia. Sabendo que estava “exposto”, Patrick fez todo o possível para ficar perto de mim ou manter suas costas perto de uma parede, o que se provou muito difícil em uma sala com cinquenta a cem pessoas. Conseguimos manter o passo, ficando juntos em cada turma e roda de conversas. Pela graça de Deus, e com muito esforço, conseguimos atravessar a noite. Talvez o milagre ainda maior tenha sido que a igreja ofereceu a vaga para Patrick mais tarde naquela semana!

Tivemos que trabalhar juntos em várias outras situações como uma equipe, mas aquela noite foi a campeã! Agora rimos da situação, mas na época foi terrível. Juntos, enfrentamos o desafio e fomos bem-sucedidos.

O desafio de manter nosso voto ausente com filhos em casa exige muito trabalho em conjunto também. Os filhos rapidamente expõem nossas fraquezas. Viver segundo o plano e o propósito de Deus para o casamento e a família exige que fiquemos um ao lado do outro para criar os filhos como uma equipe bem sincronizada.

São necessários dois

A criação dos filhos não é responsabilidade de um só cônjuge. Os dois são necessários para colocar uma criança no mundo, e os dois são necessários para criá-la para o mundo. O marido e a mulher precisam visualizar o mesmo objetivo, ter as mesmas prioridades, e estar unidos no treinamento e na disciplina. Isso nem sempre acontece. Um amigo nos disse recentemente: "Nós teríamos um grande casamento se não tivéssemos filhos." Seu bom casamento tinha se tornado uma monotonia com os filhos. As diferenças a respeito da criação dos filhos estavam afastando nossos amigos.

Quando o marido e a esposa estão divididos em relação à criação dos filhos, essa pode ser uma grande fonte de conflito no casamento. E todos teremos nossas diferenças. Fomos criados em famílias diferentes, logo, chegamos ao casamento e à criação dos nossos filhos com expectativas, preferências, estilos e filosofias diferentes. Talvez um cônjuge ache que as crianças precisam de um ambiente rigoroso e disciplinado, enquanto o outro ache que uma criança precisa de um ambiente mais amoroso, harmonioso e afetivo. Alguns casais discordam sobre quem deveria fazer o quê. Talvez um cônjuge tenha sido criado em uma casa onde os pais trabalhavam fora, então o trabalho de casa e a criação dos filhos eram responsabilidades compartilhadas. O outro cônjuge pode ter vindo de um lar onde a mãe ficava em casa e fazia quase todo, se não todo, o trabalho da casa, além da criação dos filhos. As diferenças de personalidade também podem jogar contra os desafios da criação de filhos. Por exemplo, um pai extrovertido pode querer forçar uma criança tímida a situações sociais, enquanto um pai introvertido pode apoiar o desejo daquele filho por poucos amigos.

Em nossa jornada de criação de filhos, descobrimos que nossas expectativas e estilos de disciplina eram muito diferentes. Eu (Patrick) era mais disciplinador. Logo no início da nossa vida familiar, tendia a ter expectativas irreais para nossos filhos. Era rigoroso demais. Ruth era muito mais gentil e paciente. Embora tenha sido difícil, às vezes, aprendemos a ouvir um ao outro com humildade. Os pontos fortes de Ruth na criação de

filhos me ajudaram a ser muito mais compreensivo e ciente de minhas fraquezas. Nossas diferenças trabalharam para nos equilibrarmos.

Com tantas diferenças grandes, um casamento saudável e vibrante somente é possível se vemos a criação dos filhos como um trabalho a quatro mãos. Precisamos reconhecer nossas expectativas e diferenças e descobrir a melhor maneira de nos apoiar e servir um ao outro. Talvez um seja melhor na administração das minúcias da vida familiar — como agendas e esquema de caronas, e reuniões de pais e professores — enquanto o outro é melhor supervisionando a bagunça e a diversão, como fazendo biscoitos e fabricando brinquedos de papel. Juntos, pela graça de Deus, podemos abordar os desafios da vida com filhos. Especialmente durante os anos de criação dos filhos, um bom casamento exige que fiquemos lado a lado — nunca muito à frente e nunca muito para trás.

Vamos falar sobre celebrar as diferenças

Todo casal traz para a criação dos filhos expectativas, filosofias, abordagens e personalidades diferentes. Essas diferenças podem ser uma fonte de conflito. Mas, quando vemos de outra maneira, elas podem enriquecer muito a criação dos nossos filhos e aumentar nossa gratidão pelo cônjuge e pelo que cada um traz para a tarefa da criação dos filhos. Use as seguintes perguntas como pontos de discussão para identificar e celebrar suas diferenças:

- Quais são suas principais diferenças na criação dos filhos?
- Em quais áreas da criação dos filhos cada um de vocês é mais fraco?
- Como seu cônjuge pode ajudá-lo a equilibrar-se nessa área?
- Em quais áreas da criação dos filhos cada um de vocês é mais forte?
- Como você pode usar esse ponto forte para ajudar seu cônjuge?

Lembre-se: a criação de filhos é um trabalho enorme. Em vez de resmungar sobre o que seu cônjuge não faz bem como pai, olhe para aquilo com que cada um de vocês contribui — e celebre essas pedras preciosas!

Não é bom criar os filhos sozinho

Deus não nos planejou para vivermos sozinhos. Isso fica muito claro em Gênesis 2:18, onde "o Senhor Deus declarou: 'Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda'." Então, da costela de Adão, Deus criou Eva, um espírito semelhante que seria sua companheira e alma gêmea.

Além do mais, Deus não nos criou para sermos pais em voo solo. Deus nos fez para sermos uma equipe unificada. Pelo laço sagrado do casamento, aquela comunhão íntima onde duas pessoas se tornam uma só carne, um homem e uma mulher — juntos — devem viver o mandamento de Deus de "serem férteis e multiplicarem-se" (Gênesis 1:28) construindo uma família segundo o seu propósito. Essa missão é algo que eles não poderiam fazer sozinhos.

Embora um casal possa estar em sintonia no que se refere ao casamento, é fácil desconsiderar a importância de nossa interdependência quando se trata da criação dos filhos. O casamento com filhos na casa necessita dos dois — um marido e uma mulher que estejam profundamente comprometidos um com o outro e tenham os mesmos objetivos, prioridades e visão para a maneira como criam seus filhos.

Eu (Patrick) admito que me encontrava um pouco atrasado no jogo no que diz respeito à criação dos filhos. Tive um pequeno (porém agradável) papel sobre trazer nossos filhos ao mundo. Depois da concepção, a criação dos filhos não estava na minha cabeça.

Enquanto eu continuava na vida como se nada tivesse acontecido, Ruth começava a criar um laço especial com o ser humano que crescia dentro dela. Enjoos matinais, desejos de comida, mudanças hormonais, dores no corpo, mudanças de peso e, por fim, o trabalho de parto. Tudo isso a deixava consciente 24 horas por dia, sete dias por semana, das responsabilidades da criação de filhos que nos aguardavam. Mesmo depois que nossos filhos nasceram, levei tempo para entender que a criação deles era *nossa* responsabilidade, e não apenas dela.

Nossa experiência não é tão única assim. Um estudo sobre casais em que ambos trabalham quarenta horas por semana e cada um passa quinze horas por semana fazendo serviços domésticos descobriu que, depois da chegada do bebê, as mães fazem mais, e os pais, menos. As mães continuam a ter as mesmas quinze horas por semana e “mais 22 horas por semana de cuidados com a criança”. A maioria dos pais tinha apenas catorze horas de cuidados com a criança e começava a fazer menos serviços domésticos.[5]

Dando 100% — juntos

Eu (Patrick) não posso dizer que não tinha sido avisado sobre o que o casamento e a criação de filhos exigiriam. Lembro-me de estar sentado em um parque de Chicago com meu mentor, enquanto estudava no Instituto Bíblico Moody. Era um domingo à noite, e estávamos nos encontrando para falar sobre relacionamentos. Não me lembro da maioria das coisas que ele disse naquela noite. Entretanto, uma frase ficou comigo: "O casamento não é 50/50. Um casamento cristão é 100/100. Você coloca 100% e sua esposa coloca 100%. Foi assim que Cristo amou a igreja. Ele não colocou apenas 50%."

Muito obrigado. Essa não foi a conversa positiva e encorajadora que eu esperava sobre relacionamento. Mas ele estava certo. Desde lá descobri que é fisicamente impossível tirar o macacão sujo de um recém-nascido e reabastecer uma xícara vazia, enquanto se desvia de flechas de brinquedo sem alguma ajuda. Quando nossa família começou a crescer, ficou claro que não é realista se esperar que uma pessoa só faça todo o trabalho doméstico, lave a roupa, cozinhe e cuide das crianças. Como homem, precisei mais do lembrete dos 100% do que Ruth. Podemos ser meio lentos para captar todas as "dicas" de mais ajuda que nossas esposas dão.

Embora Patrick possa ter sido meio lento para entrar no jogo, esse não é mais o caso. Felizmente! Eu (Ruth) não consigo imaginar como seria se não criássemos nossos filhos juntos, de todo o coração. Passar do papel de esposo ao de pai requer uma mudança enorme nas responsabilidades. De repente, estamos lavando mais louças e mais roupas. Estamos trocando fraldas, alimentando crianças e dando banhos — muitos banhos. Quando os filhos crescem um pouco, estamos fazendo malabarismos com a agenda, trabalhos de casa e atividades extracurriculares. Um precisa que o outro dê 100% só para conseguir dar conta das tarefas diárias.

Mais importante ainda, nossos papéis como pais não se referem apenas ao trabalho necessário para se viver. Para cumprir nossa missão divina como pais, é nosso trabalho treinar nossos filhos para ser bons cidadãos da terra e

do céu, para cultivar os talentos que Deus lhes deu e ensiná-los na piedade. A Bíblia deixa bem claro que tanto o pai quanto a mãe devem estar ativamente envolvidos no ensino, formação e cuidado dos seus filhos. Considere as seguintes passagens bíblicas:

> Honra teu pai e tua mre, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá. (Êxodo 20:12)
>
> Meu filho, obedeça aos mandamentos de seu pai e não abandone o ensino de sua mre. (Provérbios 6:20)
>
> Pais, não irritem seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor. (Efésios 6:4)
>
> Pais, não irritem seus filhos, para que eles não desanimem. (Colossenses 3:21)
>
> Recordo-me da sua fé não fingida, que primeiro habitou em sua avó Loide e em sua mre, Eunice, e estou convencido de que também habita em você. (2Timóteo 1:5; ver também 2Timóteo 3:15)

Cada um desses versículos nos lembra de que não é apenas um pai que cria e pastoreia os filhos. É um esforço em equipe. A Bíblia não prescreve todos os detalhes sobre quem deve fazer o que quando se trata de casamento ou criação de filhos. Há muito espaço para decidir qual a melhor maneira de viver como um casal com uma família. Como resultado, cada cônjuge deve dar 100% ao outro à medida que trabalham juntos para determinar como realizar as demandas da vida familiar da melhor maneira.

Administrando a rotina diária

Não importa em que etapa da vida sua família esteja, os pais precisam de clareza nas responsabilidades e expectativas diárias. Para os homens, eu (Patrick) enfatizo as palavras “claro” e “específico”. No verão passado, Ruth e eu estávamos no jardim da frente de nossa casa observando os canteiros. Ela comentou que eles precisavam de uma limpeza. A “parte de fora” é meio que um domínio meu — cortar a grama, tirar o mato e a jardinagem em si são responsabilidades que, normalmente, sobram para mim. Tínhamos acabado de comprar algumas plantas e flores novas, e ela estava ansiosa para que eu começasse esse projeto externo. Alguns dias depois, decidi surpreender Ruth enquanto ela estava na loja.

Sabia que não teria muito tempo, então, assim que saiu pela garagem, comecei rapidamente a trabalhar. Dei outra olhada em nossos canteiros, tentando recordar exatamente o que precisava ser “limpo”. Lembrava, vagamente, quais as plantas que precisavam de algum cuidado e quais precisavam ser arrancadas. Assim, comecei. Tirei o arbusto borboleta morto e plantei no lugar uma linda horta. Quando dei um passo para trás para admirar meu trabalho, percebi Ruth entrando na garagem — em casa muito antes do que eu esperava.

Observei-a saindo do carro. *Espere. A qualquer minuto, ela vai começar a me elogiar.*

Ainda esperando. Nada.

Foi aí que vi o olhar em seu rosto. Não amor, apenas preocupação. Talvez até confusão. Então, ela disse:

— Querido, o que você está fazendo?

— Limpando o canteiro, como você queria — respondi.

— Você retirou meu arbusto borboleta! — ela exclamou.

Eu já sabia disso. A novidade para mim é que ele não estava morto. Ops!

Eu (Ruth) tive que aprender da pior maneira que deveria comunicar *claramente* o que eu queria que o Patrick me ajudasse a fazer. Ele sempre me ajuda muito, mas, às vezes, não faz o que é mais importante no momento.

Não posso culpá-lo por não saber o que estou pensando. Se noto que algo precisa ser feito — Sophia precisa tomar banho, ou Tyler precisa de ajuda com sua tarefa de casa, ou os cachorros precisam sair — preciso dizer isso para ele. Passei muitos anos emburrada, me sentindo sozinha e agindo como se tivesse sido enganada, quando tudo o que realmente precisava fazer era pedir uma ajuda específica em um tom de voz gentil.

Como decidimos quem deve fazer o quê? Como dividimos as tarefas? Começamos identificando com clareza as necessidades e conversando sobre como podemos trabalhar sacrificialmente para servir um ao outro em nossos pontos fortes. O objetivo não é criar um ambiente onde um cônjuge diz: "Olhe tudo o que estou fazendo!" O objetivo é um ajudar o outro a carregar o fardo.

Eu não gosto mesmo de passar roupas! Felizmente, o Patrick é, posso dizer isso, obcecado por viver em um mundo sem amassados. Ele passa muita roupa. Quando se trata das finanças, o Patrick é muito melhor com o cenário completo. Ele consegue pensar para que precisamos economizar e fazer um planejamento em longo prazo. Não sou boa na parte das finanças, mas seria um desastre se ele tivesse que pagar as contas do dia a dia, uma tarefa que faço com facilidade. Sendo assim, trabalhamos juntos, usando as forças e os dons que Deus nos deu para servir à nossa família.

Vamos falar sobre compartilhar responsabilidades

Todo casal precisa conversar sobre as melhores maneiras de compartilhar a grande responsabilidade de criar os filhos juntos. Usem as perguntas a seguir como pontos de discussão para desenhar um novo caminho para seu casamento:

- Em que área da criação de filhos cada um de vocês mais precisa da ajuda de seu cônjuge no momento?
- O que seria mais útil que seu cônjuge começasse a fazer?
- O que seria mais útil que seu cônjuge parasse de fazer?
- Quando se trata dos deveres da casa, onde cada um de vocês poderia usar mais a ajuda de seu cônjuge no momento?
- O que você preferiria que seu cônjuge começasse a fazer?
- O que você preferiria que seu cônjuge parasse de fazer?
- Que diferenças essas mudanças fariam na sua vida e no panorama diário — e em seus sentimentos em relação ao seu cônjuge?

Quando identificamos as necessidades da criação de filhos juntos, é sábio evitar os “limites rígidos” quando na verdade deveriam existir “limites suaves”. O objetivo não é criar uma lista legalista de “você sempre deve” e “você não deve”. O objetivo é seguir a clara instrução bíblica para trabalhar juntos e poder ser aquela equipe bem sincronizada.

É muito fácil se desgastar na criação dos filhos, e quando isso acontece o casal se desgastará também no casamento. Em Gálatas 6:9, o apóstolo Paulo escreve: “E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos.” Nenhum cristão quer se desgastar e desistir do plano de Deus para o casamento e a família. Ao criarmos juntos os filhos, ajudamos a prevenir que qualquer um de nós fique desencorajado, abatido ou desnecessariamente desgastado.

Visualizando o mesmo objetivo

Eu (Patrick) estava no quinto ano quando meu melhor amigo e eu encontramos o arco de caça de seu pai na garagem. Eu nunca tinha atirado uma flecha. Nem ele. É preciso muita força e habilidade para isso. Infelizmente, não tínhamos nada disso. Entretanto, os "animais empalhados" pendurados nas paredes da sala de jogos da casa do meu amigo provavam que seu pai sabia atirar uma flecha.

Como a maioria dos meninos da nossa idade, estávamos curiosos. Depois de alguma discussão e poucas tentativas fracassadas, finalmente conseguimos a força necessária para puxar o arco. Estávamos tão concentrados em puxar a corda para trás que nem a direção nem o destino da flecha estavam em nosso radar. A flecha deve ter ido a, pelo menos, doze metros no ar. Ela foi quase que direto para cima, mas inclinou para o sudoeste apenas o suficiente para aterrissar no telhado do vizinho. Foi um momento misto de grande deslumbramento e grande ansiedade.

Descobri que criar filhos é bem parecido com aquela experiência. Quando nos tornamos pais, não temos nenhuma pista do que estamos fazendo. Nossos filhos são adoráveis, evoluídos, quase perfeitos e uma exceção aos problemas de criação de filhos de todos os outros pais. Ou era o que pensávamos! Aprendemos a tempo o que todos os outros pais já sabiam: não importa o que tenhamos planejado, as crianças são cheias de surpresas. Não admira que a criação de filhos seja exaustiva, às vezes perigosa, muitas vezes humilhante, e sempre uma aventura. Assim como fazemos para mirar na direção correta antes de atirar uma flecha, precisamos pensar tanto sobre a direção como sobre o destino quando se trata de criar nossos filhos.

É essencial que ambos os pais visualizem os mesmos objetivos para sua família e filhos. Se não temos essa clareza de visão, ou se temos visões concorrentes, vamos chegar a um conflito. Isso pode não acontecer imediatamente, mas o conflito, por fim, vai surgir.

Nós não apenas precisamos compartilhar da mesma visão, como também precisamos ter a visão correta. Há um excesso de visões sendo sugeridas para

as crianças na nossa cultura atual. Considere como as seguintes “visões” para as crianças são dominantes e desgastantes em muitas famílias:

- O Alto Desempenho Acadêmico — Estes pais visualizam que seus filhos e filhas entrem nas melhores das melhores escolas. Coloca-se uma prioridade muito alta na excelência e no trabalho árduo nas áreas de educação e atividades extracurriculares.
- O Atleta Campeão — Estes pais visualizam seus filhos e filhas como atletas muito bem-sucedidos. Investem muito tempo, energia e dinheiro nas atividades esportivas, incluindo viagens para disputar campeonatos e participar de acampamentos e clínicas esportivas.
- O Membro Culto da Alta Sociedade — Estes pais visualizam seus filhos e filhas com um nível cultural muito alto e global. Colocam as crianças em todo o tipo de atividade cultural, de aulas de francês até piano e dança. O objetivo é muita exposição à cultura, viagens e outras experiências diversificadas.
- O Artista Famoso — Estes pais visualizam seus filhos e filhas como artistas famosos — estrelas do rock, misses, atores ou atrizes. Seu tempo e energia estão direcionados a ajudar seus filhos a serem “descobertos”.
- O Cristão Perfeito — Estes pais visualizam seus filhos e filhas como ministros dedicados e, para isso, estão na igreja durante todo o tempo possível. Eles enfatizam o trabalho voluntário, o estudo bíblico e a educação em casa ou em escolas cristãs.

Essas visões, e outras mais, estão competindo por nossa aliança como casal de colocar Jesus em primeiro lugar em nossa família (até mesmo o trabalho na igreja, quando levado ao extremo, pode se tornar um ídolo). Queremos que nossos filhos se saiam bem e prosperem na vida. Queremos que eles se tornem moralmente corretos e adultos saudáveis nas esferas emocional, física, relacional e espiritual. Mas temos que nos unir e perguntar honestamente: “Qual padrão influenciará nossa família? Estamos seguindo a Jesus e sendo mordomos fiéis dos dons da nossa família ou estamos apenas seguindo cegamente o padrão de outra pessoa para o que deveríamos estar fazendo?”

Embora essas visões não sejam necessariamente erradas, queremos estar

certos de que nossa visão para nossos filhos inclua seu bem-estar pessoal e espiritual. Os filhos de “Alto Desempenho Acadêmico” podem ser desafiados a desenvolver uma cosmovisão cristã bem definida com a qual possam avaliar o que estão aprendendo. Eles podem precisar ser lembrados de que inteligência não é a mesma coisa que sabedoria. Os “Atletas Campeões” e os “Artistas Famosos” podem precisar pensar sobre como sua fé afeta seu comportamento em campo ou no palco — e fora deles. Os “Membros Cultos da Alta Sociedade” podem procurar maneiras de expressar sua fé cristã nas artes e maneiras de compartilhá-la com outras culturas. Eles podem precisar de um alerta contra o elitismo. Até mesmo os “Cristãos Perfeitos” precisam examinar quais ministérios e atividades se encaixam melhor na agenda, necessidades, capacidades e chamado dos membros da família. E todos precisam ser lembrados de que são salvos pela graça e não pelas obras.

Cristo valoriza muito menos quem é mais esperto, mais atlético, mais sofisticado culturalmente, mais talentoso ou, até mesmo, mais “religioso”. Ele se agrada daqueles que buscam a ele e a sua justiça em primeiro lugar, sabendo que “todas essas coisas” serão, então, acrescentadas (Mateus 6:33). A justiça de Jesus inclui serviço, humildade, amor sacrificial e fome pelo que é certo — qualidades que podemos levar para qualquer área da vida. Como pais, precisamos tomar cuidado de medir nossos filhos não segundo os padrões do mundo, mas segundo os padrões de Deus. É necessário que os dois pais trabalhem juntos para cumprir a visão que Deus nos deu para o casamento e a família.

Em nossos esforços para nos unirmos na criação de nossos filhos, de acordo com a visão que Deus deu para a família, fomos encorajados por um livro escrito pelo pastor e escritor inglês J. C. Ryle. Publicado em 1888 e chamado *Os deveres dos pais*, o livro descreve objetivos piedosos para a criação dos filhos. Referindo-se a Provérbios 22:6, Ryle, pai de cinco, escreveu as seguintes palavras:

> Treine-os bem para esta vida, e treine-os bem para a vida vindoura; treine-os bem para a terra, e treine-os bem para o céu; treine-os para Deus, treine-os para Cristo, e treine-os para a eternidade.

Uma frase, “treine-os para a eternidade”, ficou na nossa mente, nos lembrando de ensinar e treinar nossos filhos naquilo que realmente importa.

Em uma cultura em que as oportunidades (a maioria delas boas) são infinitas, é fácil, se não tentador, perder a eternidade de vista. Criar os filhos para o que realmente importa não é trabalho para uma só pessoa. Temos que nos unir para garantir que continuemos mirando no alvo mais importante.

Só nós Dois

Não teremos sucesso como uma equipe bem sincronizada se mirarmos em direções diferentes. Separe algum tempo para que você e seu cônjuge conversem sobre o seguinte:

- Seja qual for a ocupação ou as realizações dos nossos filhos, quem queremos que eles sejam quando saírem de casa?
- Quais são os maiores desafios que percebemos em nossa visão da criação de filhos? O que cada um de nós pode fazer para apoiar o outro na luta pelo melhor de Deus para nossos filhos?

Estabeleça prioridades que apoiem sua visão

Com tantas oportunidades disponíveis para nossos filhos, é difícil saber o que é melhor. Nós realmente lutamos para decidir se permitiríamos que nosso filho mais velho e nossa filha mais velha jogassem em uma liga de futebol itinerante durante as férias de verão. Como casal, avaliamos todos os prós e contras tentando descobrir o que seria melhor para o nosso casamento e para a nossa família como um todo. Compartilhamos da mesma visão, mas estávamos preocupados com prioridades diferentes. Eu (Patrick) estava preocupado que não jogar agora fosse magoá-los no futuro. Ruth estava mais preocupada com os custos, a coincidência de datas com a temporada de beisebol do nosso filho mais novo, e com as férias que tínhamos planejado como casal.

Infelizmente, não existe um versículo bíblico com uma resposta clara para decisões como essa. É por isso que ambos os pais precisam estar envolvidos em decisões assim. Cada um de nós precisa dar 100% enquanto buscamos a sabedoria de Deus para traçar o melhor caminho (Tiago 1:17).

Tiramos um tempo para orar sobre essa oportunidade e sobre essa decisão. Conversamos sobre isso e consultamos vários casais em situação parecida. Conversamos até mesmo com nossos filhos sobre o potencial impacto em seu envolvimento com a igreja e o ministério estudantil, e sobre nosso tempo juntos como família. No final, escolhemos não ir à viagem de futebol no verão. Utilizamos o que sentimos ser a visão de Deus para discernir o que deveríamos ou não fazer nessa situação.

Todo casal com filhos luta com esse tipo de decisão. Nenhuma família pode fazer tudo. Envolver nossos filhos em determinadas oportunidades e atividades significa a exclusão de outras oportunidades e atividades. Por isso é tão importante trabalhar juntos e ter as conversas necessárias para esclarecer quais prioridades são mais importantes para nós, como casal, e quais são mais importantes para nossa família. Podemos, portanto, tomar as decisões que nos ajudem a seguir na direção da visão de Deus para o nosso casamento e família.

A vida seguirá o que amamos. O amor pelos esportes, pela dança ou, até mesmo, pelas atividades da igreja pode espremer o tempo necessário para o relacionamento marido-mulher. Quando as noites e finais de semana têm agendas fechadas, o casal não tem tempo para namorar ou apenas aproveitar um tempo juntos. Um comprometimento fora de equilíbrio com as atividades pode deixar o casal exausto e sobrecarregado, com pouco para dar um ao outro. Mesmo as atividades boas, que apoiam a criação de nossos filhos no caminho certo, têm um impacto direto em nosso casamento. Devemos fazer nossas escolhas com cuidado. O objetivo é nos unirmos, amarmos um ao outro e criarmos os filhos como uma equipe.

Proteja-se contra a divisão na disciplina e na criação dos filhos

Há um motivo pelo qual eu (Patrick) chamava meu pai de “Gene gentil, máquina dócil”. Ele era aquilo mesmo — gentil. Minha mãe era uma disciplinadora rígida. Hoje sou grato por ela ter me mantido na linha. Mas quando era criança, não gostava muito, não! Como casal, meus pais não poderiam ter sido mais diferentes quando se tratava da criação dos filhos. Mesmo assim, muitas vezes, não sempre, eles se equilibravam mutuamente. Um equilíbrio entre rigidez e docilidade que os permitia criar os filhos juntos sem comprometerem o casamento.

As diferenças na disciplina das crianças sejam talvez uma das causas mais comuns de conflitos entre casais. É comum que marido e mulher tenham estilos de disciplina muito diferentes — um rígido, outro mais permissivo. Alguns tendem a criar os filhos da mesma forma como foram criados. Outros criam seus filhos de maneira oposta ao que seus pais fizeram. Não importa de que maneira criemos nossos filhos, o objetivo é estar em concordância um com o outro e alinhados com a Palavra de Deus.

As diferenças na maneira de criar os filhos se tornaram um desafio evidente para um casal que eu (Patrick) conheci há muitos anos. Eles eram uma família mista, tentando administrar não apenas seu casamento, como também os filhos de um e de outro. O divórcio não era uma opção. Ao menos era isso que eles teriam dito doze anos antes. Com muitos filhos e um casamento anterior fracassado, a esposa não estava disposta nem a considerar o pensamento do divórcio. Esse casamento não seria apenas diferente, seria melhor.

Então, aconteceu. Não de uma vez, mas ao longo de semanas, meses, anos. Os conflitos, embora pequenos no início, aumentaram com o tempo, formando uma pergunta que ela tinha jurado nunca mais fazer: “Será que fico ou será que vou embora?” O que uma vez tinha sido impensável, agora parecia inevitável.

O motivo pode surpreendê-lo. Não eram atritos financeiros que os estavam separando. Não era a sedução de outro amante. Não era o emprego

do marido, seus interesses diferentes, ou a comunicação conflitante. Era algo muito menos provável — eram seus filhos.

Por muitos anos, esse casal tentou ignorar o que era óbvio — seus estilos, filosofias, prioridades na criação dos filhos e, de forma ainda mais significativa, suas diferenças em relação à disciplina os estavam afastando. Ele se sentia frustrado porque ela parecia demonstrar favoritismo em relação aos filhos dela. Ela estava ficando ressentida porque ele não estava fazendo os filhos dele sofrerem consequências quando não faziam o que era solicitado. Ela achava que as crianças precisavam de mais responsabilidades e limites. Ele achava que ela estava sendo muito rígida.

O conflito quanto às diferenças na criação de filhos não acontece com todos os casais, mas para muitos pode ser uma fonte enorme de brigas entre o casal. Nos piores cenários, essas diferenças podem levar à separação.

Proteja sua autoridade de pai/mãe

No plano de Deus para a família, a disciplina bíblica (correção, trenamento e instrução) deve ser vivida dentro de relacionamentos de amor. Deus nos deu a autoridade de pais em nossa família. Ele nos colocou como casal para refletirmos seu caráter para nossos filhos. Temos uma responsabilidade e um privilégio tremendo de liderar nossa família nos caminhos do Senhor. Mas não é fácil. Charles Spurgeon estava certo quando escreveu: “Se nunca temos dores de cabeça para disciplinar nossos filhos pequenos, teremos muitos ataques cardíacos quando eles crescerem.”[6]

Um dos perigos da criação de filhos permissiva é deslocar nossa autoridade de pais para os nossos filhos. Os comportamentos, atitudes, preferências e desejos das crianças se tornam a força motriz da família. Nesse tipo de ambiente, não é o que os pais dizem que importa, é o que as crianças querem. Todos nós sabemos que essa é uma receita desastrosa à medida que os filhos crescem. O que pode acontecer entre o marido e a mulher nesse tipo de ambiente é muito devastador.

Quando um casal começa a transferir sua autoridade de pais para os filhos, sua vida e seu relacionamento começam a girar ao redor do que seus filhos querem e desejam. Os pais começam a ter um casamento centrado nos filhos. Um marido que veio se aconselhar comigo disse sentir como se sua mulher estivesse sempre colocando as necessidades de seu filho mais velho antes das dele. O filho frequentava uma faculdade de baixo custo, mas sempre pedia ajuda financeira — ajuda com o aluguel, a conta de telefone, um pagamento ocasional do carro. A esposa sacrificava tempo, energia e dinheiro para tudo aquilo que o filho queria. O marido não tinha ideia de como lidar com a situação. Eles não estavam coesos quanto a como criar o filho e, ao longo do tempo, essa situação pressionou enormemente o casamento.

Não importa qual seja a idade de nossos filhos, precisamos lembrar que nós somos os pais. Devemos nos proteger e não transferir nossa autoridade para nossos filhos — deixando que todos os desejos, preferências e anseios

deles tracem o caminho. Parte da proteção de nosso casamento, enquanto criamos nossos filhos, é ser consistente com as expectativas e consequências.

As crianças descobrem muito rápido quem é rígido e quem é fraco. Depois de receber um não de Ruth sobre uma ida ao cinema, um de nossos filhos me mandou uma mensagem para outra tentativa. Embora estivesse inclinado a dizer sim, fui sensato o suficiente para primeiro conferir com Ruth.

Ruth e eu aprendemos que podemos ser muito diferentes em nossas respostas aos desejos e comportamentos de nossos filhos. Descobrimos que é sempre melhor conversar como casal antes de dar permissão para certas atividades ou decidir sobre quais consequências são necessárias. Isso nos dá a oportunidade de esfriar a cabeça quando necessário, discutir o que é adequado e ter uma resposta única para nossos filhos. Isso nos permite manter melhor nossa autoridade de pais como uma equipe. Estamos trabalhando juntos para proteger nosso casamento da divisão. Estamos trabalhando juntos para moldar e formar nossas crianças para desenvolverem o caráter de Cristo.

Criar os filhos é um trabalho muito importante e muito complicado para se fazer sozinho. As crianças vão expor nossas fraquezas — revelando como somos ainda egoístas e pecadores! Em meio a toda alegria e às coisas boas, eles vão nos humilhar, nos testar e, às vezes, nos dividir. Embora nem sempre criemos nossos filhos de maneira perfeita, trabalhar juntos como pais nos ajuda a viver o voto ausente de amar um ao outro com os filhos em casa. Se vamos viver a missão boa, mas complicada, de Deus, temos que manter o passo como uma equipe bem sincronizada — cobrindo, complementando, fortalecendo e encorajando um ao outro ao longo do caminho.

Graça para aqueles momentos não tão perfeitos

É impossível amar profundamente sem sacrifício.
Elisabeth Elliot, *Marriage: A Revolution and a Revelation*
[Casamento: uma revolução e uma revelação]

Durante a Segunda Guerra Mundial, em 20 de dezembro de 1943, dois pilotos inimigos se encontraram no ar sobre Oldenburg, Alemanha. O piloto americano era Charles "Charlie" Brown. O piloto alemão era Franz Stigler. Ambos eram experientes e respeitados. Brown, o americano, estava pilotando um bombardeiro B-17 Flying Fortress, e Franz, o alemão, estava pilotando um caça Messerschmitt Bf 109 G-6. O problema era que eles estavam em lados opostos de um conflito mundial. As nações que eles representavam estavam em guerra.

Brown e sua equipe tinham sido enviados em uma missão de bombardeio que os levaria para o centro do território inimigo. Não muito tempo depois de entrar no espaço aéreo alemão, o bombardeiro americano foi atacado. O dano causado levou o B-17 para um mergulho brusco que o fez cair de mais de seis quilômetros de altitude para menos de dois quilômetros sobre as casas, árvores e cidadãos alemães.

De alguma maneira, Brown conseguiu impedir que o bombardeiro caísse, mesmo estando seriamente danificado, o que poderíamos descrever como "caindo aos pedaços". Tinha perdido um estabilizador, o nariz frontal estava exposto, sua parte hidráulica estava vazando, e havia buracos enormes por toda a fuselagem. Era improvável que o B-17 conseguisse sair da Alemanha, menos ainda que sobrevivesse a um voo de volta para a Inglaterra sobre o mar em segurança.

Não muito tempo depois, o bombardeiro americano foi localizado pelo piloto alemão, Franz Stigler. Mal conseguindo manter seu avião no ar, Brown estava exposto e vulnerável. Isso tinha toda a cara de um final desastroso.

O hábil piloto alemão colocou seu dedo no gatilho e travou a mira no avião americano. Com seu dedo no gatilho, ele venceria essa batalha em apenas um segundo. Adam Makos, o autor que nos conta essa história real no

livro *A Higher Call* [Um chamado mais alto], descreve a cena:

> Franz cerrou os olhos e mirou através da mira de sua arma. Ele baixou seu dedo sobre o gatilho, e bastava apenas uma pequena pressão para atirar.[7]

Mas, aí, algo incomum aconteceu. Franz Stigler, um inimigo do avião americano, tirou seu dedo do gatilho! Em vez de destruir o bombardeiro inimigo, ele decidiu protegê-lo. Makos continua:

> Planando atrás do B-17, Franz olhou para o bombardeiro com a curiosidade de sua infância, um tempo em que ele corria para fora de casa ao som de um avião. Em um ataque de emoções há muito adormecidas, Franz esqueceu que era um piloto de guerra alemão.[8]

Depois de poupar a vida de seu inimigo, Franz Stigler percebeu que o avião americano danificado enfrentaria um paredão de fogo inimigo defendendo a "Muralha do Atlântico". Ele, então, voou lado a lado com seu inimigo para proteger o B-17 de ser abatido. Se seus companheiros de guerra alemães em solo escolhessem abater o avião americano, teriam que abatê-lo também. Era uma decisão incomum, de intrepidez e bravura em tempos de guerra:

> Lado a lado, o 109 e o B-17 voaram sobre os soldados que defendiam a Muralha do Atlântico, depois sobre os obstáculos na costa e o movimento das ondas. A visão era magnífica: o pequeno caça protegendo o grande bombardeiro. Eles voaram juntos sobre o mar cinza como se deixando um mundo e indo para outro.[9]

De alguma forma, pela graça de Deus, o bombardeiro conseguiu chegar em casa. O piloto e sua equipe sobreviveram porque um piloto inimigo decidiu poupá-los e tirou seu dedo do gatilho. Os dois pilotos, que se encontraram da primeira vez como inimigos, encontraram-se novamente quarenta anos depois — dessa vez, como amigos.

Eu (Patrick) amo a coragem, compaixão e graça demonstradas nessa história em que um piloto protege a vida de outro. Não consigo evitar o pensamento de como ela teria terminado diferente se Franz Stigler tivesse

puxado o gatilho. Pense como suas vidas, e as vidas de seus filhos, netos e bisnetos teria sido se Stigler tivesse tomado uma decisão diferente.

Em meio a uma batalha tensa, apenas “uma pequena pressão” esteve entre dois finais muito diferentes — vida ou morte. Às vezes me pergunto como nossos casamentos seriam diferentes se, no calor da batalha, aprendêssemos a exercitar graça tirando nosso dedo do gatilho. E se víssemos nosso cônjuge não como um inimigo, mas como um aliado? E se escolhêssemos estender nosso amor, proteção e força quando nosso cônjuge está fraco e vulnerável?

Trazendo vida por meio da graça

A mudança do casamento para o casamento com filhos em casa aumenta a responsabilidade e a pressão em todas as partes da vida. Ter filhos em casa cria tensões e conflitos inesperados. Quando estamos exaustos e com o combustível no fim, a tendência é sentir que a vida está fora de controle. Nós nos sentimos tensos, vulneráveis, e no limite. Isso pode nos deixar mais voláteis. Com os filhos na jogada, nosso pavio pode ser curto — muito curto. Pode não demorar muito para "puxarmos o gatilho" um contra o outro.

Enquanto passávamos férias no nordeste de Michigan, nos tornamos testemunhas oculares de um confronto. Estávamos fazendo compras e percebemos uma garotinha de três anos na porta de uma loja. Seus óculos estavam meio tortos e seu cabelo estava desarrumado por causa do vento. Ela olhava com desejo para dentro da loja. Sua mãe tinha acabado de entrar, fazendo compras, provavelmente tentando desfrutar do tempo fazendo alguma coisa em paz e com tranquilidade. Nesse momento, a menina de 3 anos quebrou seu silêncio:

"Mãããeee, já posso te dar um abraço? Mãe, eu quero te dar uma abraço! Mãe, posso entrar e te dar um abraço agora? Mãããeee?"

Finalmente, incapaz de se controlar, ela disparou para dentro da loja e correu para sua mãe. Agarrando-se nas pernas da mãe, ela apertou forte. Missão cumprida!

É aí que o pai entra na história. Colocando uma mão nas costas de sua filha, a mãe levanta a outra mão e acena para seu marido, para chamar sua atenção. Nossos olhos seguiram seu dedo. Ele estava sentado em um banco logo do lado de fora da porta, cuidando das suas coisas, e esse era o problema.

Tentando verbalizar sua frustração, mas incapaz de conter a emoção, a mãe finalmente gritou: "Alan! Alan! Você não pode cuidar das crianças por cinco minutos? Venha buscá-la!"

Alan foi pego em flagrante. Ele estava olhando para seu telefone, sem perceber que sua filha tinha corrido para dentro da loja. Sentindo o calor de

ser envergonhado em público por sua mulher, ele lavou suas mãos. Depois tentou jogar a culpa em sua filha.

“O que você está fazendo? Venha aqui e fique sentada!”, ele gritou. “Você precisa ficar sentada aqui do meu lado enquanto a mamãe está tentando fazer compras.”

O olhar de sua esposa deixou claro que ela não estava acreditando na história. Não era só a garotinha que estava com problemas, ele também estava! A história terminou com um marido irado, uma esposa irritada e uma criança soluçando. Provavelmente não era isso que eles tinham visualizado quando tiraram o dia para fazer compras e caminhar pela praia.

Nós dois tivemos que rir. A cena não só era engraçada, como também era muito familiar. Não podíamos evitar nos ver naquele momento. Estressados. Cansados. Irritáveis. Apenas querendo um tempo sozinhos. Então, algo pequeno e inocente nos leva ao limite.

As crianças têm uma forma de aplicar apenas a pressão suficiente para pularmos de cabeça em um conflito um contra o outro. Não queremos nem imaginar como foi o restante da tarde para aquela família. Momentos assim, quando nos encontramos sobrecarregados, estressados e prontos para o ataque, nos oferecem a oportunidade de trazer vida para o outro, pela graça — vivendo o voto ausente.

Graça significa tirar o dedo do gatilho. Graça traz proteção, não punição. Graça oferece paciência e alivia a pressão de levar tudo muito a sério. Graça permite que paremos para respirar e para aprender a rir. Graça não faz suposições. Graça estende compreensão e oferece perdão.

Se você for como nós, aprender a caminhar na graça é mais difícil quando temos os filhos em casa. Mas é também uma das fases mais importantes da vida para se estender graça para o outro. Todo relacionamento precisa de graça — de muita graça. Sem graça, nenhum relacionamento sobrevive.

A graça não pode ficar sozinha

A graça é um dom que Deus estende a nós para que possamos nos relacionar com ele. Quando se trata de nosso relacionamento com Deus, nós somos os carentes. Estamos vulneráveis e expostos. Somos pecadores incapazes de remediar nossa situação sozinhos. Então, pela graça, Deus se move em nossa direção. Ele dá o primeiro passo. Deus, em Jesus, perdoa os nossos pecados. Sua graça nos dá vida quando mais precisamos dela. Por meio da fé, podemos receber esse movimento imerecido do amor de Deus em nossa direção.

> Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. (Efésios 2:8-9)

A graça bíblica é inútil em isolamento. A graça precisa de mais de uma pessoa para "funcionar". Ela é necessária e valiosa apenas no contexto dos relacionamentos. Sem a presença de outra pessoa pecadora sobre quem agir e com quem se relacionar, a graça é inútil. Um escritor a descreve desta maneira:

> A graça é a dimensão da atividade divina que permite que Deus confronte a indiferença e a rebelião humana com uma capacidade inesgotável de perdoar e abençoar. Deus é gracioso em ação.[10]

Graça não é somente o que Deus é; é a ação que Deus faz. Graça não é apenas um atributo estático da natureza de Deus; é como Deus age em relação à sua criação. A atividade salvadora de Deus por meio da cruz de Jesus efetua por nós o que nunca poderíamos fazer por nós mesmos. A graça de Deus nos encontra em nossa necessidade. Ela abençoa. Perdoa. Literalmente nos salva, tornando o relacionamento possível e belo.

A graça e o perdão de Deus nos permitem manter o relacionamento com um Deus santo e perfeito. Sem a graça em ação, nenhum relacionamento

pode manter sua existência. Um casamento sem graça mergulharia facilmente em conflitos, amargura, ressentimento e isolamento. Onde não há graça, nem misericórdia, nem paciência, nem perdão, não pode haver um relacionamento duradouro e vibrante.

Se devemos ser como Cristo no casamento, devemos nos mover na direção do outro com graça. A graça dá vida ao relacionamento e ajuda a sustentar um casamento durante suas fases difíceis. A graça nos permite viver o voto ausente de manter nosso amor vivo com os filhos em casa. A graça nos permite reconhecer as necessidades um do outro e responder a elas com amor — um amor que alivia e renova.

A graça dá espaço para os erros

Anos atrás, quando Ruth e eu éramos recém-casados, concordamos que eu faria o trabalho duro da jardinagem (cavar, plantar e adubar). Ruth faria o trabalho entediante de regar, tirar o mato e podar. Olhando em retrospectiva, fiz um péssimo negócio! Com as múltiplas mudanças da família, fazer a jardinagem estava se tornando cada vez mais trabalhoso. Com filhos, não era realista manter uma cobertura vegetal perfeita. Fiquei cansado de cavar canteiros e plantar arbustos só para ver meu trabalho arruinado pelas bolas de beisebol, pegadas e samambaias despedaçadas. Fiquei apático em relação ao que estava crescendo ao redor da casa.

Você pode imaginar meu desespero quando, ao fazer compras no supermercado Costco, Ruth (com a animação dos seus dias de *líder de torcida*) explodiu: "Querido, olhe! Eles têm roseiras *Knock Out*! Falta uma dessas na frente de casa. E veja o preço!"

Devo admitir que não tinha ideia do que ela estava falando. Faltando uma roseira? Era óbvio que iríamos comprar uma nova roseira. Isso significava que eu plantaria uma nova roseira. Vendido!

Antes de descarregar as frutas congeladas, papel higiênico e garrafas de água, escoltamos nossa nova roseira até seu lugar desejado no canteiro. E a colocamos no lugar perfeito em relação às outras plantas, onde as novas raízes cresceriam fortes e profundas. Isso — é claro — presumindo que eu me lembraria de plantar a roseira.

Bem, eu (Ruth) estava fazendo o meu melhor para não resmungar com Patrick sobre o plantio da roseira. De vez em quando eu mencionava que a roseira precisava ser plantada, mas realmente não falei muito sobre isso. Afinal de contas, imaginei que seria difícil não ver aquilo bem no meio de nosso canteiro na frente de casa. Era grande e cheia de rosas cor-de-rosa brilhante. Era linda! Se Patrick esqueceu completamente ou estava evitando a tarefa, não posso dizer. De qualquer maneira, a pobre roseira morreu lentamente sob o sol quente de verão.

Num dia especialmente quente do verão, semanas depois da nossa

aquisição, eu estava regando as plantas perto da minha roseira morta. Com o canto do olho percebi o que pensei, com certeza, ser um pequeno broto. Embora a roseira toda estivesse marrom, com quase nenhuma folha restante, aquela roseira morta estava viva! Estava por um fio, só esperando por mim para resgatá-la! Corri para o quintal para contar ao Patrick.

Julgando pela alegria de Ruth, eu (Patrick) pensei que talvez tivéssemos ganhado na loteria (mesmo que eu não jogue)! Meu entusiasmo pela notícia não foi tanto pela roseira ainda estar viva, mas pela oportunidade de me redimir. E assim o fiz. Larguei imediatamente o que estava fazendo e plantei a roseira. Você acredita? Ela voltou à vida! Ainda hoje floresce com toda a beleza que atraiu Ruth para ela.

Muitas vezes, quando estou regando nossa roseira, sou lembrado de como até mesmo as pequenas coisas podem ficar no meio de um casal. O casamento é cheio de erros. Alguns são grandes, mas a maioria é pequena. Algo pequeno e insignificante como uma roseira pode ser uma fonte de conflito em um casamento sem graça.

Em um casamento sem graça não há espaço para erros. É um lugar abarrotado, com pouco espaço até mesmo para respirar. Onde não há lugar para erro, o relacionamento é sufocado. Mas a graça pinta uma imagem completamente diferente:

> Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor. (Efésios 4:2)

Na raiz da maioria das tensões e conflitos relacionais está o pecado, em especial o pecado do orgulho. “Orgulho”, como John Stott observa com sabedoria, “é mais do que o primeiro dos sete pecados mortais: ele é a própria essência de todo o pecado”.[11] O orgulho traz a tentação de vermos a vida apenas através das nossas lentes, o que nos leva a escorregar para o casamento centrado em nós mesmos.

A humildade, em contraste, é centrada no outro, não em mim. Em um relacionamento, a humildade nos permite ter consciência dos próprios erros e permitir os erros dos outros. O amor gracioso, humilde e gentil tolera deficiências, cria espaço para erros, resiste aos fracassos e busca manter o relacionamento. O amor humilde nos permite elevar a necessidade de cuidado e atenção de nosso cônjuge acima da nossa necessidade, especialmente

durante a fase desafiadora do casamento com filhos.

A humildade é também rápida para ouvir e lenta ao falar. Tiago 1:19 ordena que sejamos “prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se”. Se fracassamos em ser humildes, não ouviremos nem compreenderemos de onde nosso cônjuge está vindo ou onde está a verdadeira fonte de conflito e preocupação.

Três tipos de escuta

Quando se trata de amar um ao outro, ouvir um ao outro é essencial. Não podemos estender graça e dar vida ao nosso cônjuge se não ouvirmos as necessidades e preocupações dele com atenção. Podemos ouvir as necessidades de nosso cônjuge com mais clareza se formos humildes e curiosos e estivermos livres de distrações:

Seja um ouvinte humilde. O orgulho não só nos cega, como pode nos deixar surdos também. A humildade ouve muito antes de falar. Ela permite ouvirmos e compreendermos de onde nosso cônjuge está vindo. Quando ouvimos com humildade, estamos colocando nosso cônjuge , e não nós mesmos, no centro da conversa.

Seja um ouvinte sem distrações. Embora a capacidade de ser multitarefa seja, muitas vezes, impressionante, quando se trata de ouvir o seu cônjuge a multitarefa deveria ser evitada. A vida com filhos em casa é ocupada e cheia de distrações. Ouvir bem exige parar ou diminuir o ritmo. Feche seu e-mail. Deixe o telefone de lado. Desligue o computador. Espere as crianças irem para a cama para que seu cônjuge possa ser o centro de sua atenção completa.

Seja um ouvinte curioso. Um ouvinte curioso é alguém que não só compreende o que está sendo dito, como se importa com o que está sendo dito. Isso não significa que você ame tudo o que seu cônjuge ama. Não é provável que a esposa ame futebol tanto quanto o marido ou que o marido ame fotografia tanto quanto a esposa. Isso significa que você valoriza o que é importante para seu cônjuge e se dedica ativamente a ouvi-lo. Fazer perguntas, enquanto você ouve, é uma ótima maneira de demonstrar seu interesse no que seu cônjuge valoriza.

A graça evita tornar grandes as pequenas coisas

Por puro desespero, eu (Ruth) convoquei recentemente uma "reunião familiar" para discutir o hábito de deixar as louças sujas na pia em vez de colocá-las na máquina de lavar louças. Eu acho uma tarefa fácil limpar sua louça e colocá-la na máquina de lavar, onde é apropriado. Infelizmente, isso parece não funcionar bem na nossa casa. Normalmente sou a única da casa que segue essa regra.

Depois de muita frustração, estava me sentindo irritada com tudo isso. Decidi que precisava baixar uma lei! Minha abordagem não era dura. Era mais uma apelação para que todos, por favor, por favor, por favor, colocassem suas louças na máquina depois de comer ou beber alguma coisa. Achava meu caso sólido. Quando a situação melhorou por uns dois dias e depois voltou ao seu estado original, fiquei louca!

Para colocar as coisas em perspectiva, eu tive que considerar que isso não era nada muito importante. O caminho da graça seria lembrar, gentilmente, aos meus filhos e ao meu marido (sim, ele também) que colocassem a louça na máquina sem fazer parecer que eles estavam cometendo um pecado grave e sério se esquecessem. Minha preferência sobre o destino da louça suja é importante, mas não é *tão* importante assim.

Talvez, para você, não seja a louça. Podem ser várias outras coisinhas — o tubo de pasta de dente apertado no meio, o rolo de papel higiênico vazio, as pilhas de roupa suja espalhadas pela casa, uma diferença de personalidade. Desconsiderar as pequenas ofensas que encontramos na vida diária (assim como procurar não causar ofensas) tem relação com aprender a ver o outro pelas lentes do evangelho. É tratar um ao outro com gentileza, bondade e graça. É escolher se mover na direção do outro e não puxar de maneira egoísta para o outro lado.

Quando eu (Patrick) trabalho com casais no aconselhamento pré-nupcial, sempre os encorajo a lembrar que há uma grande diferença entre quebrar as regras um do outro e quebrar as regras de Deus. O primeiro diz respeito a preferências, o segundo, ao pecado. Aprender a distinguir entre os dois pode

nos ajudar a deixar de lado algumas das fontes menos importantes de conflito. Também permite espaço para o crescimento. Aprender a fazer concessões e a crescer na direção de seu cônjuge só pode acontecer em um ambiente repleto de graça.

Todos nós erramos no casamento. Nenhum de nós tem uma história perfeita. Vamos fracassar na tentativa de sermos o marido perfeito, a esposa perfeita, e o pai/mãe perfeitos. Nosso cônjuge nem sempre fará o que queremos. As diferenças de personalidade se destacarão. As preferências serão irritantes; as ofensas, inevitáveis. O pecado acontecerá.

A graça não exige perfeição do outro, mas abre espaço para o progresso. Não são apenas nossos filhos que estão crescendo, nós também estamos. Assim, precisamos incorporar ao nosso casamento o espaço para crescer e amadurecer. Não estamos sugerindo que o pecado deva ser ignorado, mas devemos aprender a desconsiderar algumas ofensas. Se não, a vida será insuportável!

Não temos que disparar a cada evento de fracasso. Provérbios 19:11 nos lembra que é sábio criar espaço para se respirar nos relacionamentos: “A sabedoria do homem lhe dá paciência; sua glória é ignorar as ofensas.” Trazemos vida aos nossos relacionamentos quando tiramos nosso dedo do gatilho.

O poder e a presença de Deus em nós nos capacitam a agir com sabedoria e paciência e a exercer o autocontrole. Pela graça, não precisamos “revidar” cada ofensa. Ao contrário, há um amor paciente que permite que desconsideremos pequenas discordâncias ou aborrecimentos. Como Ken Sande observa, a graça de se desconsiderar uma ofensa significa “decidir deliberadamente não conversar sobre isso, afligir-se com isso ou deixar crescer até se tornar uma amargura reprimida”.[12]

Como casal, descansamos na graça e na perfeição de Jesus. Porque Jesus nos amou com paciência, misericórdia e humildade, podemos fazer o mesmo por nosso cônjuge (Filipenses 2:5). Caminhar na graça não significa aguentar as fraquezas de nosso cônjuge, mas sim confiar que o Espírito de Deus está trabalhando nele para fazer sua vontade, em seu tempo, da sua maneira (João 16:7–9).

Só nós Dois

Toda esposa e todo marido precisam da proteção da graça em seu casamento. Tirem algum tempo para conversar sobre como vocês podem demonstrar graça um para o outro: De que maneiras práticas você pode abrir espaço para as falhas e erros do outro?

- Quanto você tem apreciado de maneira especial a graça, proteção ou perdão de seu cônjuge?
- Que coisas específicas vocês dois poderiam começar a fazer para trazer mais graça e vida para o seu relacionamento?

As palavras mais difíceis de dizer: “Por favor, me perdoe!”

Eu (Patrick) liguei para casa quando saí do escritório para avisar para Ruth que eu passaria em casa em poucos minutos. Quase não consegui ouvir a voz dela ao telefone. “O que está acontecendo?”, perguntei.

Meus ouvidos curiosos (e preocupados) ouviram o suficiente para saber que havia um problema em casa. De fato, nossa filha de cinco anos tinha pegado da geladeira a limonada do nosso filho mais velho — sem permissão. O que se seguiu foi uma confusão enorme que ia demandar tempo para se resolver e absorver. Um simples “Desculpe, por favor, me perdoe!” teria economizado muito tempo e energia de todos!

As crianças não são as únicas que lutam para manter a paz. Romanos 12:18 nos lembra da luta que enfrentamos: “Façam todo o possível para viver em paz com todos.”

A maioria dos adultos, incluindo nós, tem muita dificuldade em viver em paz. Parecemos sofrer demais para dizer as simples palavras “Me perdoe”. Muitos de nós preferem proteger seu pecado e não lidar com ele. E pedir e conceder perdão àqueles que mais amamos é muitas vezes mais difícil.

Ainda assim, caminhar na graça exige que aprendamos a dar e receber perdão. Talvez um dos maiores exemplos da bênção do perdão e do veneno da falta de perdão se encontre em Mateus 18:21-35.

Pedro, um dos discípulos de Jesus, perguntou: “Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?” A pergunta de Pedro presume que deve haver um limite para a graça de Deus. Ele está perguntando, em essência: “Como sei quando já perdoei o suficiente?” Jesus responde contando uma parábola:

> O Reino dos céus é como um rei que desejava acertar contas com seus servos. Quando começou o acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia uma enorme quantidade de prata. Como não tinha condições de pagar, o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos para pagar a dívida.

> O servo prostrou-se diante dele e lhe implorou: “Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo.” O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir.

O perdão, assim como a graça, se refere a restaurar um relacionamento quebrado, desequilibrado e em dívida. O perdão não é esquecer o pecado. Não é perder a memória de uma má escolha, de palavras dolorosas ou de experiências difíceis. Perdoar é se recusar a punir a pessoa que pecou contra nós.

O perdão é caro. Na parábola de Jesus, o senhor cancela a dívida e libera o servo. No casamento, o perdão significa libertar seu cônjuge em vez de revidar. Não é fácil dizer ao seu cônjuge: “Você está livre. Estou apagando sua dívida. Você está liberado.” Parece muito mais fácil fazer seu cônjuge pagar.

Caminhar na graça, oferecendo perdão, é caro, mas nutrir a falta de perdão é ainda mais caro. O que choca na parábola de Jesus é que o homem que foi liberado de sua dívida encontra um homem que lhe devia dinheiro. Em vez de estender a mesma graça e perdão, ele agarra o homem e exige receber o pagamento. O homem não pode pagar, então ele manda o pobre homem para a prisão até que possa saldar a dívida. A parábola termina com palavras fortes para aqueles que seguem os passos desse servo tolo. O ponto é claro: como poderíamos não perdoar, considerando o quanto nos foi perdoado?

Siga o exemplo de graça de Jesus

Em Jesus, Deus se revestiu de humildade para reconciliar e restaurar um relacionamento perdido e quebrado. Se podemos desfrutar agora de alegria e intimidade em nosso relacionamento com Deus é porque ele se moveu em nossa direção. Ele “humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Filipenses 2:8). Morreu para si mesmo para que pudéssemos experimentar a vida.

Nós precisamos de graça. O casamento com filhos em casa pode ser caótico, estressante e avassalador. A missão boa e complicada de viver um casamento e uma família que honrem a Deus não é tarefa fácil. Precisamos da graça de Deus para cumprir bem essa tarefa. E precisamos estender a graça do amor imerecido na direção um do outro para cumprirmos nossos votos de nos amar apesar dos filhos.

No calor do momento, às vezes é só “uma pequena pressão” que nos separa do caos. Quando escolhemos a graça, escolhemos seguir amando, servindo, abençoando e dando. Estamos escolhendo trazer vida um ao outro quando mais precisamos dela.

Tempo, descanso e ritmo:

fazendo nossos dias valerem a pena

> Uma vida é tudo o que temos nesta terra… somos tolos se não a vivemos com toda plenitude, coragem e beleza que pudermos.
>
> Frederick Buechner, *The Hungering Dark*
> [A escuridão faminta]

Nós precisávamos fugir um pouco — recarregar as baterias, recuperar o fôlego e reajustar o foco. Estávamos procurando um pouco de equilíbrio, se é que isso existe. Já tínhamos tirado várias férias pequenas como casal, mas as coisas tinham mudado. Éramos agora um casal com filhos e decidimos dirigir até o Colorado para umas férias em família.

Olhando para trás, a ioga teria sido uma opção melhor. Na maioria dos domingos, tirar a família inteira de casa para chegar à igreja na hora já era um grande desafio. Com uma família em crescimento e um orçamento cada vez menor, não conseguiríamos voar para lugar nenhum — não com três filhos. E não podíamos deixar passar a oportunidade que um generoso casal de nossa igreja tinha nos dado de ficar uma semana em sua casa na linda cidade e estação de esqui de Lake Dillon, Colorado. Então fizemos o que outras famílias menos corajosas tinham nos alertado a não fazer: lotamos a minivan e pegamos a estrada para uma viagem cruzando o país até as montanhas do Colorado.

Fazendo as contas, calculamos que levaríamos mais ou menos vinte horas para dirigir de nossa casa, em Ohio, até o Colorado. Em um carro sem iPads, aparelhos de DVD ou um rádio que funcionasse, precisávamos de entretenimento — muito entretenimento! Por isso, antes de partir, demos para cada criança seu “kit de brincar”: uma caixa de plástico cheia de livros de colorir, jogos de palavras, quebra-cabeças e livros. Em teoria, isso os manteria bem ocupados pelo menos até Denver, o que nos daria, como casal, algumas horas de conversas significativas e viagem tranquila. Na realidade,

nosso plano funcionou por cerca de uma hora. Um “kit de brincar” não funciona para um bebê de seis meses.

Uma piscina coberta em Omaha nos salvou. Colocamos essa imagem na frente de nossos filhos de dois e quatro anos por quase mil quilômetros. “Quem quer nadar hoje à noite?”, perguntávamos a cada quinze minutos. “Vai ser muuuuito legal!”

Nossa tática funcionou. Dirigimos metade do caminho sem qualquer grande descontrole emocional — nem das crianças nem nosso. Já tínhamos viajado dez horas, faltavam mais dez.

No segundo dia estávamos esperançosos, e por mais de nove horas estivemos certos. Era uma viagem tranquila. As crianças estavam quase perfeitas, assim como esperávamos que fossem antes de as colocarmos no mundo. Faltando apenas mais uma hora para chegar, estávamos ansiosos, porque nosso destino estava, finalmente, ao nosso alcance. Estávamos prestes a chegar.

Fizemos uma pequena parada para jantar e logo voltamos para a estrada. Logo depois de recomeçar a viagem, quando começava a escurecer, sentimos o carro fazendo muita força para subir um morro e quase não conseguindo. Estávamos no meio de um tráfego pesado, subindo rapidamente as montanhas. Onde moramos as estradas são planas — bem planas. Os carros ao nosso redor estavam claramente mais adaptados do que nós para dirigir rapidamente naquela serra, subindo, descendo e fazendo as curvas.

E aí aconteceu de novo. O carro estava lutando e, dessa vez, perdeu completamente a força. Nessa hora Ruth estava orando com fervor e, praticamente, clamando por misericórdia. As crianças choravam de medo. E eu estava quieto como uma pedra. Fingindo coragem e confiança, coloquei o carro o mais longe que consegui da estrada sem nos precipitar montanha abaixo.

Essa não era a visão tranquila e descansada que tínhamos imaginado (e precisávamos) para nossas férias. Se não estivéssemos a dezenove horas de casa, provavelmente teríamos dado a volta e retornado. Mas o carro não iria a lugar algum, e nós também não. Esperamos o guincho por quase uma hora. Todos os episódios de *Os mais procurados da América* passaram pela minha mente enquanto esperávamos em silêncio no lado de uma montanha escura.

Finalmente o guincho chegou. O motorista me lembrava de Cooter Davenport, de *Os gatões*. Ele era meio bruto, mas eu estava tão feliz por vê-

lo que quase o abracei. Depois de uma viagem rápida e assustadora no banco de trás do guincho pelo que parecia ser a montanha mais íngreme do Colorado, chegamos ao nosso destino.

Não tenho certeza do que as pessoas pensaram quando entramos na cidade — nossa minivan sendo rebocada e nós cinco no banco de trás do guincho. Sem dúvida, parecíamos um pouco apavorados. Mas chegamos! Conseguimos chegar. Finalmente tínhamos saído de férias — férias em família.

O tempo está passando

Muitas vezes, o bom e difícil chamado do casamento com filhos acontece rápido demais. Viver em equilíbrio e encontrar tempo para descansar (mesmo nas férias) quando os filhos chegam não é fácil! A vida parece um pouco com uma louca viagem de carro pelas Montanhas Rochosas — longe de ser relaxante ou rítmica. Às vezes, nos descobrimos orando para que isso acabe logo, se vivermos para contar! Até mesmo a linguagem do *tempo*, *descanso* e *ritmo* pode parecer estranha para um casal com filhos em casa.

O tempo necessário e merecido pelos filhos empurra o casal para muitas direções diferentes. Cada parte da paternidade nos leva para um lado e precisa de tempo. E a demanda de tempo é, normalmente, para coisas boas e importantes:

- Amamentar.
- Trocar fraldas.
- Consultas no médico e no dentista.
- Treino de futebol.
- Disciplina.
- Dever de casa.
- Atividades escolares.
- Grupo de jovens.
- Até mesmo férias.

Nossa vida começa a girar em torno de nossos filhos, deixando cada vez menos tempo um para o outro. Não é raro que um casal veja seu precioso tempo juntos evaporar. Temos menos tempo para namorar, para conversar, para estar a sós, menos tempo para fugir.

Para nós, a escassez de tempo pode tornar um desafio até mesmo comprar um cartão no aniversário de casamento. Por todo o verão estivemos correndo, correndo e correndo. Estivemos tão ocupados planejando o próximo ano escolar, inscrevendo nossos filhos no acampamento de futebol, comprando

material escolar, tentando organizar detalhes do ministério e fazendo as malas para as férias que ficamos sem tempo para nós dois. Nosso aniversário de casamento chegou antes de percebermos.

Quando Ruth disse “Não comprei um cartão de aniversário para você” foi mais uma confissão que uma afirmação. Por um momento, pensei ter ouvido coros angelicais cantando o “Aleluia”. Pensei em fingir que eu não tinha esquecido, mas tive que ser honesto.

“Eu também não comprei nada para você”, admiti. Foi nesse momento que começamos a conversar sobre o que iríamos fazer no nosso aniversário de casamento, que, por acaso, era no dia seguinte. Nada romântico. Nossa vida atarefada nos deixou fora de compasso. Com pouco descanso e quase nenhum ritmo, nosso excesso de tarefas estava cobrando seu preço.

A fase da vida na qual estamos, com os filhos em casa, é muito mais frenética do que os primeiros dias do casamento. Podemos nos lembrar de quando íamos ao shopping no momento em que quiséssemos. De uma hora para outra, decidíamos sair para jantar ou sair para correr. Ficávamos acordados até tarde vendo televisão e dormíamos até tarde nos finais de semana. Ninguém nos acordava chorando no meio da noite nem nos puxando da cama às seis da manhã no domingo. É difícil imaginar agora o luxo do tempo que costumávamos passar juntos.

O tempo que gastamos para ser bons pais pode espremer o tempo que gastamos para ser bons cônjuges. Atividades intermináveis e calendários rígidos, como intrusos, roubam a intimidade de um casal. A autonegligência e o sacrifício se tornam o modo de vida da maioria dos casais com filhos. Mas viver de maneira corrida, reativa, sobrecarregada e fora de compasso acaba por cobrar seu preço sobre o casamento.

Acredite ou não, existe outra opção. Deus não só quer como tem algo mais para nós. Não é sempre fácil e, com certeza, não acontece por acidente, mas o estilo de vida corrido, atarefado, sem equilíbrio, apertado, que faz perder a cabeça, não tem que ser nosso estilo de vida (pelo menos não o tempo todo). Quando temos filhos em casa, precisamos aprender a ver e a guardar nosso tempo de maneira distinta. Precisamos criar novos limites para manter as tarefas da vida em equilíbrio e para manter nosso amor vivo!

O tempo é sagrado

A tensão entre trabalho e descanso, tarefas e equilíbrio, não é nova. Parece que não nascemos com muita sabedoria no que diz respeito ao tempo. Não somos bons mordomos do tempo. Parece que o pecado distorce nossa visão e nosso uso do tempo, assim como distorce nossa visão de todas as outras partes da vida. Como o tempo é tão precioso, especialmente quando parece passar voando, não surpreende que a Bíblia tenha tanto a dizer sobre ele. Precisamos de ajuda para ver o tempo como Deus o vê, para que possamos restaurá-lo para servir ao seu propósito e utilizá-lo de maneira adequada em nosso casamento e nossa vida familiar.

O salmista nos ajuda a ter a visão de Deus quando escreve: "Ensina-nos a contar os nossos dias para que o nosso coração alcance sabedoria" (Salmos 90:12). Em hebraico, a palavra *sabedoria* significa "habilidade". Logo, sermos administradores sábios do tempo significa ter habilidade para utilizá-lo. Começamos a ser mordomos fiéis do nosso tempo quando fazemos nossos dias valerem a pena. Desperdiçar ou administrar mal nossos dias é agir de maneira tola e sem habilidade.

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo alerta:

> Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem; que não seja como insensatos, mas como sábios, aproveitando ao máximo cada oportunidade, porque os dias são maus. Portanto, não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor. (Efésios 5:15-17)

"Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem", diz Paulo. Precisamos prestar atenção com o que estamos fazendo, ou deixando de fazer, com o nosso tempo. Devemos ser produtivos não apenas para nós mesmos, mas para os propósitos de Deus, conforme aproveitamos "o máximo de cada oportunidade" que Deus nos deu graciosamente como casal e como família. Com certeza não queremos estar ocupados fazendo coisas tolas aos

olhos de Deus.

O tempo nunca é totalmente nosso. Deus contou nossos dias para que possamos cumprir a sua vontade, não apenas o que nós queremos fazer. O tempo é sagrado. Devemos usar nosso tempo com cuidado e habilidade para construir um casamento que honre a Deus, transmitir a fé para nossos filhos e impactar as comunidades que nos cercam para a glória de Deus.

O descanso é santo

Você sabia que a primeira vez que a palavra *santo* é mencionada na Bíblia refere-se ao tempo? No relato da Criação, encontrado em Gênesis 2:2-3, *santo* é usado para descrever o dia que Deus designou para o descanso:

> No sétimo dia Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia descansou. Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação.

Na criação, Deus separou um tempo para ser *santificado*. A santidade, nesse sentido, não é pureza moral — é ser separado. Deus estipulou um tempo em meio a todas as tarefas para o descanso. Estabeleceu um ritmo para a vida, ao nos dar um dia separado para o descanso. Queria que nós experimentássemos não apenas o turbilhão do tempo, mas o padrão de descanso e ritmo.

Trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar — descansar.

Ir, ir, ir, ir, ir, ir — parar.

Você consegue sentir a cadência? Vê a proteção que Deus colocou sobre a criação? Não podemos correr em meio a um turbilhão o tempo todo. Precisamos de um tempo para nos reagrupar e recuperar. Não é Deus quem precisa de descanso; o ritmo não é para ele, é para nós.

Para o desespero dos meus pais, eu (Patrick) adorava cantar rap quando era jovem. Quando estava no Ensino Fundamental, minha mãe encontrou uma fita cassete dos Beastie Boys que eu tinha comprado e escondido em uma caixa, no guarda-roupas. Eles não eram exatamente uma banda cristã, então, depois de algumas penitências, decidi ficar só com DC Talk e D-Boy.

Meu interesse precoce pelo *rap* não ajudou muito na minha pregação, mas eu descobri uma grande descrição de ritmo. O ritmo é o que "faz a letra parecer musical e interessante. Também é o que faz da letra um *rap*, e não apenas palavras faladas de maneira aleatória em cima da batida".[13] Sem o

ritmo, ficamos apenas com barulho, não com música. Esta é agradável aos ouvidos, aquele é doloroso. Como a música, nossa vida precisa de ritmo se quer ser bem vivida para Deus e para o outro.

O padrão de trabalho e descanso encontrado na Criação é chamado *Shabat* (ou sábado). No relato da Criação aprendemos que Deus não apenas instituiu um ritmo para a vida, como nos convidou para participar desse ritmo. Se quisermos impedir que a loucura da vida invada nossa intimidade como casal, precisamos descansar. Necessitamos de um período para nos renovar, revigorar, refletir e reajustar o foco. Deus estabeleceu um ritmo para a vida que inclui o descanso sabático. Esse ritmo foi instituído para nos ajudar, nos manter centrados, equilibrados e plenos.

Por toda a história de Israel, Deus continuou a lembrá-los não apenas da responsabilidade de guardar o *Shabat*, mas também da recompensa por isso. Criar espaço, diminuir a velocidade e construir limites para proporcionar descanso em meio à vida deveria ser uma bênção.

> Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou. (Êxodo 20:8-11)

Descanso é liberdade

Você já se sentiu escravizado por uma agenda cheia de compromissos? Parece que não há tempo o suficiente para fazer tudo o que você precisa fazer? Não há tempo o bastante com as crianças? Não há tempo o bastante longe das crianças? Se você respondeu sim, não está sozinho. Se não for controlada, nossa agenda pode ser um mestre brutal.

Em Êxodo, Deus liga o descanso sabático à Criação. A perspectiva em Deuteronômio 5:15 é um pouco diferente e o *Shabat* é ligado à escravidão:

> Lembra-te de que foste escravo no Egito e que o Senhor, o teu Deus, te tirou de lá com mão poderosa e com braço forte. Por isso o Senhor, o teu Deus, te ordenou que guardes o dia de sábado.

Em seu livro *The Rest of God* [O descanso de Deus], Mark Buchanan faz a seguinte observação sobre descanso e escravidão na história de Israel:

> Recusar o *Shabat* é, na verdade, rejeitar o dom da liberdade. É retornar por vontade própria ao que uma vez clamamos a Deus para que nos libertasse. É escolher o que uma vez rejeitamos. Escravos não descansam. Escravos não podem descansar. Escravos, por definição, não têm liberdade para descansar. Acontece que o descanso é uma condição da liberdade [...] O *Shabat* é uma recusa a retornar para o Egito.[14]

Essa conexão do *Shabat* no Deuteronômio nos lembra da liberdade disponível no descanso, a liberdade do equilíbrio, a liberdade que ganhamos quando estabelecemos limites, e a bênção que recebemos quando guardamos a sacralidade do tempo. Trabalhar duro e ter muitas tarefas não tem que significar escravidão. Há uma maneira de construir limites em nossa vida que nos libertem da rotina exigente e improdutiva que o "Egito" exige de nós.

Ao longo de toda a Bíblia, esse ritmo de vida significa uma bênção. Em Marcos 2, Jesus nos dá uma pista de como esse princípio do descanso e do ritmo ainda pode ser aplicado hoje. Em um sábado, Jesus e seus discípulos estavam caminhando através de uma lavoura de cereal, e seus discípulos colheram algumas espigas. Vendo isso, os fariseus acusaram os discípulos de Jesus de quebrar a lei do *Shabat* porque estavam colhendo espigas. A conversa toda está relatada em Marcos 2:23-28:

> Certo sábado Jesus estava passando pelas lavouras de cereal. Enquanto caminhavam, seus discípulos começaram a colher espigas. Os fariseus lhe perguntaram: "Olha, por que eles estão fazendo o que não é permitido no sábado?"
> Ele respondeu: "Vocês nunca leram o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam necessitados e com fome? Nos dias do sumo sacerdote Abiatar, Davi entrou na casa de Deus e comeu os pães da

Presença, que apenas aos sacerdotes era permitido comer, e os deu também aos seus companheiros."
E então lhes disse: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. Assim, pois, o Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado."

A resposta de Jesus é importante. Ele está dizendo que o *Shabat* foi feito para ser um presente para nós. O descanso é uma bênção a ser recebida e não um fardo a ser suportado.

Só nós Dois

As responsabilidades do casamento e da família são importantes e exigentes. Tirem algum tempo juntos para conversar sobre como você e seu cônjuge podem equilibrar melhor o tempo, o descanso e o ritmo em suas vidas:

- Que pressões cada um de vocês sente que tiram o descanso e o ritmo de suas vidas?
- O que vocês poderiam remover da sua vida que ajudaria a restaurar o equilíbrio para vocês como casal e como família?
- Como vocês acham que podem praticar o descanso sabático em sua vida familiar?

O que escolheremos?

Em nossa tolice, continuamos em frente, sem pensar. O perigo é que percamos as bênçãos do tempo, descanso e ritmo. Se continuarmos em nossa corrida desenfreada, não conseguiremos experimentar o presente que Deus idealizou para ser desfrutado quando nos deu limites para lidar com o excesso de tarefas da vida.

Somos dotados da semelhança de Deus, mas somos drasticamente diferentes em nossas limitações. Deus não precisa dormir ou cochilar. Sua força e seu poder não têm limites. Nós ficamos cansados. Nos sentimos esgotados. Experimentamos o estresse. Ficamos sobrecarregados. Distraídos. Não importa o quanto você trabalhe, explore e busque ser ambicioso; comparados a Deus, somos fracos e finitos, nosso Criador. O *Shabat* é nosso lembrete semanal de que Deus é Deus, e nós não.

O *Shabat* pode ser um dom difícil para muitos de nós que vivemos em culturas que valorizam as ações. Em silêncio, nos sentimos condenados ou envergonhados quando paramos para descansar de nosso trabalho. O senhor de escravos em nossa cabeça estala o chicote se sentamos, relaxamos ou ficamos ociosos por muito tempo. É como se o Faraó estivesse sussurrando em seu ouvido: “Levante, faça alguma coisa. Há trabalho para se fazer. Não descanse. Há coisas demais a se fazer!”

No entanto precisamos, desesperadamente, aceitar e desfrutar do dom do tempo, descanso e ritmo de Deus. O princípio de não fazer coisas demais, rápido demais, e com muita frequência, é particularmente importante para um casal que quer viver o voto ausente com os filhos em casa. Com tanto a se fazer, e tantas oportunidades, como apreciar o tempo? Como guardar o que é mais importante? Como manter nosso amor vivo quando a vida está tão corrida?

Deus convida cada um de nós para ser um mordomo sábio e habilidoso do tempo precioso que ele nos dá nessa Terra. O que escolheremos: escravidão ou liberdade? Como faremos nossos dias valerem a pena em nosso casamento, em nossa família e para o bem do mundo?

Lidando com o excesso de tarefas

> A pressa é a grande inimiga da vida espiritual em nossos dias. Devemos eliminar implacavelmente a pressa de nossa vida.
>
> Dallas Willard

"Onde estão seus sapatos?", eu (Patrick) perguntei a Sophia, nossa filha mais nova. Estávamos atrasados e correndo para o carro. Ela vestia uma meia lilás e uma meia rosa, mas sem sapatos. Era outono, não verão. Não havia tempo para voltar para casa e encontrar seus sapatos. "Você vai ter que esperar a gente deixar o Tyler e a Bella no futebol antes de pegar seus sapatos", eu disse, com tanta autoridade quanto possível naquela corrida até o carro. Com o entendimento emocional de uma menina de seis anos, ela se pôs a chorar.

Naquela hora, outros dois eventos convergiram. Percebi que Cherry, nossa cadelinha maltesa de 3 quilos, ainda estava presa à coleira. Se os vizinhos não conseguiam ouvir o choro da Sophia, era porque Cherry estava latindo. O segundo evento? Uma família da nossa igreja parou na frente de casa enquanto passeava de bicicleta. *Perfeito*, pensei. *Agora sou um mau pai e um mau pastor*. Onde estava Ruth no meio de tudo isso? Convenientemente fora da cidade.

Esses são os momentos em que tudo o que você quer é apertar o botão de "pausa". Recuperar o fôlego. Esfriar a cabeça. Tentar entender o que está acontecendo. Reajustar o foco. E recomeçar.

A vida com os filhos em casa nos atinge com rapidez. Quase nunca é empacotada com cuidado. Durante essa fase, a vida corrida e atarefada é o nosso novo normal. As bênçãos de uma vida com equilíbrio, descanso e ritmo são uma memória distante. Com tantas demandas sobre o nosso tempo, é fácil perder de vista nosso propósito como família e o amor que compartilhamos como casal.

Não podemos eliminar o excesso de tarefas e o caos da vida com filhos em casa. Mas podemos estabelecer limites e tomar decisões que ajudem a diminuir o impacto de uma vida corrida. Podemos conquistar um período de

ócio para nos renovar e repor nossas energias como casal. Sermos bons mordomos do nosso tempo pode nos ajudar a dar o nosso melhor para o outro à medida que tentamos viver o voto ausente.

Qual é o nosso nível de sobrecarga?

Quando se trata de excesso de tarefas, a maioria de nós se sente como se estivesse correndo em uma esteira da qual não consegue sair. E não somos afligidos pelo excesso de tarefas apenas por termos filhos. As tarefas excessivas dominam a vida de quase todos nós. Considere seu trabalho. Em um artigo no *The Atlantic*, uma pesquisa feita pelos economistas Dan Hamermesh e Elena Stancanelli mostra que os norte-americanos não apenas estão trabalhando mais, como trazendo trabalho para casa à noite e nos finais de semana.

> Em uma noite típica da semana, um quarto dos trabalhadores norte-americanos fez algum tipo de trabalho entre dez e seis horas da manhã seguinte. Isso é muito, comparado com os cerca de 7% na França e na Holanda. O Reino Unido está mais perto dos EUA nessa medida, onde 19% das pessoas trabalham durante as horas noturnas. Nos finais de semana, um em cada três trabalhadores nos EUA estava trabalhando, contra um em cinco na França, Alemanha e Holanda.[15]

O que está errado com se trabalhar demais? Os economistas observaram dois problemas na nossa cultura de muito trabalho: menos vida social e possibilidade de piores condições de saúde. Hamermesh, por exemplo, diz que não vale a pena: “Nós chegamos a um ponto onde trabalhamos mais e ganhamos cada vez menos por isso.”[16]

Não estamos atarefados apenas no trabalho, é claro. Também estamos atarefados:

- Com os cuidados da casa.
- Com a criação dos filhos.
- Dirigindo até um treino ou jogo.
- Fazendo trabalho voluntário na igreja.
- Mantendo o contato com a família e os amigos.

A pergunta é: o que podemos fazer com a quantidade de coisas que temos para fazer? Se nosso tempo é limitado, e há menos ainda durante essa fase do casamento e da família, como aprendemos a ser mordomos fiéis do nosso tempo? Como podemos impedir que o excesso de tarefas invada nosso casamento?

O que nosso excesso de tarefas nos diz?

Nosso excesso de tarefas pode estar nos dizendo algo sobre nós mesmos. Por isso é importante considerar a mensagem que pode estar escondida atrás de nossas atividades incessantes. Às vezes, podemos estar ocupados pelos motivos errados. Tirar um tempo para refletir sobre por que fazemos o que fazemos pode nos ajudar a compreender por que nossa vida, às vezes, parece tão cheia. Obter a compreensão do motivo para estarmos tão ocupados pode nos ajudar a proteger o que é importante — nosso amor por nosso cônjuge. Então, considere algumas perguntas-chave.

Temos medo de dizer não?

Por vários motivos, às vezes, é difícil dizer não. Não são apenas os alunos do Ensino Fundamental que cedem à pressão dos pares. Como casal, ou mesmo como família, podemos nos submeter ao que todos os outros estão fazendo. Um motivo é que nos importamos demais com o que os outros pensam. Valorizamos a opinião deles ou precisamos de sua aprovação. Embora a Bíblia nos encoraje a agradar as pessoas, ela nos alerta contra agradarmos demais as pessoas.

Se lhe conforta, até mesmo Pedro, um dos primeiros seguidores de Jesus, lutou para não ceder à pressão dos outros. Ele teve que aprender a lição de agradar a Deus acima de todos os outros. Por quê? Paulo nos diz em Gálatas 2:11-14: “afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão” (um grupo de judeus que criam em Jesus; v. 12). Pedro comeu com os cristãos gentios até que seu medo dos outros cristãos, aqueles que vieram visitar, mudou seu comportamento.

Pedro agiu como um aluno grande demais que não queria se destacar em meio à multidão. Ele temia o não pertencimento, e seu medo o levou a ceder em relação àquilo em que ele realmente acreditava.

Muitas vezes fazemos o mesmo. Cedemos em relação aos nossos valores ou ao que acreditamos porque tememos nos destacar ou sermos diferentes.

Nós nos tornamos pessoas com medo de dizer não para agradar os outros. Às vezes, as pessoas que estamos tentando agradar são nossos filhos! Podemos ter medo de dizer "não" para eles a respeito de determinado esporte ou qualquer outra atividade.

Outras vezes podemos ter medo de dizer não porque estamos competindo secretamente com alguém. Temos medo de que nossos filhos fiquem para trás ou não "entrem" no grupo. Esse medo do fracasso na competição nos leva a colocar nossos filhos em atividades incontáveis. Recentemente, eu (Patrick) lidei com esse tipo de medo quando tomei uma decisão de atividade para um de nossos filhos.

Estávamos tentando descobrir se uma liga esportiva que o levaria a viajar era certa para ele e para nós. Passei quase uma hora ao telefone com seu técnico falando sobre custos, detalhes e calendário. Durante a conversa sobre o calendário, senti o medo tomando forma. A agenda parecia excessiva para a idade dele. Os treinamentos durante a semana eram obrigatórios, mas o treino do sábado de manhã era opcional. Entretanto, o técnico me disse: "Eu terei que recompensar os jogadores que aparecerem e trabalharem duro." A tradução? "Se seu filho não estiver disposto a trabalhar tão duro quanto os outros e a vir em todos os treinos, não o colocarei para jogar com tanta frequência."

As decisões sobre atividades podem ser difíceis de ser tomadas pelo casal e pela família, porque aquilo para que dizemos sim, inevitavelmente, vai tirar tempo, energia e recursos de outro lugar. É preciso sabedoria para discernir o que é mais importante e saber quando dizer não e quando dizer sim.

Quando avaliamos nossa agenda e em que comprometemos nosso tempo, temos que nos perguntar se nossa fadiga e excesso de tarefas são por causa de nosso medo de dizer não. Se for isso, precisamos pedir a Deus para nos dar sabedoria e coragem para saber quando dizer não. Aprender a dizer não para atividades desnecessárias ou nocivas é uma forma de dizer sim para o nosso casamento e família.

Será que achamos que ser ocupado tem muito valor?

Às vezes somos atarefados demais não tanto por medo, mas por dar um valor despropositado a isso. Todos nós conseguimos buscar nosso valor ou identidade nas coisas erradas. Para alguns de nós, é o sucesso. Para outros, é

a nossa aparência. Ou, talvez, até mesmo nossas coisas. E não vamos nos esquecer das tarefas. Elas se tornam uma fonte de valor e identidade.

Os norte-americanos colocam um alto valor na ambição, nas atividades e no trabalho árduo. Embora tudo isso seja bom, eles também têm um lado obscuro. O desejo de se encaixar, se manter e chegar à frente deixa os casais e as famílias com agendas cheias demais, exaustão e perda do tempo livre não estruturado. Como se isso não fosse suficiente, se nos permitimos a liberdade de *não* estarmos ocupados surgem dúvidas sobre o nosso valor.

Observe com que facilidade e persistência o mito do valor e do excesso de tarefas surge em nossa vida. Nosso filho mais velho ama futebol. No final de sua temporada do sétimo ano, estávamos conversando com outro casal quando a mãe perguntou: “Então, o que vocês vão fazer nesta temporada?”

Quando dissemos a ela: “Nada”, ela nos olhou como se fôssemos alienígenas! “Bem, vocês têm que fazer alguma coisa, certo?”

Temos que admitir que, por um breve momento, nos sentimos um pouco diminuídos. Estávamos errados em não colocá-lo em alguma atividade em todas as temporadas? De alguma maneira o estávamos machucando no sentido relacional, atlético, físico ou emocional? Não durou muito tempo, mas, por um momento, nos sentimos como se estivéssemos fazendo alguma coisa errada.

Descansar, ou não estar ocupado, pode ser percebido como preguiça. Somos arrastados para dentro da corrida de ratos porque todo mundo está correndo também. Mas não temos que correr. Não temos que dizer sim por medo ou para encontrar nosso valor. Não há nada errado, e podemos dizer que é saudável aprender a dizer não com mais frequência. A carta de 1João 2:16 diz:

> Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo.

Sem Deus, precisamos de uma visão elevada de nós mesmos, baseada em nossas realizações, posses e tarefas. Acreditamos, de forma errada, que todas as atividades e realizações nos validam. Não estamos dizendo que todas as atividades são ruins. Entretanto, é perigoso olharmos para as nossas tarefas para definir quem somos ou quem são nossos filhos. Também pode ser perigoso para os nossos relacionamentos de casamento e família, que são

muito mais importantes.

Será que somos apenas desorganizados?

Às vezes, parece que estamos mais atarefados do que realmente estamos. Não que não estejamos fazendo nada, mas podemos estar administrando mal o nosso tempo. Ou podemos apenas ser desorganizados.

O tempo é como o dinheiro: se não fizermos um orçamento, rapidamente perdemos o controle, e ele acaba antes de percebermos. Nós amamos como Gordon MacDonald descreve o princípio de fazer um orçamento de nosso tempo: "A pessoa desorganizada deve ter uma perspectiva de orçamento. E isso significa determinar a diferença entre o fixo — o que devemos fazer — e o supérfluo — o que gostaríamos de fazer."[17]

Por mais que trabalhemos duro para viver no propósito, essa fase da vida com os filhos em casa é frenética. Todas as semanas são cheias de vida real. Se não formos diligentes na avaliação, escolha e planejamento das atividades familiares, seremos vítimas das demandas rápidas sobre o nosso tempo. Há muitos anos, em um esforço para conseguir controlar a administração do nosso tempo, Ruth sugeriu que começássemos a manter um calendário familiar semanal e mensal. Essa foi uma das melhores coisas que já fizemos por nossa família e nosso casamento. Não sabemos por que demorou tanto para descobrirmos isso.

Começamos colocando no calendário os deveres — o que Gordon MacDonald chamaria de compromissos e atividades "fixos". Depois, começamos a colocar as atividades "supérfluas", as coisas que gostaríamos de fazer. Ter tudo no papel nos ajuda a avaliar o que é mais importante e aquilo para o que precisamos dizer não. O calendário familiar nos ajuda a viver com propósito e foco maior. Um calendário nos permite integrar nossos papéis e atividades diferentes em um ritmo diário.

O próximo desafio, é claro, é fazer todo o possível para executar o planejado. Essa parte ainda tem espaço para melhorias! Mas, pelo menos, o calendário nos dá estrutura e um objetivo pelo qual seguir. Eu (Patrick) sincronizo nosso calendário semanal e mensal com meu calendário de trabalho. Isso permite que eu e Ruth estejamos na mesma página com as atividades e compromissos. Não é sempre perfeito, mas, pelo menos, é um plano.

O excesso de tarefas é inevitável durante a fase do casamento com filhos em casa. Então, precisamos estar cientes dos motivos de estarmos ocupados, para que possamos determinar se precisamos nos ocupar com certas atividades e compromissos. Não queremos estar atarefados pelos motivos errados. O objetivo é conseguir tempo para que não nos tornemos ocupados demais para o outro. Queremos proteger nosso amor.

Resgatando o tempo que temos

“Como é possível já serem onze da noite?”, Ruth me perguntou. Tínhamos acabado de colocar as crianças na cama, passear com os cachorros e lavar a roupa. Estivéramos ansiando por um tempo sozinhos. Mas nosso dia estava terminado. Nada de sentarmos juntos na sala para ver futebol. Nosso tempo sozinhos tinha desaparecido — de novo.

Quando a vida está passando rápido, é fácil se concentrar no tempo que não temos. Mas quando nos concentramos no que não temos, podemos desconsiderar os momentos que estão bem debaixo do nosso nariz. Estamos aprendendo a aproveitar ao máximo aqueles pedacinhos de tempo que temos sozinhos. Recentemente, nossos filhos estavam brincando na casa de um amigo. Sabíamos que teríamos cerca de uma hora só para nós. Eu estava tentado a usar aquele tempo precioso para colocar em dia os e-mails, a limpeza ou alguma outra coisa que precisasse ser feita. Em vez disso, saímos para caminhar. Uma boa caminhada juntos, em silêncio.

Às vezes, resgatar o tempo que temos significa fugir para um almoço juntos, tomar café juntos de manhã, correr para o mercado juntos ou conversar tomando uma xícara de chá, à noite. Esses breves momentos são, na verdade, bem comuns, mas se tornam momentos significativos quando os compartilhamos com o outro.

O tempo não tem que chegar até nós embrulhado em um pacote bonito e bem-feito. Nosso presente do tempo para o outro não é sempre carnal ou romântico. O tempo, muitas vezes, aparece sem anúncio, em momentos esparsos. Sendo assim, fazemos o melhor possível para aproveitar os pequenos momentos que Deus nos dá para cultivar e alimentar nosso casamento. Podemos não ter muito tempo juntos, mas a maneira como usamos o tempo que temos importa bastante.

Vivendo com limites

Certo, essa é difícil! Um dos motivos pelos quais nos sobrecarregamos com tarefas é porque temos muitas oportunidades disponíveis para nós como casal, para crianças e para a família. Com tantas escolhas clamando por nosso envolvimento, pode ser difícil colocar limites e viver dentro deles — especialmente quando você gosta das opções.

Considere apenas uma área de opções — as atividades dos nossos filhos. Quando eu (Patrick) cresci, nós jogávamos futebol no quintal, basquete na entrada do carro e beisebol na rua. Nossa "viagem de campeonato" era andar de bicicleta pela vizinhança até que recrutássemos crianças o suficiente para montar duas equipes. Não é assim hoje.

As crianças têm muito mais atividades esportivas e extracurriculares disponíveis hoje em dia. Quando comecei no ministério, quase não se ouvia falar de atividades em uma noite de quarta-feira ou no domingo. Isso não acontece mais. Não há mais nenhum dia que esteja fora dos limites. As viagens, calendários e despesas das muitas atividades exigem cada vez mais comprometimento das famílias.

As ligas de viagem, por exemplo, se tornaram cada vez mais populares — e caras! (Pensávamos que o aparelho ortodôntico seria nossa maior despesa!) Um casal pode gastar milhares de dólares para apenas um filho praticar um esporte, e isso não inclui as despesas com combustível, hospedagem e alimentação. Eu (Patrick) quase não passei em matemática no Ensino Médio, mas até eu consigo decifrar os números e descobrir que é dinheiro demais, especialmente se há mais de um filho em casa.

Não importam quais sejam as atividades em que seu filho esteja envolvido, um calendário cheio demais pode, facilmente, espremer todo o tempo para se cultivar um casamento vibrante e que honre a Deus. Isso é particularmente verdadeiro quando vários filhos estão envolvidos em múltiplas atividades ao mesmo tempo. Decidir viver dentro dos limites significa que temos que observar bem os custos, sacrifícios, impacto em nosso casamento e no restante da família, e os frutos de certas oportunidades

e atividades.

Como um casal com filhos que estão crescendo, estamos tentando abrir caminho em algumas das decisões difíceis sobre esportes e atividades. Lutamos com algumas perguntas difíceis, nos perguntando se estamos tentando fazer demais por nossos filhos ou se não estamos dando a eles o suficiente. Pesamos os custos e perguntamos: será que vale a pena? Consideramos o propósito de Deus para o casamento e a família e perguntamos: será que estamos fazendo a coisa certa?

Por exemplo, nossos filhos amam esportes, então, trabalhar com eles a respeito de quais e quantos esportes praticar é um desafio. Para o bem de nossos filhos, de nossa família e de nosso casamento, limitamos o número de esportes que eles praticam por ano. Se cada um de nossos quatro filhos praticasse vários esportes ao longo do ano, isso consumiria muito do nosso tempo como casal e como família. Estabelecemos com eles a expectativa de que, quando chegam ao sexto ano, podem escolher um esporte para praticar naquele ano. Considerando o envolvimento adicional de nossos filhos em aulas de música e atividades na igreja, esse limite estabeleceu um equilíbrio saudável para todos nós.

Todo casal com filhos tem que usar de sabedoria para proteger seu casamento e sua família de uma agenda superlotada. É importante que nós, como pais, estabeleçamos o ritmo e os limites para nossos filhos, e não o contrário. Escolher viver dentro dos limites significa escolher dizer não a algumas coisas. Tudo bem em limitar o número de oportunidades das quais as crianças podem participar durante um ano. Isso pode ser o melhor para eles e o melhor para proteger nosso casamento.

Só nós Dois

Não podemos fugir do excesso de tarefas, mas podemos passar por elas de maneira mais saudável. Tirem um tempo juntos para conversar sobre de que maneira vocês poderiam guardar melhor o seu casamento durante essa fase atarefada da vida:

- Quais são os motivos do excesso de tarefas que você reconhece em si mesmo?
- Qual o impacto que o excesso de tarefas está tendo em seu relacionamento com o cônjuge e como você poderia protegê-lo?
- Que “limites” você acha que seriam mais benéficos para seu casamento e sua família?

Proteja o que mais importa

Em nossos esforços para limitar o excesso de tarefas da vida, precisamos tomar cuidado. Às vezes exageramos e caímos no extremo oposto. Proteger o nosso tempo não significa tornar-se ganancioso com ele. Não significa guardá-lo à custa de investi-lo nos outros. Os sinais de que estamos guardando o nosso tempo demais podem ser: não servirmos mais na nossa igreja, não convidarmos amigos para a nossa casa, não nos aproximarmos dos nossos vizinhos. Esse mau uso do tempo nos impede de amar e de ser amados da maneira como Jesus idealizou.

Proteger o nosso tempo não se trata só do que fazemos ou não fazemos; se trata de viver de maneira mais proativa e não reativa. Significa viver com propósito, com um olho nos propósitos eternos de Deus para o nosso casamento e família. Significa criar um ritmo para a vida baseado nas convicções e valores que nos guiam. Nossas convicções e valores nos ajudam a formar nossas decisões e fornecem o critério que utilizamos para dizer sim ou não. Eles nos ajudam a compreender como proteger qualquer tempo precioso que temos como casal ou como família.

Jesus enfrentou, muitas vezes, a pressão das pessoas e a passagem do tempo. Com tempo limitado e necessidades ilimitadas na terra, ele teve que proteger o que mais importava: sua missão. Jesus não curou todas as doenças, não respondeu a todas as perguntas, não satisfez todas as necessidades, nem visitou todas as cidades. Ele mediu tudo o que fez pela missão que seu Pai lhe deu.

Para nós, tem sido útil escrever nossos valores e convicções centrais para a vida como família. Essa lista curta e simples nos ajuda a manter em foco nossa missão como casal com filhos. Ela nos ajuda a aprender a estabelecer um ritmo para a vida — como arranjar o nosso tempo e atividades de maneira a proteger o que é mais importante. Esses valores podem mudar, dependendo da fase da vida em que estivermos, e da idade de nossos filhos. Considere alguns dos ritmos centrais aos quais nos agarramos durante essa fase de nossa vida:

- Valorizamos estar juntos ao fazer as refeições juntos.
- Vivemos intencionalmente dentro de limites.
- Nos divertimos juntos.
- Praticamos devocionais familiares para transmitir a nossa fé.
- Valorizamos o aprendizado e a exploração.
- Lutamos para ser saudáveis no que comemos, em como brincamos e em como vivemos.
- Nós nos envolvemos no ministério *como* família e não apenas ministramos à *nossa* família.

Só nós Dois

Tirem algum tempo para conversar e orar sobre o que é mais importante proteger durante essa fase da sua vida e de seu cônjuge:

- Quais são os valores e convicções centrais que estabelecem o ritmo da vida para vocês, como casal, e para sua família?
- Que outros valores e convicções são necessários para proteger o seu casamento durante essa fase do casamento com filhos?

Escreva de três a cinco convicções principais para que você possa voltar a elas quando tomar decisxes, para estabelecer ritmos protetores para sua vida.

Diminuindo o ritmo para descansar

Escapar e encontrar descanso não é fácil. Desconectar exige esforço. Encontramos todos os tipos de obstáculos quando tentamos cessar o ativismo.

Sabemos que a Bíblia manda “amar o seu próximo”, mas, às vezes, nos percebemos nos escondendo de um próximo muito extrovertido. O espaço pessoal não existe para essa pessoa. Um dia eu (Patrick) tinha alguns minutos para mim. Exausto, cochilei no sono no sofá.

Não dormi por muito tempo. Uma batida leve na nossa janela me acordou. Primeiro pensei que podia ser uma das crianças. Depois pensei que podia ser um pássaro. Talvez fosse um galho, sendo gentilmente

movimentado pelo vento. Não! Essas opções desapareceram quando meus olhos cansados conseguiram focar o suficiente para ver o meu vizinho espiando para dentro da nossa casa! Ele me viu dormindo, mas não estava inclinado a me deixar aproveitar o momento.

Não importa o quanto tentamos, há boas chances de não conseguirmos simplesmente escolher um dia (ou mesmo alguns minutos) e desaparecer do mundo. Isso não significa que desistimos de diminuir o ritmo e encontrar descanso. Ainda podemos aplicar o princípio do descanso sabático — fazer do descanso uma parte do ritmo da vida — às nossas vidas. As necessidades da sua família podem tornar impossível separar um sábado ou domingo para descansar. Se for esse o caso, escolha outro dia ou horário que funcione para vocês.

O descanso pode ser uma parte da vida mesmo quando não conseguimos fugir fisicamente. O tempo sozinho pode ser tão simples quanto se desconectar de outras pessoas (principalmente das distrações das redes sociais), das atividades e do trabalho. Talvez seja, inclusive, um alívio dizer não para telefones, Facebook, Twitter e Instagram por certos períodos. Talvez você diminua o ritmo dizendo um não ocasional a receber amigos em uma noite em particular. Como famílias e como casais, precisamos de tempo "longe" para nos reabastecer e reajustar o foco um no outro.

E, mais importante, não encontramos o descanso da vida corrida no que fazemos ou não fazemos. Não vamos perder de vista o fato de que o descanso é encontrado, em última instância, em uma pessoa: Jesus. O verdadeiro lugar para assentar nossa alma e encontrar descanso não está em identificar as prioridades corretas, praticar as disciplinas certas ou estabelecer o ritmo perfeito. O descanso verdadeiro e duradouro para nossa alma é encontrado na proximidade com Jesus. O salmo 62:1-2 descreve o descanso verdadeiro assim:

A minha alma descansa somente em Deus;

dele vem a minha salvação.

Somente ele é a rocha que me salva;

ele é a minha torre segura! Jamais serei abalado!

E, em Mateus 11:28, Jesus diz: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso.”

Então, seja sábio, enquanto aprende a equilibrar as tarefas. Viva no propósito. Busque dizer sim ao que é melhor. Evite deixar que a loucura dessa fase da vida separe vocês como casal. Mas, acima de tudo, siga Jesus. Deixe que sua Palavra e suas promessas o encorajem e fortaleçam.

Quando você está andando de tanque vazio

Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se.
Eclesiastes 4:12

"Eu (Patrick) tenho certa fama de ficar sem gasolina, talvez porque li uma vez um artigo dizendo que as bombas de gasolina têm mais germes do que um vaso sanitário. Não sei quantos germes isso significa, mas é o suficiente para eu não querer tocar em nenhum dos dois com muita frequência. Ou talvez seja porque demanda tempo desacelerar, parar e abastecer. Seja qual for o motivo, eu não gosto de parar para abastecer, e é por isso que fico sem combustível tantas vezes.

Alguns especialistas dizem que você pode dirigir seu carro por pelo menos sessenta quilômetros depois que a luz do combustível acende. Minha "pesquisa" diria que isso é bastante correto — em alguns carros mais, em outros, menos. As pessoas normais param e reabastecem muito antes que a luz de aviso acenda, mas não eu. Uma vez tentei passar desse limite com minha moto. Perdi — de novo. Se alguma coisa já chegou perto de me motivar a mudar os meus hábitos foi empurrar minha Harley por mais de um quilômetro pelo nosso bairro e passar pelo vizinho que odeia Harleys e adora Yamahas. Cansativo e vergonhoso!

Criar filhos é como ter um carro beberrão

Seja qual for a maneira como você encare, criar filhos é como ter um carro beberrão. Sobreviver à transição de casal sem filhos para casal com filhos exige muita energia. Viver o propósito de Deus para o casamento e a família é exaustivo. Tentar fazer isso bem muitas vezes nos deixa andando de tanque vazio. Um dos maiores motivos pelos quais nos encontramos de tanque vazio é a autonegligência.

Todos nós acreditamos que bons pais são pais altruístas. Quando os filhos chegam, muitas vezes, negligenciamos ou deixamos de lado o que queremos e precisamos pelo bem dos nossos filhos. É fácil chegar a um padrão de autossacrifício e autonegligência que, no final, leva à negligência do cônjuge:

- Dizemos adeus aos passatempos e interesses dos quais desfrutávamos.
- Sacrificamos o sono.
- Paramos de nos exercitar.
- Dirigimos mais.
- Conversamos menos.
- Comemos por último e rapidamente. Sentar é opcional.

Vamos e damos e depois fazemos tudo de novo! Receber parece um luxo. Por todos esses motivos e mais alguns, acabamos de tanque vazio. Vem com o pacote.

Sinais de alerta da autonegligência

Infelizmente, não temos uma luz de “andando na reserva”, como a maioria dos carros. Por isso, a autonegligência nem sempre é fácil de perceber ou admitir. É bom estarmos cientes e observarmos alguns dos sinais de alerta de que estamos andando de tanque vazio:

- Sentimento prolongado de estar sobrecarregado pelas tarefas normais.
- Perda da alegria e do entusiasmo.
- Vida romântica reduzida.
- Se irritar com facilidade e estar sempre “a beira de um ataque de nervos”.
- Sentir a falta de paz ou estar com a alma “inquieta”.
- Se sentir ansioso demais.
- Amargura e ressentimentos não resolvidos.
- Doenças frequentes ou questxes de saъde crфnicas.
- Falta de entusiasmo para atividades de que você gostava.
- Se sentir sugado, esgotado ou mais cansado do que o normal.

Entendemos que pode haver outras causas além da autonegligência para esses sentimentos. Se for esse o caso, é importante buscar o conselho de um médico, conselheiro cristro ou pastor.

Todo casal sabe o que é andar de tanque vazio. Mas se for contínua, a autonegligência pode acabar nos parando no meio do caminho. Você só pode andar na reserva por algum tempo! Confie em mim, sei do que estou falando.

Os perigos do autossacrifício e da autonegligência podem parecer, a princípio, inocentes ou inofensivos. Mas se ficarmos por muito tempo assim, começamos a perder energia, zelo e paixão por todas as coisas na vida. Ficamos tão fatigados e sem combustível que cada pequeno detalhe se torna um desafio. Apenas o pensamento de uma tarefa normal e simples como encher a máquina de lavar louça (de novo) parece como se estivéssemos escalando uma montanha! Comentários inocentes já acendem a faísca. Quando a autonegligência continua e tudo parece um desafio, quase ficamos sem combustível para o nosso casamento também.

Não temos mais energia para surpreender o nosso cônjuge. Não nos cortejamos romanticamente como costumávamos fazer. A intimidade relacional é esforço demais depois de um longo dia de trabalho e filhos. Paramos de ouvir. A conversa fica mais difícil. A energia que temos um para

o outro acaba. Amar nosso cônjuge com os filhos em casa se torna uma tarefa enorme, porque nossa energia foi tão exaurida dando aos nossos filhos que não temos muito mais sobrando. Há muito pouco, se é que há, para dar ao nosso cônjuge. A autonegligência contínua acaba levando ao sacrifício, e o sacrificado normalmente é nosso cônjuge.

A autonegligência é perigosa não só porque rouba nossa energia, mas porque se transforma em uma distração ou desculpa conveniente para ignorar necessidades e preocupações importantes em nosso relacionamento. Sob pressão, a autonegligência força nosso casamento para o banco de trás. “Só quero me concentrar em fazer meus filhos terminarem este ano”, uma esposa me disse. Em meio a um período frenético, um marido disse: “Eu não tenho tempo para ficar pensando no que ela quer também!”

Todos temos atividades ou circunstâncias legítimas que exigem muito de nós. Mas precisamos tomar cuidado para que a autonegligência e o autossacrifício pelo bem dos nossos filhos não se tornem uma desculpa para negligenciar nosso cônjuge também. Devemos evitar permitir que surjam ressentimentos entre nós por causa da falta de comunicação ou de conflitos ignorados ou minimizados. Todos esses “carros beberrões” podem nos deixar exauridos e distantes no nosso relacionamento humano mais importante.

Cuidem um do outro

Um casamento saudável quando os filhos estão em casa é um casamento em que cada cônjuge protege o outro. Sozinhos, somos dominados com facilidade. Ficamos sem combustível. Mas quando vigiamos um ao outro, quando cuidamos um do outro, podemos reconhecer quando nosso cônjuge está ficando perigosamente sem combustível. Podemos, então, intervir para ajudar nosso cônjuge a se reabastecer dando o amor, respeito, atenção e apoio tão necessários.

Por exemplo, há não muito tempo, Patrick estava tendo uma semana particularmente difícil. É sempre ele que levanta de manhã e leva nossos dois cachorros para suas caminhadas matinais. Sabendo que ele tinha muita coisa na cabeça e na agenda, levantei e tomei conta dos cachorros. Embora isso possa parecer pouco, eu sabia que tomar conta disso para Patrick tiraria um pouco da carga pesada que ele estava carregando.

Proteger um ao outro não deveria ser apenas uma manobra de emergência. Proteger um ao outro precisa ser uma atitude proativa, preventiva e persistente (o que quer dizer que vocês enchem o tanque um do outro um pouquinho todo dia!). Por exemplo, vocês podem se proteger:

- Se certificando que o outro tenha uma boa noite de sono.
- Proporcionando uma refeição saudável e balanceada.
- Permitindo tempo para os exercícios físicos.
- Sendo muito carinhoso durante uma doença.
- Apoiando o tempo do outro com seus amigos.
- Fazendo uma tarefa doméstica.
- Deixando o outro apenas relaxar.
- Desafiando-o a dizer não.
- Fazendo amor.
- Oferecendo uma palavra encorajadora.
- Ouvindo seus sonhos, objetivos ou detalhes diários.
- Orando pelo outro.

Quando buscamos viver o voto ausente em nosso casamento, temos que nos

lembrar de valorizar e proteger um ao outro. Deus deu a cada um de nós um presente — um cônjuge que nos proporciona amor, proteção e apoio quando as demandas da vida nos deixam de tanque vazio e que precisa disso da nossa parte também.

Não se voltem um contra o outro!

Uma gafe clássica no campo de batalha é relatada no livro de Juízes, no Antigo Testamento. Eu (Patrick) gosto de ler essa passagem em casamentos para lembrar aos casais de que o casamento é tanto uma bênção quanto um relacionamento de aliança no qual temos que cuidar um do outro. Nessa história, os midianitas, inimigos de Israel, cometeram um erro trágico ao não se protegerem uns aos outros.

Para dar um pouco de contexto, a história fala de Deus dando a vitória a Israel sobre os midianitas. O plano de batalha de Deus exigiu primeiro que Gideão cortasse seu exército para apenas trezentos homens. Deus não queria que Israel levasse o crédito por subjugar os midianitas pela própria força, então se certificou de que eles soubessem que eram fracos. Depois, Deus instruiu Gideão a armar sua força de ataque com nada mais do que jarros de barro, tochas e trombetas. O exército de Gideão, assim, se dividiu em três companhias de cem homens cada e cercou os midianitas para um ataque surpresa. Você apostaria no sucesso deles?

Na calada da noite, enquanto os midianitas dormiam, o exército de Gideão se aproximou do acampamento. Ao comando de Gideão, todos os seus homens quebraram suas jarras, levantaram suas tochas, tocaram suas trombetas e gritaram de surpresa:

> "À espada, pelo Senhor e por Gideão!" Cada homem mantinha a sua posição em torno do acampamento, e todos os midianitas fugiam correndo e gritando. Quando as trezentas trombetas soaram, o Senhor fez que em todo o acampamento os homens se voltassem uns contra os outros com as suas espadas. (Juízes 7:20-22)

Quem nunca foi sacudido de um sono profundo pelo choro de um bebê ou por um cachorro latindo? Imagine ser acordado por trezentas trombetas e jarras quebrando! Nós também gritaríamos! Em um momento de confusão, estresse, desorientação e caos, os midianitas não entenderam bem quem era o

inimigo. Eles se voltaram uns contra os outros, derrotando uns aos outros, em vez de se protegerem.

Por que eu gosto dessa passagem quando falo de casamento? Não há motivo, além da intervenção sobrenatural de Deus, para que os midianitas não tivessem conseguido se proteger. Mas, em vez de se protegerem e lutarem uns pelos outros, eles se voltaram uns contra os outros. Com muita frequência, a mesma coisa acontece no casamento.

Com toda a autonegligência, estresse e excesso de tarefas do casamento com filhos, nós também podemos cair nessa armadilha. Acabamos nos derrotando ao nos voltarmos um contra o outro, em vez de protegermos um ao outro. Se queremos viver o voto ausente de amar nosso cônjuge com os filhos em casa, temos que cuidar um do outro. Lutar contra os inimigos de fora, não contra o cônjuge que dorme ao seu lado!

Proteger um ao outro ao carregar os fardos do outro

O casamento e a criação dos filhos são exaustivos — tanto quanto correr uma maratona! A maioria dos casais que está andando na autonegligência por muito tempo se sente esgotada. Logo, o encorajamento em Gálatas 6:2: "Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo" é um princípio-chave para proteger um ao outro durante a fase da vida de casal com filhos.

A palavra grega traduzida como "levem" significa "colocar sobre si mesmo, levantar ou carregar o que é pesado". Ela transmite a ideia de se aproximar e aliviar a carga de outra pessoa. Quando carregamos o fardo de outra pessoa, levamos esse fardo sobre nós. Compartilhamos a carga para que a outra pessoa não sofra sozinha.

Dietrich Bonhoeffer, um pastor e teólogo alemão que falou com ousadia contra Hitler, escreveu que o cristão "deve suportar o fardo de um irmão. Ele deve sofrer e resistir com o irmão. Apenas quando ele é um fardo, a outra pessoa é realmente um irmão e não apenas um objeto a ser manipulado".[18]

Bonhoeffer estava dizendo que os relacionamentos no mundo real, especialmente os relacionamentos cristãos, vêm com responsabilidade. Jesus nos chama para fazer o trabalho pesado um pelo outro.

O casamento, em particular, vem com uma carga de "levar os fardos um do outro". Nosso cônjuge não é um "objeto a ser manipulado"; pelo contrário, somos chamados a "resistir" e até mesmo a "sofrer" por ele e com ele.

Essa é uma afirmação convicta! Nós podemos não sair por aí dizendo que vemos nosso cônjuge como um "objeto a ser manipulado", mas quantas vezes procuramos conseguir algo *do* nosso cônjuge, em vez de ter cuidado *com* ele? Proteger nosso cônjuge exige darmos força quando ele está fraco ou com dificuldades. Uma forma de amarmos nosso cônjuge é tentando aliviar o fardo quando ele está de tanque vazio.

Só nós Dois

Não fomos feitos para carregar os fardos da criação de filhos — disciplina, agendas, finanças, trabalhos escolares — sozinhos. Tirem alguns minutos para conversar sobre como você e seu cônjuge precisam um do outro para ajudar a carregar o fardo:

- Em quais áreas do casamento ou da criação de filhos vocês têm dificuldades no momento?
- De que maneira você precisa que seu cônjuge se aproxime e ajude a carregar o fardo para você?
- Que coisas específicas você pode fazer para ajudar seu cônjuge a carregar o fardo e evitar a autonegligência?

Às vezes as pequenas coisas são as grandes coisas

Eu conseguia ver que Ruth estava em outro mundo. Ela estava em casa, mas não estava. Nossas vidas tinham acelerado de loucas para mais loucas ainda quando recebemos a oportunidade de escrever dois livros (*O mito da mãe perfeita* e *Apesar dos filhos*). Já estávamos tentando equilibrar nosso ministério pastoral, a educação dos nossos quatro filhos, dois ministérios on-line (*The Better Mom* [A melhor mãe] e *For the Family* [Para a família]), e aí… dois livros?! Passou pela nossa cabeça fugir para uma cabana no nordeste de Michigan e pedir para Deus enviar outra pessoa.

Ambos nos sentíamos um tanto quanto sobrecarregados. Ruth estava sentindo especialmente o peso de tudo o que Deus tinha colocado na nossa frente. Então, quando saía para trabalhar, certo dia, eu só disse: "Você está se sentindo esgotada, não está?"

Foi a gota d'água. O que se seguiu foram muitas lágrimas — lágrimas do tipo "terei que trocar minha camisa".

"O que posso fazer?", perguntei. "Se é isso que Deus tem para nós neste momento, teremos que fazer alguns ajustes. Não conseguiremos viver assim por muito tempo. O que posso fazer para ajudar você?"

Gostaria de poder dizer que sou sempre assim, tão gracioso, mas seria mentira. Entretanto, naquele momento a graça de Deus me deu olhos para ver que eu precisava cuidar de Ruth. Ela estava ficando quase sem combustível. Nós não iríamos acabar bem com esse tipo de autonegligência que estávamos experimentando. Precisávamos carregar o fardo.

Portanto, tivemos algumas discussões difíceis, mas boas. Fizemos ajustes. Desenvolvemos algumas formas de trabalhar juntos e ajudar a carregar o fardo um do outro.

Uma decisão foi que, nos meus dias de folga (sextas-feiras), Ruth sairia, sem distrações nem interrupções, para escrever, responder e-mails e administrar os sites. Era um tempo separado para ela fazer o que precisava. Eu, por minha vez, tomaria conta das coisas da casa. Feito. Solução fácil. O fato de saber que ela teria um dia por semana para fazer o que precisava fazer

foi sua salvação. Trouxe foco e combustível quando ela estava se sentindo aflita e exausta.

Às vezes, não é a coisa maior que precisa ser protegida. Podem ser centenas de coisas pequenas — simples e fáceis — que podemos fazer para aliviar o fardo e ajudar o outro a se reabastecer, tais como:

- Fazer o café.
- Lavar a louça.
- Levar as crianças ao parque.
- Dobrar a roupa (e guardá-la!).
- Tirar o lixo.
- Dar banho nas crianças.
- Lavar a calçada.
- Cortar a grama.

Todas essas tarefas diárias simples, feitas com uma atitude de serviço amoroso para o outro, ajudam a evitar a fadiga. Ajudam a encher um tanque vazio. Recarregam e renovam nossas energias quando as responsabilidades do casamento e da família se tornam um fardo.

Área de descanso à frente!

Quando fazemos uma viagem de carro, quase sempre julgamos os pontos de parada pela existência ou não de um bom café. É a combinação perfeita. Reabastecemos o carro e nos reabastecemos com cafeína (o que acaba levando, inevitavelmente, a paradas adicionais para, digamos, nos aliviar). Grandes rodovias, especialmente rodovias federais, sempre nos dizem com antecedência quantos quilômetros temos até alcançar a próxima parada ou saída. Esses sinais ditam nosso ritmo, dizendo quando e aonde ir.

A criação de filhos não vem com áreas de descanso designadas ou sinais que nos direcionam para postos de reabastecimento. Deus concebeu o trabalho da criação de filhos para ser feito com um parceiro íntimo que se une a nós na jornada, que cuida de nós e nos protege de ficar sem combustível. Então, de que maneiras práticas podemos ajudar a proteger o outro dos perigos da autonegligência? Como podemos saber, com certeza, se estamos fornecendo o combustível de que nosso cônjuge realmente precisa? Aqui estão algumas maneiras específicas de como podemos trazer descanso e alívio para o outro.

Aprendam a ouvir o coração um do outro

A Bíblia revela um Deus que não só fala, como ouve. Ele para. Ele ouve. Ele dirige seu sentimento para nós quando nos volta sua atenção. Os poetas judeus descrevem de várias maneiras o impacto do amor do Deus que nos ouve:

> Pois, que grande nação tem um Deus tão próximo como o Senhor, o nosso Deus, sempre que o invocamos? (Deuteronômio 4:7)
>
> Coloquei toda minha esperança no Senhor; ele se inclinou para mim e ouviu o meu grito de socorro. (Salmos 40:1)
>
> Eu amo o Senhor, porque ele me ouviu quando lhe fiz a minha

> súplica. Ele inclinou os seus ouvidos para mim; eu o invocarei toda a minha vida. (Salmos 116:1-2)

Deus ama ouvindo. É isso que Deus faz por nós. Como diz Dietrich Bonhoeffer: “O amor de Deus por nós é este: ele não apenas nos dá sua Palavra, mas também nos empresta seus ouvidos.”[19]

Podemos não pensar na escuta como um ato de amor, mas é. Deus deseja não apenas que falemos um com o outro em amor, mas que também ouçamos um ao outro em amor. Quando voltamos nossos ouvidos para nosso cônjuge, também estamos voltando nosso coração em amor na direção dele. Estamos tentando compreender profundamente as palavras que ele está dizendo.

Quando somos surpreendidos na correria da vida com filhos em casa, precisamos aprender a usar nossos ouvidos para aproximar nosso coração um do outro. Isso exige que desaceleremos o suficiente para descobrir o que realmente está acontecendo com nosso cônjuge. Ao ouvir, podemos descobrir como ele realmente está, quais são suas maiores lutas, e se ele se sente amado e respeitado em meio ao turbilhão da vida.

Busquem a Deus juntos

Pode existir muito estresse, ansiedade, excesso de tarefas e medo no casamento e na criação de filhos. Quando essas emoções estão presentes dentro de nós, muitas vezes nos agarramos ao salmo 94:19: “Quando a ansiedade já me dominava no íntimo, o teu consolo trouxe alívio à minha alma.” O salmista nos lembra de que temos à nossa disposição um poder maior do que nós. Esse poder é a Palavra de Deus.

Como uma criancinha, precisamos ser consolados com a verdade de Deus, seu poder e a esperança de suas promessas. Sua Palavra é o “pão” com o qual podemos viver. Podemos contar com ela para nos sustentar. Precisamos de “toda palavra que procede da boca de Deus” (Mateus 4:4) para nos dar alegria, descanso e paz quando estamos de tanque vazio.

Como casal, protegemos um ao outro quando compartilhamos a provisão da Palavra de Deus que nos dá vida. Olharmos juntos para a Palavra de Deus nos ajuda a permanecer centrados. Ela nos mantém concentrados no tipo certo de casamento e na missão correta. Dá a direção para seguirmos em frente em nosso casamento e como pais. Nós nos renovamos um ao outro

quando buscamos juntos a sabedoria de Deus.

Compartilhem palavras que ajudem vocês a prosseguir

Nossas palavras carregam grande poder. Elas podem curar ou ferir. Verdadeiramente, elas possuem potencial para a vida ou para a morte (Provérbios 18:21). Um dos nossos versículos favoritos sobre as nossas palavras diz: “O falar amável é árvore de vida” (Provérbios 15:4). Como casal, queremos que nossas palavras tragam vida um ao outro.

Às vezes, apenas uma palavra de verdade, elogio ou encorajamento já é suficiente para preservar a vida de nosso cônjuge. Durante todo o dia, a nossa energia está sendo sugada. Já nos machucamos, emocional e espiritualmente, apenas com os processos diários da vida — trabalhar para sustentar nossa família, sacrificar nossas necessidades pela nossa família e lidar com o estresse diário. Levamos golpes de fora, mas também levamos golpes dentro de casa. Às vezes passamos por fadiga mental e emocional porque acreditamos nas mentiras sempre presentes sobre quem somos como marido, pai, esposa ou mãe. Sempre que nos sentimos inseguros ou inadequados, queimamos mais combustível.

Já enfrentamos adversários suficientes na vida (e não estamos falando de nossos filhos). O que precisamos no outro é de um defensor que nos restaure com palavras de vida e cura. Nossas palavras podem ser uma grande fonte de descanso, força e poder para nos manter na jornada.

Ore quando seu cônjuge precisa de mais do que você pode dar

Às vezes nosso cônjuge pode enfrentar desafios grandes demais, com os quais não conseguimos ajudar — desafios além da nossa sabedoria, recursos ou forças. Isso aconteceu conosco vários anos atrás. Tínhamos mudado de uma igreja e deixado para trás amigos que conhecíamos há dez anos. Estávamos passando por uma fase nova e difícil do ministério — diferente de tudo o que tínhamos passado antes. Depois, no espaço de apenas dois anos, Patrick perdeu seu pai e sua mãe.

Estressante é pouco para descrever o momento! Durante aquele período, eu (Ruth) me sentia impotente para ajudar Patrick a se reabastecer. Queria

ajudar, mas não sabia o que poderia fazer ou como. Patrick precisava de alguém maior do que eu.

Então, fiz o melhor que podia. Orei muitas vezes e com muito fervor por ele. Estávamos no fundo do poço, passando por provações muito acima de nossas forças! Estávamos esgotados, e somente Deus poderia suprir o que precisávamos.

Como casal, uma das melhores coisas que podemos fazer para proteger e reabastecer o outro é orar com frequência. É um grande presente poder apresentar o outro diante do trono de Deus e dizer: “Não conseguimos fazer isso sozinhos. Deus, não temos sabedoria. Precisamos de você. Estamos esgotados, exaustos, de tanque vazio. Precisamos da sua força. Ajude-nos a encontrar a alegria, a força e a sabedoria para seguir em frente.”

Será que estou amando você da forma que você precisa?

No casamento, nosso amor um pelo outro faz toda a diferença quando estamos quase de tanque vazio. Um cônjuge que nos conhece, nos ama e cuida de nós pode ser o primeiro a compreender que precisamos diminuir o ritmo e reabastecer. Um cônjuge amoroso pode fornecer apoio, renovação e encorajamento quando as demandas da vida com filhos em casa nos deixam de tanque vazio. Mas precisamos de um esforço intencional para amar nosso cônjuge da maneira como Deus planejou.

Quando Jesus disse que o segundo maior mandamento era "amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mateus 19:19; Marcos 12:31; Lucas 10:27) ele não estava falando só de nosso vizinho. Ele também estava falando daquele que vive mais próximo de nós — nosso cônjuge! Paulo enfatiza a importância de amar seu cônjuge: "Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher trate o marido com todo o respeito" (Efésios 5:33).

Qual pode ser a diferença entre amar o seu próximo como a si mesmo e amar seu cônjuge como a si mesmo? Um pensamento é que, no casamento, nosso amor, doação e preocupação pelo outro nem sempre são demonstrados tão abertamente como nos outros relacionamentos. Temos a tendência de fazer suposições a respeito de nosso amor pelo cônjuge e, às vezes, disfarçar ou, até mesmo, ignorar a necessidade de expressá-lo. Logo, a ênfase extra em amar o nosso cônjuge deve ser um lembrete sutil de que nossa aliança sagrada do casamento deve ser muito valorizada e de que proteger nosso cônjuge deve ser uma prioridade.

Como saber se estamos amando nosso cônjuge da maneira apropriada? Um rabino deu uma resposta inteligente. A "prova verdadeira", diz o professor Reuven Kimelman sobre cumprir esse mandamento, "não é se *você* sente que o cumpriu, mas se sua esposa sente que você a ama como ama a si mesmo".[20]

Quando amarmos nosso cônjuge como amamos a nós mesmos, nos esforçaremos para ficar próximos. Lembraremos de nos amar cuidando do

outro, estando sempre a postos para oferecer proteção, uma mão amiga, uma palavra encorajadora. Não importa quais sejam as circunstâncias que enfrentamos na vida, podemos enfrentá-las juntos.

Comunicando-se em meio ao caos

Porque a sua boca fala do que está cheio o coração.

Lucas 6:45

"Estávamos na faculdade quando tivemos um de nossos primeiros problemas de comunicação. Nem imaginávamos que isso seria uma imagem do que viria depois que casássemos, tivéssemos filhos e tentássemos achar tempo para nos conectar realmente um com o outro. Eu havia ligado para Ruth depois do trabalho certa noite. Eu estava em Indiana, e ela, em Michigan. Eu ainda não tinha comprado um celular, por isso estávamos ainda utilizando o que parece hoje uma forma arcaica de comunicação — um telefone fixo.

No meio da nossa conversa, começou uma tempestade de verão. Como a maioria das tempestades, começou devagar e se tornou mais intensa e mais terrível com o tempo. Logo nossa conversa ficou toda cortada por causa da estática — muita estática. Tudo o que conseguíamos ouvir da conversa era um trechinho aqui e outro lá.

Conforme os raios e trovões cresciam, nossa ligação telefônica se tornava nada além de fragmentos, frases quebradas e interrupções. A interferência era demais para conseguirmos ter uma conversa significativa. Então, um pouco frustrados e desapontados, nos resignamos a conversar mais tarde.

Nosso problema de comunicação não foi relacional. Não estávamos brigando ou discordando. Nossa comunicação quebrada não era devido ao que acontecia entre nós, mas ao que acontecia ao nosso redor. As circunstâncias externas simplesmente começaram a interromper nossa conexão a ponto de não conseguirmos mais nos comunicar com eficiência. Logo aprenderíamos que estar casados e com filhos faria a mesma coisa.

Se você está casado, não importa há quanto tempo, sabe que a comunicação pode ser difícil. Acrescente alguns filhos à cena e a comunicação se torna mais desafiadora, mais complexa e, às vezes (sim… muitas vezes), caótica! A interação verbal entre marido e mulher pode se

tornar parecida com aquela ligação telefônica durante a tempestade de verão. E aquelas “forças externas” são sua carne e sangue! São os filhos preciosos que trouxemos ao mundo, aqueles a quem amamos e valorizamos. Mas os filhos têm impacto sobre a comunicação.

A perda de comunicação no casamento pode criar distância, falta de intimidade, frustração, ressentimento, e, nos piores casos, a perda total do relacionamento. Em vista disso, é essencial cultivar a comunicação no meio do caos familiar se quisermos cumprir o voto ausente.

Conversar alimenta o relacionamento

Recentemente, eu (Patrick) fui descoberto.

Não pelo que eu tinha, mas pelo que não tinha — a informação que Ruth tinha acabado de compartilhar comigo.

Eu comecei bem. Ruth estava me passando as datas em que estaria fora da cidade. Ela me dizia quem viria cuidar das crianças enquanto eu estava no trabalho, o que nós comeríamos e, basicamente, seu plano para garantir a nossa sobrevivência durante a sua ausência.

Eu sabia que o que ela estava dizendo era importante, mas ouvi-la não estava sendo fácil. Ela tinha muita concorrência. Noah, nosso filho mais novo, estava me pedindo para olhar enquanto ele fazia flexões com um braço só. Eu podia ouvir o que parecia uma tempestade no andar de cima enquanto nossas filhas "discutiam" sobre o que tinha acontecido com a escova de cabelo. E o cachorro, aquele que late para cada ser humano que passa por nossa casa, estava — adivinhe só — latindo.

Eu estava mesmo tentando ouvir, mas parece que não o bastante. Foi um sumiço lento, apenas o suficiente para perder nossa conexão. Por fim, observei a linguagem corporal de Ruth. Ela tinha chegado a um ponto da nossa conversa que exigia minha resposta. Enquanto eu gaguejava para juntar os pedaços do que ouvi, ficou claro que eu estava em apuros!

"Você não estava ouvindo, estava?", perguntou ela. Fui descoberto. Depois de quase dezessete anos de casamento, aprendi que uma boa defesa é não se defender. Uma admissão direta de culpa era tudo o que eu tinha a oferecer.

Às vezes o casal precisa de um esforço verdadeiro para conversar e ouvir um ao outro. E parece que não há substituto para a conversa no que diz respeito a duas pessoas construindo uma conexão. Um artigo no *The New York Times*, chamado "Para se apaixonar por alguém, faça isso", chamou nossa atenção.[21] A premissa central do artigo é que dois estranhos que se sentam e fazem perguntas cada vez mais pessoais um ao outro vão se apaixonar. Um experimento feito pelo psicólogo Arthur Aron, há quase vinte

anos, consistia em 36 perguntas que dois estranhos faziam um ao outro. Qual foi o resultado dessa conversa cada vez mais pessoal? O nascimento de um amor íntimo entre duas pessoas que não se conheciam anteriormente. Aparentemente, o casal original no estudo encontrou o amor depois de apenas seis meses.

Não estamos sugerindo que essa é a maneira como as pessoas deveriam se apaixonar. Entretanto, o artigo ilustra o que a Bíblia ensina sobre intimidade: ela é criada e cultivada por meio do compartilhamento de informações.

A intimidade cresce no solo fértil do tempo cara a cara, quando o marido e a mulher passam tempo juntos. A intimidade cresce quando um casal conversa sobre seus sonhos, medos, sucessos, fracassos, ou mesmo sobre o seu dia. Ao conversar sobre as coisas da vida, abrimos nosso coração para que o outro o conheça, ame e valorize. É isso que faz o amor ser assustador. A intimidade é um entendimento profundo um do outro — do que é bom, do que é mau, do que é feio.

Descobrimos que isso é verdade nos primeiros anos de namoro e casamento. Quando passávamos tempo juntos, conversávamos sobre qualquer coisa e sobre tudo. Conversávamos sobre algumas coisas ridículas, inclusive, como a cor dos olhos. Algumas coisas eram comuns, como o trabalho de casa que estávamos fazendo. Outras eram tolas, como quando compartilhávamos nossos momentos vergonhosos. E, é claro, algumas eram sérias — discussões sobre nosso cenário familiar, nossos piores medos, nossos maiores sonhos e nossas questões espirituais.

Diga qualquer coisa: nós conversávamos sobre isso. Não era chique nem muito romântico. Eram simplesmente duas pessoas aprendendo uma sobre a outra e compartilhando com a outra quem elas eram. Conversando, viemos a conhecer e amar quase tudo sobre o outro. A intimidade estava nascendo pela informação. A comunicação estava acendendo a chama para que o amor verdadeiro e duradouro florescesse.

Nenhum relacionamento sustenta aquele tipo de comunicação intensa, mas nenhum relacionamento pode sobreviver sem uma comunicação íntima continuada. Embora algumas das emoções da “fase de lua de mel” da comunicação possam enfraquecer, o casal tem que tomar cuidado para não parar de conversar de maneira pessoal e íntima. Se não alimentarmos as chamas da intimidade, um de nós, ou os dois, começará a se sentir distante e

isolado. O isolamento está na ausência de intimidade.

Conversem sobre conversar

Um estudo feito Há vários anos descobriu que casais casados tendem a superestimar o quanto eles realmente se comunicam um com o outro. O estudo descobriu que, em alguns casos, “os cônjuges não se comunicam melhor do que estranhos”.* A luz dessa descoberta, os pesquisadores cunharam a expressão “tendência da comunicação de proximidade” para descrever nossa tendência de pensar que conversamos mais do que fazemos na verdade.

Um dos pesquisadores observou que “alguns casais podem de fato estar no mesmo comprimento de onda, mas talvez não tanto quanto acham. Você fica apressado e preocupado, e para de levar em conta a perspectiva da outra pessoa, justamente porque vocês são muito próximos”.** O resultado é que aqueles casais que acham que está se comunicando têm uma “ilusão ” de intimidade. Embora eles possam estar se comunicando, não está tro próximos quanto imaginam estar.

Sobrevivendo à transferência

Quando os filhos chegam, os casais passam por uma “transferência de intimidade”. O marido e a mulher não são mais o centro de seu relacionamento. O cônjuge agora está compartilhando tempo, atenção e afeto com os filhos. Isso não é ruim, mas é perigoso quando se torna uma barreira ao compartilhamento de vida que o casal tinha.

Eu (Patrick) estava sozinho no escritório. Ruth estava em casa, no quintal, com nossos quatro filhos e alguns de seus amigos. Eu queria conversar. Depois de algumas tentativas de conversar sem interrupções, desisti. Era óbvio que eu não era o centro da atenção, e disse isso a Ruth. Tive um ataque de raiva do meu tamanho e abandonei a missão de conversar. “Esqueça”, eu disse, por fim. “Eu ligo para você depois.”

As oportunidades para conhecer seu cônjuge e ser conhecido por ele podem deixar de ser prioridades quando os filhos entram em cena. As palavras compartilhadas com o cônjuge podem se tornar escassas, muitas vezes apagadas pelo excesso de tarefas, crises e exaustão. Um tempo tranquilo para apenas estar juntos pode ser quase impossível. Então, um dos desafios que o casal encontra quando os filhos entram em cena é descobrir maneiras de continuar a compartilhar a vida juntos trocando informações simples e detalhes, aparentemente, insignificantes do seu dia. Nossas palavras nos unem, construindo pouco a pouco os laços seguros e sagrados da intimidade.

Nossas palavras pertencem a Deus

Nossas palavras não começaram conosco, elas começaram com Deus. O Criador do céu e da terra escolheu não ficar em silêncio. Em Gênesis 1, nós lemos por nove vezes: “Disse Deus […].” Deus é o autor das palavras: ele se comunica e constrói intimidade com a sua criação pelas palavras que fala.

Deus nos conectou para a comunicação por causa de quem ele é. Ele fala para se revelar a nós. Ele nos deixa entrar e nos convida para nos unirmos a ele na jornada. Abre a porta não apenas para a sua história, mas também para o seu coração. Quando Deus fala, ele o faz com bondade, amor, criatividade e beleza. A vida flui da sua língua.

Mas nem todas as palavras trazem vida. Satanás também usa palavras. Diferentes das palavras de Deus, as palavras de Satanás trazem dúvida, morte, dor, separação e, por fim, a perda do paraíso.

Dado o conflito entre as palavras de Deus e as palavras de Satanás, não é de surpreender que o primeiro casal, o marido e a esposa que Deus uniu no Jardim, tivessem uma falha na comunicação. Em um momento decisivo, Adão não falou nada:

> Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. (Gênesis 3:6)

Adão não estava em algum canto distante do Jardim, buscando lenha para a fogueira ou tirando uma soneca. Ele estava com a mulher. Estava perto o bastante e ciente o bastante para dizer: “Não!” Ele poderia ter usado suas palavras para combater o mal e proteger sua mulher, mas não o fez. Ao contrário, Adão ficou calado.

Entretanto, Adão não fica calado por muito tempo. Quando Deus vem procurá-lo, ele abre sua boca para falar e se atrapalha de novo. Desta vez, usa as palavras para culpar sua mulher: “Foi a mulher que me deste por

companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi" (Gênesis 3:12). Em vez de tomar a responsabilidade para si, Adão joga a culpa em Deus e em sua mulher. A espiral descendente continua quando Eva joga a culpa na serpente: "A serpente me enganou, e eu comi" (Gênesis 3:13). Ela, assim como Adão, opta por tirar a responsabilidade de si e usar as palavras para acusar outra pessoa.

Que bagunça de palavras! Os filhos nem tinham entrado em cena ainda e o primeiro casal, revestido da imagem e semelhança do Deus que fala, usa suas palavras um contra o outro, em vez de um pelo outro. Como outros tantos que vieram depois, eles usam as palavras para culpar, acusar, ferir, fugir e evitar. Sua dificuldade de comunicação é um lembrete humilhante de como as palavras são realmente importantes. Como imagem e semelhança de Deus, nossas palavras devem refletir o amor de Deus. Como estamos utilizando as palavras que compartilhamos com nosso cônjuge?

Só nós Dois

Tirem algum tempo para conversar sobre como a comunicação de vocês pode ser melhorada para que você e seu cônjuge tenham mais conversas íntimas:

- Que mudanças vocês mais precisam fazer na maneira como se comunicam?
- Como vocês acham que a melhora na comunicação poderia mudar seu casamento?
- Como a permissão para que Deus mude os desejos do seu coração pode impactar na comunicação entre você e seu cônjuge?

Escolheremos palavras de vida ou de morte?

Um casal em nosso bairro parecia passar o casamento e a criação dos filhos só gritando. Todos na vizinhança sabiam disso, menos eles. Se seus filhos estivessem do outro lado da rua, eles gritavam para os filhos voltarem para casa. Se eles estivessem em nosso quintal, eles gritavam. E quando um dos seus filhos fazia alguma coisa errada — sim, mais gritos.

Às vezes, nós os ouvíamos gritar um com o outro. Agora percebo que ter filhos em casa amplifica a comunicação. Mas gritar por tudo não pode trazer vida. Com certeza não para nós. Até mesmo Ginger, o nosso hamster, se encolhia um pouco quando eles gritavam.

As palavras não são fracas. A comunicação tem um poder tremendo. De acordo com Provérbios 18:21, a maneira como usamos nossa língua — as palavras que usamos — trará ou vida ou morte. Observe o poder para a vida e a alegria que vem quando usamos nossa comunicação para glorificar a Deus:

> Mesmo onde há ouro e rubis em grande quantidade,
> os lábios que transmitem conhecimento são uma rara preciosidade.
> (Provérbios 20:15)

> O coração ansioso deprime o homem,
> mas uma palavra bondosa o anima. (Provérbios 12:25)

> As palavras dos justos dão sustento a muitos,
> mas os insensatos morrem por falta de juízo. (Provérbios 10:21)

Os lábios que falam de vida são como ouro e joias raras. A vida é cheia de tensão e ansiedade, mas as palavras certas são como remédio. Elas acalmam, ressuscitam e trazem um grito de alegria onde há desencorajamento. Palavras escolhidas, como boa comida, trazem saúde e sustento. Produzem bem-estar. Quais tipos de palavras queremos trazer ao nosso cônjuge?

Nossas palavras revelam quem somos

Vocês já tiveram algum daqueles momentos como casal quando achavam que ninguém mais estava ouvindo? Quando achavam seguro conversar porque as crianças estavam na cama? Nós já. Certa noite, muito tarde, estávamos sentados no andar de baixo, na nossa sala de estar. Eu (Patrick) estava desabafando — murmurando sobre o ministério, relacionamentos, nossa minivan e sobre tudo o que você possa imaginar! Não era uma conversa que eu quisesse ter de novo.

Foi aí que eu ouvi. Um de nossos filhos esteve no topo da escada ouvindo cada palavra que saiu da minha boca, cada reclamação e insatisfação que saiu do meu coração. Eu morri de vergonha. Envergonhado. Condenado. Não apenas porque eu tinha sido ouvido, mas pelo que as minhas palavras revelaram sobre quem eu era.

Jesus nos lembra de uma verdade muito importante sobre as nossas palavras: elas revelam o conteúdo do nosso coração.

> Nenhuma árvore boa dá fruto ruim, nenhuma árvore ruim dá fruto bom. Toda árvore é reconhecida por seus frutos. Ninguém colhe figos de espinheiros, nem uvas de ervas daninhas. O homem bom tira coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, e o homem mau tira coisas más do mal que está em seu coração, porque a sua boca fala do que está cheio o coração (Lucas 6:43-45).

Às vezes, podemos lutar em nossa comunicação com o nosso cônjuge porque estamos realmente lutando com as motivações e desejos egoístas do nosso coração. Nossas palavras são testemunhas, revelando ao nosso cônjuge (e a quem mais possa estar ouvindo) o que desejamos de verdade. E, às vezes, queremos manter esses desejos escondidos. Então, que tipo de comunicação estamos dispostos a arriscar com nosso cônjuge? Se suspeitarmos de que nosso coração está no lugar errado e de que falar apenas machucará nosso cônjuge, precisamos nos voltar para Jesus e pedir para que ele encha nosso

coração com sua bondade e sua graça. Lembre-se de que algumas coisas são melhores se não ditas. Mas podemos precisar ir além do “bom” e compartilhar o “ruim” e o “feio” quando buscamos humildemente prestar contas ao nosso cônjuge e receber seu apoio.

Recentemente, Ruth e as crianças estavam assistindo a um programa de culinária famoso. Eu estava pronto para um pouco de paz e tranquilidade — o tempo sozinho estava na minha agenda! “Por que você não se senta e se junta a nós?”, perguntou Ruth. Em vez de me comunicar com sabedoria, optei por ficar indo e vindo da cozinha, jogando dicas com minhas palavras e ações de que já era hora de ir para a cama. Não foi tanto o que eu disse, mas como eu disse. Mais uma vez, minhas palavras me entregaram! Não sei ao certo por que é tão difícil admitir para o seu cônjuge quando você está lutando. Teria sido muito melhor para mim se confessasse meu pecado do egoísmo.

Sem uma comunicação saudável e honesta, podemos nunca viver o plano e propósito de Deus para o nosso casamento e família. Estar em sintonia como casal quando você tem filhos em casa exige uma conversa frequente e aberta. Temos que resistir à tentação do egoísmo e trabalhar juntos se quisermos manter nosso amor vivo quando os filhos chegam.

Só nós Dois

Em seu livreto *Conflict* [Conflito], Timothy Lane esboça os desejos mais comuns que podem se tornar demandas autocentradas. Tirem um momento para conversar sobre quais desejos descrevem melhor o coração de vocês:

- **Conforto.** Eu quero, devo ter e mereço algum descanso e relaxamento, e é melhor você não me impedir!
- **Aprovação.** Eu quero, devo ter e mereço sua aprovação, e é melhor você dá-la para mim!
- **Sucesso.** Eu quero, devo ter e mereço ser bem-sucedido, e farei qualquer coisa para chegar lá!
- **Poder.** Eu quero, devo ter e mereço poder, e farei qualquer coisa para tê-lo!***

Conquistem tempo — só para os dois

Amamos ser pais. Há poucas coisas na vida que trazem tanta alegria quanto observar nossos filhos crescerem. Mas também amamos o tempo tranquilo juntos. Não é difícil para nós acordarmos muito mais cedo do que nossos filhos. Quando isso acontece, desligamos logo o despertador e descemos as escadas em silêncio.

Nossas escapadas matutinas são cheias de café e conversas tranquilas — quase um retiro durante essa fase atarefada de nossas vidas. Inevitavelmente, esse tempo sozinhos passa rápido demais. Logo ouvimos o som dos pés no piso de madeira acima de nós. Quando ouvimos os passos descendo as escadas, sabemos que é tempo de fazer a transição do dia: de casal para família, de tempo a sós para tempo juntos. Em breve vai surgir a carinha de uma criança na porta. Colocamos nossos chapéus de papai e mamãe e o dia oficialmente começa.

Todo casal com filhos precisa tirar um tempo para estar a sós e conversar. Não que isso não possa acontecer durante o dia. Só que há muito menos estresse e caos quando estamos sozinhos, tentando nos comunicar. A maioria da nossa melhor comunicação acontece quando estamos completamente envolvidos com o outro, sem ter que satisfazer as necessidades de nossos filhos. Precisamos de um esforço extra e um pouco de planejamento para tirar vantagem desses breves momentos. Pode ser uma fugidinha para caminhar, uma saída semanal à noite, sentar na varanda depois que as crianças estiverem na cama, ou um encontro para um almoço durante a semana.

Seja quando, ou como for possível, esse tempo é necessário, não é? A comunicação muda quando temos uma família, mas ela não tem que acabar. Precisamos criar oportunidades para compartilhar o que está no nosso coração. Precisamos tirar um tempo para pensar e conversar com o outro sobre o futuro. E precisamos de tempo juntos para sincronizar agendas, checar compromissos, discutir viagens, planos para a semana e coordenar os detalhes diários da vida.

Diminuindo o “fogo”

Não é nenhum segredo que criar filhos pode deixar o casal à beira de um ataque de nervos. A comunicação pode se transformar em conflito em um instante. Não é apenas o que dizemos que importa, mas como dizemos. Muitos conflitos em nossa casa começaram devido à maneira como um de nós disse alguma coisa.

Felizmente, o Novo Testamento está cheio de instruções sobre como interagir um com o outro. Embora pudéssemos escrever um livro inteiro sobre o fruto do Espírito (Gálatas 5:22-23), queremos sublinhar apenas dois — amabilidade e mansidão — que são cruciais para a comunicação.

A amabilidade e a mansidão são expressões, ou decorrências, do amor. Elas têm um jeito de mudar o clima da comunicação, de guerra para paz. Quando nos movemos em direção ao amor mútuo, devemos fazê-lo com amabilidade e mansidão. Em seu livro *The Practice of Godliness* [A prática da piedade], Jerry Bridges oferece uma percepção útil sobre essas duas qualidades de caráter.

“Amabilidade”, ele diz, é o “desejo sincero pela felicidade dos outros”. É “nossa consciência daqueles que nos cercam e a consideração que podemos expressar por eles”.[22]

A amabilidade, para um casal, pode ser vista quando sorrimos para o outro, expressamos nossa apreciação, encorajamento ou reconhecemos quando nosso cônjuge fez algo bom ou agradável.

A “mansidão”, por outro lado, é “buscar ativamente fazer os outros se sentirem à vontade, ou ‘descansados’, em nossa presença”.[23] A mansidão diminui qualquer tensão no relacionamento, permitindo que o marido e a mulher se sintam confortáveis na comunicação. A mansidão ajuda o casal a conversar de maneira aberta e honesta, sem se atacar ou ficar na defensiva.

Uma das melhores ilustrações de amabilidade e mansidão nas atitudes é encontrada em uma descrição da vida e ministério de Jesus:

> Não quebrará o caniço rachado, não apagará o pavio fumegante, até

> que leve à vitória a justiça. Em seu nome as nações porão sua esperança. (Mateus 12:20-21)

Entende-se, normalmente, que a linguagem de “caniço rachado” e “pavio fumegante” se refere às pessoas. Jesus não seria crítico, duro, arrogante, rude, enérgico ou exigente. Ele seria gentil e manso com as pessoas — cuidando para curvá-las, mas nunca quebrá-las. Se queremos agradar a Deus e honrar um ao outro com nossa comunicação, devemos escolher nossas palavras com sabedoria e falar com cuidado, para que possamos interagir com amabilidade e mansidão.

Aperte o botão de “pausa”

“Quero que todos fiquem quietos por cinco minutos”, anunciou Ruth. “Seu pai e eu estamos tentando conversar.” Olhei no retrovisor para avaliar qual seria a eficiência desse pedido.

Um filho, que estava antes com a janela abaixada “mugindo” para as vacas, parou.

Outra filha, que cantava alto enquanto ouvia músicas em seu iPod, parou.

Os outros dois pareciam pareceram perplexos.

“Estamos tentando ter uma conversa séria e precisamos de um pouco de paz e tranquilidade. Cinco minutos. Sem conversas”, terminou Ruth. Ela disse isso com tanta calma e seriedade que, por um momento, pensei que poderia realmente funcionar. E funcionou — quase. A paz e a tranquilidade duraram dois minutos, em vez de cinco. Não foi nem perto do tempo necessário para terminarmos nossa conversa. Em retrospecto, não era a melhor hora para tentarmos ter uma conversa séria.

Vamos falar sobre as discordâncias

Em Romanos 12:18, o apóstolo Paulo escreve: “Façam todo o possível para viver em paz com todos.” Todo casal lida com o conflito. As discordвncias são inevitáveis, até mesmo nos casamentos mais saudáveis. A seguir, apresentamos uma lista de maneiras para lidar com as discordвncias que pode ajudá-los a se comunicarem de um jeito que honre mais a Deus enquanto vocês lutam para “viver em paz” um com o outro:

1. Admita (confesse) rapidamente a própria contribuição para o conflito. Comece com “eu”, em vez de “você”.
2. Esteja disposto a perdoar. Evite viver no passado e não jogue os erros anteriores em cima do seu cônjuge (Mateus 6:14-15; Efésios 4:32).
3. Concentre-se não apenas no que precisa ser dito, mas na melhor maneira de dizê-lo (Efésios 4:29).
4. Procure resolver as discordвncias logo (Mateus 5:23-24).
5. Evite extremos e exageros. “Você sempre […]”; “Toda vez […]”; “Eu nunca […]”. Não responda no calor da emoção — tire um tempo para ouvir e esfriar a cabeça antes de entrar em conflito (Tiago 1:19-21). Esteja disposto a desconsiderar pequenas ofensas (Provérbios 12:16; 19:11).
6. Não evite o conflito necessário — guardar sentimentos pode levar a amargura, ao ressentimento e a mais conflitos.
7. Seja específico — não espere que seu cônjuge leia sua mente. Faça perguntas — tome cuidado para não fazer suposições ou chegar a conclusxes prematuras.
8. Tente se concentrar mais no positivo do que no negativo (Filipenses 2:1-4; 4:8).

Como casal, tirem algum tempo para discutir quais desses itens são mais desafiadores para vocês e por quê. Quando é mais provável que vocês tenham discordвncias nocivas? Escrevam e discutam os dois ou três pontos principais de conflito que são mais comuns para vocês e para sua família. O que vocês podem começar a fazer diferente?

Este é o problema para a maioria dos casais com filhos. Há um momento bom para conversar, e milhões de momentos terríveis para conversar. Muitas vezes é melhor colocar certas conversas na “pausa” até que as crianças estejam na cama e nós estejamos sozinhos. Isso elimina o estresse, a distração e o barulho gerado em uma casa (ou carro) cheio de crianças. Tentar conversar sobre nossas finanças, a agenda lotada, o desapontamento com nossas expectativas românticas ou uma disputa sobre disciplina quando as crianças estão correndo ao redor é como despejar gasolina em uma fogueira.

As cidades no mundo antigo eram, muitas vezes, construídas com

muralhas ao seu redor, para segurança e proteção. É por isso que Provérbios 25:28 diz: “Como a cidade com seus muros derrubados, assim é quem não sabe dominar-se.” Um casal sem autocontrole é como uma cidade fraca, vulnerável e, facilmente, derrotada. Um casal com autocontrole pode prevenir o desastre ou a destruição. Como pais, é nossa responsabilidade controlar o que é dito, como é dito e quando é dito, para podermos construir segurança em nossos relacionamentos de casamento e família.

Talvez um dos tipos mais importantes de comunicação para se colocar em “pausa” seja o conflito. Os filhos vão sentir o que não puderem compreender. Por isso, embora seja útil para nossos filhos verem como trabalhamos juntos e nos comunicamos de maneira saudável para resolver problemas, é melhor ter as conversas mais sérias e difíceis na ausência deles. Tomar cuidado com a forma como nos comunicamos é útil para criar e para manter um ambiente seguro e pacífico para nossos filhos. Temos uma chance muito maior de nos comunicar da maneira certa quando exercemos autocontrole no momento e colocamos algumas conversas em “pausa”.

Comunicação: a habilidade de que todos precisamos para o sucesso

Um estudo recente perguntou a adultos quais habilidades são mais importantes, na opinião deles, para que seus filhos sejam bem-sucedidos na vida. Noventa por cento identificou a habilidade de se comunicar.[24] As pessoas valorizaram o tipo antigo de comunicação — cara a cara, conversando, ouvindo, compreendendo e se envolvendo.

Os filhos não são os únicos que precisam aprender a se comunicar para que sejam bem-sucedidos. Aprender a se comunicar é uma jornada para a vida toda — uma jornada absolutamente necessária se queremos viver o plano e propósito de Deus para manter o nosso voto de amar nosso cônjuge com os filhos em casa. O cumprimento desse voto não vem por acaso. Exige graça, esforço intencional e muita comunicação para que nosso amor continue a crescer cada vez mais profundo e mais forte.

Notas

* William Harms, “Couples Sometimes Communicate No Better than Strangers” [Às vezes os casais não se comunicam melhor do que estranhos], *UChicago News*, 20 janeiro 2011. Disponível em: <http://news.uchicago.edu/article/2011/01/20/couples-sometimes-communicate-no-better-strangers-study-finds>. Acesso em: 31 out. 2016.

** Ibid

*** Timothy Lane, Conflict [Conflito], Greensboro, NC, New Growth Press, 2006, p. 5-6.

Eliminando a guerra das finanças

> Há duas maneiras de se ter dinheiro o suficiente: uma é conquistar mais; a outra é desejar menos.
>
> G. K. Chesterton

"Eu devia ter doze ou treze anos quando meu avô me pegou olhando um catálogo de motocicletas que eu peguei em uma loja de bicicletas local em sua cidade natal, Prestonsburg, Kentucky. Ele não se impressionou com meu amor por motocicletas. “Se você quiser voar, consiga um brevê”, ele disse.

Diz a lenda que meu avô comprou uma Harley logo depois da Segunda Guerra Mundial. Cair com ela em uma estrada de terra quase lhe custou sua vida. Então podemos entender sua falta de entusiasmo pelo meu interesse em dirigir uma algum dia. Mas nunca me esqueci do meu sonho de ter a própria moto.

Quando eu estava no oitavo ano, meu pai me comprou uma bicicleta motorizada. Pela graça de Deus, sobrevivi a umas “quase batidas”, como no poste de luz do nosso jardim. Logo depois do Ensino Médio comprei minha primeira motocicleta, uma Honda Rebel 250.

Durante o verão de 2002, alguns anos depois de casado, eu tinha economizado dinheiro o suficiente para comprar a moto dos meus sonhos — uma Harley-Davidson Softail Heritage Classic preta. Era uma moto linda. Uma longa distância da minha bicicleta motorizada! Cheia de cromados, bolsas de couro, mais cromados e um para-brisas que mantinha os insetos longe do meu rosto, essa era uma moto de homem. Eu tinha chegado lá!

Assim que meu sonho foi realizado, ele começou a desmoronar. Não foi um acidente que me custou a moto; foi a transição para a paternidade. O verão de 2002 também trouxe para nossas vidas nosso primeiro filho. Nós nos tornamos uma família, e nossas finanças nunca mais seriam as mesmas!

Embora Patrick possa ter me visualizado sentada na garupa de sua moto, eu (Ruth) estava tendo um tipo diferente de visão. Eu tinha somado o custo das fraldas, roupas de bebê, despesas médicas e carrinhos de bebê e estava visualizando uma conversa “de volta à realidade” com ele sobre família e

finanças. Felizmente, ele caiu em si antes da "conversa". Fiquei aliviada e grata porque, embora não fosse fácil, ele compreendia que uma família trazia consigo um novo conjunto de prioridades.

Ter uma família, normalmente, significa uma nova pressão sobre as finanças, e é uma pressão que nunca acaba. Um artigo do *The New York Times* observa: "De acordo com o Departamento de Agricultura, o casal comum de classe média vai gastar US$ 241.080,00 para criar um filho até os 18 anos. Acrescente quatro anos de faculdade, e talvez pós-graduação, ou um estágio subsidiado pelos pais na companhia de teatro local, e diga olá para o seu pacote de alegria de um milhão de dólares."[25]

Nós conseguimos! Nosso primogênito, Tyler, já não é mais um bebê. Ele acabou de fazer a transição para os sapatos de adulto. Apenas o custo dos sapatos e roupas novas já é suficiente para dar palpitações! Acrescente o dentista, os custos dos esportes e os mantimentos, e não é de admirar que a maioria dos casais com filhos sinta a pressão de um orçamento apertado. O custo dos filhos é real e, às vezes, há muita "luta" quando um casal lida com a realidade financeira da vida com filhos em casa.

Quando os recursos, que já eram limitados, têm que se esticar para satisfazer necessidades ainda maiores, o casal pode sentir muito estresse. Para alguns casais, o estresse financeiro de se tornar uma família significa:

- Ansiedade pelo futuro e bem-estar da criança.
- Sair para jantar menos vezes (e em lugares mais baratos).
- Não viajar nas férias.
- Incapacidade de economizar para emergências e necessidades futuras.
- Dizer adeus aos gastos supérfluos em roupas mais bonitas, móveis para a casa ou passatempos.

Com o tempo, a nova dinâmica financeira pode cobrar seu preço sobre o casamento. Por mais que os filhos sejam uma bênção, a pressão de suprir suas necessidades pode ser muito pesada para muitos casais. O resultado pode ser conflitos, desencorajamento e, até mesmo, distância entre marido e mulher.

Filhos + dinheiro = estresse

Um artigo recente na revista *Money* sobre dinheiro e casais destaca o que a maioria dos casais, especialmente os que têm filhos, já sabe: os casais casados têm dificuldades com as finanças. De acordo com as estatísticas, “70% dos casais discute por causa de dinheiro — mais do que as brigas por tarefas domésticas, intimidade, sexo, roncos, ou o que tem para o jantar”.[26]

O que achamos interessante é que os casais cujos filhos têm mais de 18 anos experimentam menos conflitos com as finanças do que os casais com filhos menores de 18. O artigo relata que 80% dos casais com filhos com menos de 18 anos discute por causa de dinheiro, enquanto 64% dos casais com filhos acima de 18 anos indicam o dinheiro como fonte de conflito. Para a maioria dos casais, ter filhos em casa joga gasolina na fogueira das finanças.

Uma reportagem da CNN, em fevereiro de 2015, observa que “as pessoas que vivem em casas com nível de renda menor, os pais de filhos com menos de 18 anos, e as gerações X e Y estão entre os mais prováveis a relatar altos níveis de estresse financeiro”.[27]

Os gastos são o maior motivo pelo qual os casais brigam por finanças. De acordo com a pesquisa, 55% das brigas pelas finanças se relacionam com os gastos, enquanto apenas 37% se relacionam com as economias. Quando você acrescenta as necessidades dos filhos na mistura, é fácil ver que custos inesperados, despesas médicas, esportes, atividades extracurriculares, roupas, financiamentos educacionais e aparelhos eletrônicos só aumentam o que já é um assunto delicado na maioria dos casamentos.

Administrar os nossos gastos era, e ainda pode ser, uma grande fonte de conflito para nós. Criar filhos aumenta as despesas, então esses recursos têm que suprir mais necessidades. Esse foi um ajuste muito grande para nós, como é para a maioria dos casais. Algumas das nossas necessidades e, na maior parte do tempo, nossos desejos, tiveram que ceder lugar às necessidades dos nossos filhos. Qualquer casal que não tenha uma atitude altruísta nessa área vai, com certeza, passar por conflitos.

Não podemos fugir da realidade de que as finanças, e o quanto estamos unidos na sua administração, têm um papel significativo na saúde do nosso casamento. Para manter o nosso amor vivo quando as crianças chegam, é mais importante do que nunca que eliminemos a guerra das finanças.

Gastador + poupador + conflito = desastre

Assim que casamos, vivíamos em um apartamento de porão em Lincoln Park, Chicago, enquanto completávamos nosso último ano no Instituto Bíblico Moody. Tínhamos uma escrivaninha antiga de madeira em nossa minúscula cozinha, onde mantínhamos todas as contas e outros papéis relacionados com as finanças. Durante aqueles primeiros anos, eu (Patrick) controlava nossas finanças. Eu rabiscava nossas despesas semanais e mensais e mais nosso rendimento precário em um pedaço de papel. Fazia tabelas ilustrando o que precisávamos e o que tínhamos. Não era um sistema sofisticado, mas, pelo menos, tínhamos um plano. Isso durou mais ou menos dois meses.

O problema era que tínhamos visões opostas sobre o dinheiro. De fato, nossas visões sobre dinheiro e finanças não podiam ser mais diferentes quando casamos. Um era gastador, o outro, poupador. Nenhum de nós era extremamente habilidoso na administração financeira, sem falar em resolução de conflitos. Sabíamos que o casamento tinha as próprias tensões, mas nunca adivinhamos que as finanças seriam uma de nossas maiores tensões. A combinação se mostrou perigosa.

Durante os primeiros anos de nosso casamento, cometemos quase todos os erros financeiros que um jovem casal pode cometer. Financiamos um carro, compramos uma casa, financiamos móveis novos, pegamos um cachorro, depois outro cachorro e, por fim, compramos a Harley. Antes dos dias de Dave Ramsey,[28] eu (Patrick) ouvia quase todos os programas financeiros de Larry Burkett.[29] Infelizmente, o casamento desfez tudo o que eu tinha aprendido. A cada decisão financeira imprudente que tomávamos, eu não só me sentia desconfortável, como podia ouvir Larry “sussurrando” no meu ouvido!

Uma das nossas decisões insensatas já teria sido ruim o suficiente, mas a junção de todas elas, com o acréscimo do nosso primeiro filho, nos jogou em um buraco do qual levamos anos para conseguir sair. As diferenças que tínhamos sobre o dinheiro trouxeram sua cota de divisão ao nosso casamento e, muitas vezes, desejamos poder voltar e fazer tudo diferente naqueles

primeiros anos.

Felizmente, não fomos deixados no escuro para descobrir tudo isso sozinhos. O reino e o governo de Deus em nossas vidas se estendem para as nossas finanças, e Jesus não era comedido quando se tratava de falar sobre dinheiro. É impossível separar fé, finanças e família. Por toda a Bíblia somos encorajados a ter uma perspectiva de vida que mantenha nossas prioridades financeiras na ordem correta. As prioridades financeiras e de vida traçadas na Bíblia incluem o seguinte:

- Trabalhar duro (Provérbios 6:6-8; Colossenses 3:23; 1Timóteo 5:8).
- Economizar com sabedoria (Provérbios 21:20).
- Evitar as dívidas (Salmos 37:21; Provérbios 22:7).
- Dar com generosidade (Provérbios 22:9; 2Coríntios 9:7; 1Timóteo 6:17-19).
- Fugir do amor ao dinheiro (Provérbios 28:22; Lucas 12:15; 1Timóteo 6:6-8).
- Encontrar nossa segurança e esperança verdadeira em Deus (Hebreus 13:5-6; 1Timóteo 6:17-19).

Em Lucas 12, Jesus se encontra no meio de uma rixa familiar. Aparentemente, dois irmãos estavam disputando a herança. Jesus usa a situação como uma oportunidade de ensinar que a vida é muito mais do que dinheiro. Ele diz aos dois:

> “Homem, quem me designou juiz ou árbitro entre vocês?” Então lhes disse: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens.” (Lucas 12:14-15)

O dinheiro não é tudo. “A vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens.”

Viver com menos não é igual a viver menos. Manter essa perspectiva sobre o dinheiro é crucial se queremos viver em unidade financeira como casal, principalmente quando temos filhos em casa. Não foi fácil para nós aprender isso. Não só nossas finanças estavam fora de ordem por causa das coisas que adquirimos de forma imprudente, como ficamos chocados com o

que aconteceu com as nossas coisas depois que os filhos chegaram em casa.

Não importa o quanto você tente cuidar das suas coisas, as crianças são difíceis. Tivemos as portas do carro danificadas por patinetes, sofás temperados com refrigerante, bicicletas deixadas na chuva e sapatos deixados fora e comidos pelo cachorro. E nem contamos quantas vezes tivemos que substituir o tapete cinza pálido que Ruth encontrou para a nossa sala de jantar, que já foi perfeito, mas ficou irremediavelmente manchado. Só reparar esses danos já suga o dinheiro para dentro de um gigantesco buraco negro.

Por muito tempo lutamos com isso. O erro que cometemos foi pensar que ter mais significava viver mais. De alguma forma, pensamos que seríamos mais felizes, mais satisfeitos se tivéssemos mais das coisas que desejávamos. É claro que é ótimo ter um pequeno extra para economizar, é ótimo ter algumas das coisas que queremos e gostamos, e é ótimo comer fora mais de uma vez por mês. Mas essas coisas não trazem vida para a vida.

Finalmente, percebemos que a vida é muito mais do que simples coisas. Nenhuma quantidade de dinheiro ou posses pode se comparar aos momentos que tivemos para desfrutar da vida com nossos filhos, incluindo:

- Ficar acordados até mais tarde para praticar habilidades no futebol.
- Relaxar na cama conversando e rindo.
- Ler mais um livro para as crianças.
- Noite de filme em casa.
- Pizza e pipoca para o jantar.

Esses são os momentos dos quais nossos filhos mais vão se lembrar. É o nosso relacionamento, os momentos juntos — não o dinheiro ou as coisas — que valem a pena.

Só nós Dois

Tirem algum tempo juntos para discutir maneiras de trabalharem juntos para eliminar a guerra das suas finanças. Não tentem solucionar tudo de uma vez. Comecem com pequenos passos que os dois possam manter:

- De que maneira poderíamos nos concentrar em viver mais, mesmo que estejamos vivendo com menos?
- Que mudanças em nossas finanças seriam mais benéficas para o nosso casamento durante essa fase da vida?
- Que ajustes na ordem de nossas prioridades financeiras poderiam fazer uma diferença positiva em nosso relacionamento conjugal?

Quando começamos a colocar nossa vida financeira no lugar adequado, muitas das brigas e muito do estresse do nosso casamento foram embora. Descobrimos que viver com menos não é o mesmo que viver menos. Nós podemos viver — até mesmo viver bem — com menos, mas isso exige aprender a viver dentro dos nossos limites.

Aprendendo a viver dentro dos nossos limites

Uma das melhores maneiras de evitar ou minimizar o estresse financeiro é viver com sabedoria dentro dos nossos limites. Desconsiderar a importância de um orçamento e viver sem limites é um caminho certo para trazer a tensão de viver em dívidas. Confie em nós, sabemos do que estamos falando!

A Bíblia nos avisa de maneira consistente sobre os perigos de se viver além do que podemos bancar. Observe os alertas sobre viver sem limites financeiros:

> O rico domina sobre o pobre; quem toma emprestado é escravo de quem empresta. (Provérbios 22:7)

> Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro. (Mateus 6:24)

As dívidas podem se tornar um fardo muito pesado. E não é só a dívida que pode colocar uma pressão financeira sobre o casamento. Sacrificar-se demais, como ao gastar além do que realmente temos disponível para gastar, também nos escraviza.

Por exemplo, recentemente conversamos com um casal sobre o desafio das viagens esportivas. Com quatro filhos em casa, nós lutamos para decidir quanto dinheiro é justo para se gastar nas viagens esportivas ou em outras atividades extracurriculares mais caras. O casal com quem conversamos lamentou a pressão que a liga de viagem do seu filho estava colocando sobre eles. Eles não chegaram a contrair dívidas por causa disso, mas não tiravam férias há anos porque os custos dos torneios acabaram com sua capacidade financeira de viajar. Essa é uma armadilha fácil. A pressão financeira de manter os filhos envolvidos em diferentes esportes ou atividades pode ser difícil, criando muito estresse conjugal.

Sendo assim, como viver dentro dos limites? Em primeiro lugar,

trabalhamos juntos neles. Reafirmamos nossas prioridades financeiras e familiares para que possamos planejar o futuro, para que saibamos quando dizer sim e quando dizer não no que diz respeito às decisões financeiras. Só esse compromisso já ajuda demais a vivermos dentro dos limites e diminui a pressão sobre o nosso casamento.

O próximo passo é ajustar nossos gastos. Nós dois tivemos que restringir nossos gastos desde que as crianças chegaram. Dependendo da sua situação financeira, isso pode significar concordar em não comprar a roupa, sapatos ou itens para a casa mais caros. Pode significar ficar sem “desejos” pelo bem das necessidades durante essa fase. Pode significar restringir as atividades nas quais nossos filhos se envolvem, em vez de permitir que eles participem de tudo e qualquer coisa. E para algumas famílias enfrentando desafios financeiros excepcionais, pode significar buscar auxílio para suas necessidades com a família, amigos ou a igreja local.

Decidir viver dentro dos nossos limites exige que ignoremos o que as outras famílias estão fazendo. Significa se recusar a cair na armadilha de se comparar ou competir. Significa tomar a decisão de viver com sabedoria com aquilo que Deus nos deu e onde ele nos colocou. Embora possa ser difícil, o que ganhamos em troca vale muito a pena.

“Nosso” dinheiro, não “meu” dinheiro

Quando nos unimos em casamento, a Bíblia diz que nos tornamos “uma só carne”. Nossa unidade foi idealizada para abranger a vida por completo, e não apenas o que acontece no quarto. Aprender a trabalhar juntos como uma equipe com nossas finanças é incrivelmente importante. Na vida real, entretanto, a unidade financeira muitas vezes não acontece.

Inevitavelmente, quando eu (Patrick) aconselho casais, o assunto do dinheiro vem à tona. Muitas vezes ouço-os falar em termos de “meu dinheiro” *versus* “seu dinheiro”. Um cônjuge diz: “Bom, eu pago o financiamento da casa e do carro e os celulares. E você?” Ou, como uma mãe disse: “É o meu trabalho e o meu salário — você não pode me dizer o que fazer com ele.” Esses são sempre momentos dolorosos e constrangedores no aconselhamento, e não são raros.

Enquanto estivermos pensando em “meu” e “seu” surgirão incontáveis oportunidades para o conflito financeiro. “Meu” significa que não estamos trabalhando juntos. Estamos funcionando como dois indivíduos, e não como uma equipe. É útil passarmos a pensar e conversar em termos de “nosso dinheiro”, e não mais em “meu dinheiro”.

Logo que casamos tomamos a decisão de nos tornarmos um, até mesmo nas finanças. Nossa atitude é que não podemos escolher em quais áreas caminharemos em unidade e em quais não. Então, desde o começo, tentamos trabalhar como uma equipe no que diz respeito às finanças. Quando nós dois trabalhávamos fora, não nos concentrávamos em quanto cada um ganhava — nos concentrávamos em quanto ganhávamos juntos.

Em nossa casa temos trabalhado juntos para estabelecer um orçamento, descobrindo o que é melhor para o casamento e a família durante as fases diferentes da nossa vida. Conversamos abertamente e com frequência sobre rendimentos, despesas, economias e necessidades atuais e futuras. Embora nossas habilidades individuais signifiquem que eu (Patrick) faça mais a parte de planejamento e orçamento, e Ruth garanta que as contas sejam pagas, estamos os dois envolvidos, trabalhando juntos para administrar nossas

finanças. Tudo o que temos e possuímos é um, porque nós somos um.

Só nós Dois

Para acabar com a guerra das finanças, precisamos trabalhar juntos, como um. Precisamos parar de usar a palavra *meu* e começar a usar a palavra *nosso*. Conversem sobre como você e seu cônjuge podem começar a trabalhar como um só em suas finanças:

- O que poderia mudar se vocês se comunicassem com mais frequência sobre suas finanças?
- Qual seria o benefício de estabelecerem juntos um orçamento?
- O que poderia mudar se vocês estivessem mais dispostos a ouvir um ao outro e a fazer concessxes no que se refere as decisxes financeiras?

Decidam hoje o que vocês farão por seus filhos amanhã

O futuro estará aqui antes que possamos perceber. Se você está lendo isso, e seus filhos são novos, é difícil imaginá-los fazendo a primeira aula de direção ou saindo de casa para ir para a faculdade. Se seus filhos já estão com idade suficiente para falar, você já tem uma ideia do que o espera à frente. É provável que eles já estejam pedindo aparelhos eletrônicos — tablets, computadores e celulares. Esses marcos da vida não estão muito longe.

Não importa qual seja a idade deles hoje, você já sabe que se aproxima o dia em que eles sairão de casa. Um dia desses estávamos conversando em casa sobre como nosso filho mais velho estará na faculdade em apenas mais quatro anos! Portanto, viver no propósito e com um plano é essencial. Considere a sabedoria do pensamento e do planejamento antecipado que encontramos nas seguintes passagens da Bíblia:

> Os planos bem elaborados levam à fartura; mas o apressado sempre acaba na miséria. (Provérbios 21:5)

> Na casa do sábio há comida e azeite armazenados, mas o tolo devora tudo o que pode. (Provérbios 21:20)

> Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la? Pois, se lançar o alicerce e não for capaz de terminá-la, todos os que a virem rirão dele, dizendo: “Este homem começou a construir e não foi capaz de terminar.” (Lucas 14:28-30)

O princípio que devemos tirar de cada uma dessas passagens é que os sábios começam a planejar e economizar para o amanhã. Não é sempre fácil construir um plano. Em nossos primeiros anos de ministério, pensávamos: *Como é que conseguiremos economizar para o futuro quando mal e mal passamos o mês com o salário que temos?* Naquela época, não conseguíamos

economizar para o futuro da maneira que queríamos, mas podíamos conversar e planejar, e começar a fazer alguma pequena economia.

Vamos falar sobre finanças na nossa família

Seguem algumas perguntas para ajudar vocês a pensar e a conversar sobre algumas das decisxes difíceis, mas importantes, que vocês precisam tomar para contribuir para as necessidades financeiras futuras da sua família. Essas conversas demandarro tempo, pensamento e muita graça, enquanto vocês buscam, como casal, obedecer a Palavra de Deus e fazer o que é melhor para sua família:

- Com que idade, ou de acordo com que critério, permitiremos que nossos filhos tenham o próprio celular?
- Eles serro responsáveis pelo pagamento da conta?
- Nossos filhos serro responsáveis pela compra de seus carros?
- Que ajuda financeira ofereceremos, se é que ofereceremos alguma?
- Deveríamos tentar pagar a faculdade de nossos filhos?
- Se sim, quanto tentaremos economizar para ajudá-los a cobrir essa despesa?
- Como podemos ajudar nossos filhos a administrar bem o próprio dinheiro?
- Qual o valor de uma mesada adequada?
- Como podemos ensinar nossos filhos a economizar quando eles recebem um presente, mesada ou salário?
- O que nossos Hábitos de consumo ensinam aos nossos filhos?
- Como comunicar aos nossos filhos, de maneira verbal e não verbal, sobre o trabalho duro?
- Estamos ensinando nossos filhos a serem generosos?
- Será que doamos com liberalidade em nossa igreja local e estamos encorajando nossos filhos a fazerem o mesmo?
- Como podemos ensinar melhor e ser modelos de generosidade para com aqueles em necessidade?
- Conforme nossos filhos crescem, e as roupas ficam mais caras, o que esperamos que eles paguem?
- De quantas atividades esportivas e extracurriculares deveríamos permitir que nossos filhos participem durante um ano?

Uma das tendências crescentes em nossa cultura, e que todo casal com filhos tem que enfrentar, é o que está sendo chamado (entre outras coisas) de “adolescência estendida, *adultescência*, geração canguru, jovens adultos, os vinte e poucos anos e adultos emergentes”.[30] É uma tendência que pode

colocar uma pressão significativa sobre as finanças de uma família e acrescentar estresse, e até mesmo conflito, sobre o relacionamento do casal.

O Dr. Christian Smith, professor de Sociologia na Universidade de Notre Dame, descreve os adultos emergentes como “um tempo de limbo, de transição, de não ser nem um adolescente nem um adulto verdadeiro”.[31] Embora ele cite várias causas para essa tendência social (maior educação formal, casamento tardio, carreiras menos seguras, controle de natalidade e pós-modernismo), ele identifica uma causa particularmente importante para os pais que estão criando filhos: o apoio financeiro dos pais. Comentando sobre essa causa em particular, ele escreve:

> Os pais atuais, cientes dos recursos muitas vezes necessários para que sejam bem-sucedidos, parecem cada vez mais dispostos a estender o auxílio financeiro e de qualquer outro tipo para seus filhos para bem depois dos seus vinte anos e talvez até o início dos trinta. De acordo com as melhores estimativas, os pais norte-americanos gastam uma média de US$ 33.340,00 por filho no auxílio material total (dinheiro, casa, despesas com educação, alimento etc.) no período de dezessete anos entre as idades de 18 e 34 anos. Esses recursos ajudam a subsidiar a liberdade dos jovens adultos para esperar um bom e longo tempo antes de se estabelecerem na vida adulta completa.[32]

A ideia é que a transição para a vida adulta está levando muito mais tempo agora do que jamais levou. É óbvio que não podemos afirmar que todas essas circunstâncias existirão quando nossos filhos entrarem nessa transição da adolescência para a vida adulta. Mas essa consciência nos permite começar a conversar sobre como podemos preparar melhor nossos filhos para que sejam bem-sucedidos quando saírem de casa. Pode nos motivar a ensinar aos nossos filhos o valor do dinheiro, do trabalho duro, de orar para conhecer a vontade de Deus para eles, da responsabilidade e, até mesmo, de economizar o próprio dinheiro para o futuro.

Ninguém sabe o que nos espera amanhã. Quando simplesmente aprendermos a planejar o futuro a partir do hoje e a confiar em Deus em relação ao amanhã, poderemos tirar do nosso casamento os conflitos e estresse desnecessários.

Lembrando da nossa esperança e segurança

A maior proteção contra o estresse e o conflito financeiro é uma convicção duradoura na fidelidade de Deus. Deus controla o futuro e por isso não temos que controlá-lo. Não importa qual seja a fase ou suas demandas específicas, não caminhamos sozinhos pela vida!

Quando olhamos para trás, para os últimos dezessete anos de casamento, vimos que passamos por muitos períodos assustadores em nossa vida financeira. Durante um desses períodos, eu (Patrick) comecei em um segundo emprego, além das minhas responsabilidades pastorais, para pagar algumas contas. Mas, quando refletimos sobre aqueles períodos, podemos dizer honestamente que, por mais difíceis que alguns deles tenham sido, Deus, como um Pai fiel, sempre proveu o que precisávamos. Sim, passamos alguns períodos sem desejos (e, às vezes, sem o que pensávamos ser necessidades). Também passamos por períodos em que amigos pagaram nossas contas depois de perdermos, repentinamente, nossa fonte de renda. Mas Deus sempre interveio, fazendo exatamente aquilo que ele disse que faria.

Na parábola do rico insensato de Lucas 12, Jesus ensina que confiar demais no dinheiro é tão perigoso quanto amar demais o dinheiro. Ele usou o homem rico da parábola como uma ilustração de que a ganância pode ser evidente não apenas em se ter muito dinheiro e não compartilhar, mas também em colocar muita esperança no dinheiro. A incapacidade do homem rico de dar aos outros era motivada por um desejo de guardar o que era seu para proteger apenas a si mesmo. Ele estava construindo celeiros maiores para guardar seu excesso, em um esforço para garantir uma maior segurança para si.

Devemos perceber que a ganância não é apenas um tesouro fora de lugar — é uma confiança fora de lugar. Não surpreende que a ganância seja tão ofensiva para Deus, nosso Pai, que ama e protege o que é seu. A confiança na bondade de nosso Pai nos liberta do estresse e da ansiedade desnecessários. Nossa segurança não depende do tamanho do nosso celeiro, mas do tamanho do nosso Deus. É exatamente por isso que Jesus, nessa mesma passagem, nos

diz para não nos preocuparmos:

> Dirigindo-se aos seus discípulos, Jesus acrescentou: “Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. A vida é mais importante do que a comida, e o corpo, mais do que as roupas. Observem os corvos: não semeiam nem colhem, não têm armazéns nem celeiros; contudo, Deus os alimenta. E vocês têm muito mais valor do que as aves! Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? Visto que vocês não podem sequer fazer uma coisa tão pequena, por que se preocupar com o restante?” (Lucas 12:22-26).

Encontramos a paz nas finanças na dependência do Pai, não na independência financeira. A verdadeira segurança é confiar que Deus é nosso Pai. Ele nos deu promessas grandes e preciosas de que supriria todas as nossas necessidades. Um dos nossos versículos favoritos, que nos lembra da presença e do poder de Deus para suprir necessidades, é Hebreus 13:5:

> Conservem-se livres do amor ao dinheiro e contentem-se com o que vocês têm, porque Deus mesmo disse: “Nunca o deixarei, nunca o abandonarei.”

Embora o casamento com filhos em casa diminua seus recursos e encolha seu orçamento, nós temos um Pai que conhece nossas necessidades. Ele nos deu sua Palavra para nos guiar, ajudando-nos a caminhar com sabedoria para que as finanças não dividam o que ele uniu durante essa fase cara, mas feliz, do casamento e da família.

Um teste de unidade:

quando a vida fica realmente difícil

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações.
>
> 2Coríntios 1:3-4

"Em 2010 meu (Patrick) pai faleceu de repente em um acidente de carro, e o nosso mundo virou de cabeça para baixo. Ninguém pode preparar você para um telefonema daqueles. Quando Ruth chegou em casa com as crianças e olhou para mim, na hora pôde dizer que havia acontecido algo terrível, sem que eu dissesse uma palavra. Era um tipo novo de sofrimento para nós, um tipo do qual não nos recuperaríamos com facilidade.

Minha mãe morava a duas horas da nossa casa e não conseguia ficar sozinha. Imediatamente ela virou uma preocupação para mim e minhas irmãs. Isso custaria a todos nós tempo, energia e recursos. Não havia como superar, apenas como passar pela situação. De repente fomos todos empurrados para uma nova fase da vida que incluía o sofrimento. O nosso novo normal era devastador. Como passaríamos por essa tragédia junto com nossa fase já tumultuada de vida? Como isso impactaria nossos filhos? Como encontraríamos tempo para tudo que era necessário ser feito? Como encontraríamos tempo um para o outro? As coisas difíceis, não importa o que sejam, testam nossa intimidade.

Um marido e pai lidando com a perda do emprego pode sentir grande medo, raiva e isolamento. A última coisa em sua mente é como ele pode alimentar seu casamento.

Um casal que perde um ente querido — um pai, um amigo, um filho — cai numa espiral de meses, ou talvez anos, de luto. Romance, intimidade e cultivo do relacionamento do casamento são as últimas coisas na sua cabeça

quando se está apenas tentando sobreviver um dia de cada vez.

Um casal com um filho com necessidades especiais pode se sentir sozinho, frustrado e se ressentir com amigos e familiares que parecem abandoná-lo para desfrutarem as próprias vidas. Suprir as necessidades da criança demanda e recebe quase todas as gotas de energia que eles têm, deixando pouco a ser compartilhado um com o outro.

Um marido e uma esposa cujo filho tenha sido abusado ou molestado podem cair na culpa, acusações ou responsabilização. Por que não pudemos (ou você não pôde) proteger nosso filho? O que nós (ou você) poderíamos ou deveríamos ter feito diferente? Sua intimidade pode se desfazer.

Um casal desencorajado pelos desafios de um segundo casamento pode pensar: *Seria mais fácil seguirmos em caminhos separados. Admito, não funcionou. Tentar unir nossas famílias é difícil demais.* Eles podem se sentir derrotados demais para alimentar o que temem ser mais um relacionamento fracassado.

Todas essas situações desafiadoras, e outras mais, podem esmagar um casamento. As coisas difíceis podem levar um casal a tentar fugir da dor e a fugir um do outro no processo.

As coisas difíceis da vida estão por todos os lados. Elas nos atingem de perto, na forma da perda de empregos, doenças, mortes, tragédias, abortos espontâneos, finanças apertadas, abuso ou deficiências. São encontradas nas famílias mistas e nas famílias tradicionais. Crianças ameaçadas, crianças com dificuldades escolares, com autismo, paralisia ou doenças mentais, todas cobram seu preço. Em todos os lugares para onde olhamos, há evidências de que não estamos mais no Jardim. A criação original de Deus foi manchada pelo pecado, e o sofrimento, com o tempo, deixa sua marca em todos nós.

Esperança para nossas provações mais difíceis

Mesmo que Jesus nos tenha dito que as provações da vida são inevitáveis (João 16:33), ainda nos surpreendemos com elas, ficamos loucos com elas e, às vezes, somos derrotados por elas. A intenção de Deus para a intimidade e a amizade no casamento pode ser severamente testada quando essas provações chegam, porque as dificuldades têm uma maneira de testar nossa unidade.

A boa notícia é que Deus não nos abandona nos momentos difíceis. Embora possamos nos sentir impotentes, em Jesus temos todos os recursos necessários para vivermos nossos votos de casamento — juntos. As provações não têm que nos separar.

De fato, o autor Dan Allender escreve que, às vezes, Deus "nos leva para as profundezas do nosso desespero para que nasça uma nova esperança".[33] É possível passar pelas provações com a esperança e a alegria estabelecidas com mais segurança na verdade e nas promessas de Cristo. Deus pode e usa as dificuldades para o nosso bem. No casamento, nossas provações podem ser um portal para maior maturidade, intimidade e dependência da graça de Deus.

Então, como superar as dificuldades? Como encontrar esperança quando estamos vivendo em meio às dificuldades? Como ficarmos juntos quando estamos sobrecarregados? Não há método ou fórmula para lidar com tudo o que a vida joga sobre nós. E, às vezes, é impossível "superar" os desafios. Mas há maneiras, com esperança e honra a Deus, para se atravessar a dor, e elas começam por não apenas atravessá-la, mas atravessá-la juntos.

Eu (Patrick) não consegui identificar isso certa vez. No meio do turbilhão depois que meu pai morreu, eu não percebi o que estava acontecendo, e, certamente, não tinha tempo para a reflexão. Tinha coisas demais na cabeça. Estávamos lidando com coisas demais para uma pessoa só. Precisávamos de todas as mãos no convés só para nos mantermos sobre a água. Mas, em algum momento depois que minha mãe faleceu, passou pela minha cabeça que Ruth não tinha reclamado nem uma única vez durante os dois anos em que ajudamos a cuidar da minha mãe. Uau! Eu sei muito bem que aqueles

anos não foram fáceis para ela. Eu passava mais tempo fora, e ela tomou para si responsabilidades adicionais que eram normalmente minhas, incluindo ficar sozinha com as crianças em muitas ocasiões. Tivemos despesas extras e, nós dois, menos tempo juntos. Tudo isso cobrou um alto preço não apenas para mim, mas também para nós, como casal e como família. Olhando para trás, é um milagre todos nós termos sobrevivido! As coisas estavam diferentes e mais difíceis, mas Ruth nunca permitiu que essa perturbação trazida para a nossa "vida normal" se colocasse entre nós.

Por mais que aqueles anos sejam um borrão para mim, agora vejo, com clareza, como nosso casamento se manteve forte enquanto lutávamos para atravessar aquilo tudo. Ruth estava ao meu lado. Estávamos passando por aquilo juntos.

Compromissos que importam

O amor bíblico não diz respeito a como nos sentimos; diz respeito a como agimos. É um compromisso profundo de honrar a Deus e honrar um ao outro, não importa quais sejam as dificuldades da vida. Descobrimos que os cinco compromissos a seguir são ъteis quando passamos por fases difíceis como casal:

1. **Confiamos no que diz a Palavra de Deus, e não apenas nos nossos sentimentos.** É tão fácil ser governado pelas nossas emoções. Mesmo quando não sentimos, permitimos que a verdade e as promessas de Deus sejam nossa âncora.
2. **Vamos orar e ler a Palavra de Deus juntos com regularidade.** Não vamos deixar nossa dor nos tirar da obediência a Cristo. Vamos correr para ele, e não dele, durante esse período difícil.
3. **Seremos amantes altruístas.** Teremos uma atitude de servo e não permitiremos que nossas expectativas, desejos de conforto ou egoísmo fiquem no meio do caminho, nos impedindo de honrar a Cristo e um ao outro.
4. **Vamos conversar com frequência e abertamente.** Compartilharemos nosso coração com o outro, faremos perguntas e ficaremos conectados, especialmente quando seria mais fácil se retirar ou se calar.
5. **Não passaremos por isso sozinhos.** Vamos nos aproximar de amigos, família e da nossa igreja e pedir ajuda para atravessarmos esse período difícil.

Não vivemos um casamento de revista durante aqueles anos. Não havia noites de namoro regulares. Nossos momentos românticos eram muito mais raros. Estávamos no modo sobrevivência, mas sobrevivendo juntos.

As dificuldades não permitem um casamento centrado no eu. O tipo de casamento e família que honra a Deus, aquele que dissemos querer e pelo qual estávamos dispostos a trabalhar quando trocamos nossos votos de casamento, exige sermos amantes altruístas. As dificuldades testam esse voto. Nossas ações sempre revelam aquilo em que realmente acreditamos. Fizemos o voto e, quando as dificuldades apareceram, era hora de mantê-lo. Felizmente, Ruth e eu estamos perseverando, nem sempre de modo perfeito, mas ainda estamos atravessando tudo juntos.

A dor é parte da nossa jornada

Minhas (Ruth) esperanças estavam despedaçadas — totalmente despedaçadas — e não pela segunda ou até terceira vez, mas pela quinta vez.

Eu gritei para a enfermeira: “Eu não entendo! Por que isso continua acontecendo?”

Todos os meus frascos de sangue, picadas de agulha, visitas ao médico, medidas e sinais vitais indicavam que dessa vez, com vinte semanas de gestação, eu deveria ouvir um coração batendo forte e saudável na criança em meu ventre. Em vez disso, eu olhava em silêncio, chocada, sem acreditar que o coração do meu bebê, perfeitamente saudável, tinha parado de bater sem nenhum motivo aparente.

Por que, Deus? Essa é a quinta vez! Por que isso continua acontecendo? Por quê?

Instantaneamente comecei a afundar. Comecei a me recolher, puxando para dentro de mim todo o desapontamento, perguntas e raiva. Estava cambaleante de dor ao perder mais um filho no ventre. Queria esquecer todo o resto.

Não apenas estava sentindo uma dor profunda, mas, às vezes, também culpa por aquilo que sentia ou pelas perguntas com as quais lutava. E a vida com filhos em casa não parava. Patrick e eu ainda tínhamos trabalho a fazer, uma casa para cuidar, um ministério para liderar e filhos para criar. Era demais. Em vez de me envolver, me retirei. Por um tempo, me afastei até do Patrick.

Eu (Patrick) percebi que a dor pela qual Ruth estava passando era muito diferente da dor que eu estava experimentando. Lutei para compreender e sentir o que ela sentia. Aprendi a ouvir, resistindo à tentação de tentar consertar tudo. Ela não precisava que eu a empurrasse para ficar mais forte; ela precisava que eu fosse paciente enquanto Deus trazia a cura. Fiz meu melhor para lhe dar espaço para estar sozinha, permissão para não compreender tudo ainda e tempo para deixar Deus fazer o que somente ele poderia fazer.

Ela precisava saber que, como mãe, que é tão acostumada a dar, estava tudo bem colocar-se na ponta que recebe. Até nossos filhos ajudaram! Fizemos o melhor para fazer as coisas que Ruth normalmente faz. Nossos filhos mais velhos dirão que aceitaram bem o desafio — mantendo seus quartos limpos, ajudando com a roupa, levando alguma coisa para Ruth comer, ou apenas deitando ao seu lado no sofá. Foi um esforço em equipe. Algo que estávamos comprometidos a atravessar juntos.

Só nós Dois

Tirem algum tempo juntos para conversar sobre como seu casamento é fortalecido quando vocês lidam juntos com as dificuldades:

- Se vocês estiverem no meio de uma dificuldade agora, questionem: o que cada um precisa mais do outro?
- O que vocês está aprendendo que poderiam não ter percebido sem essa provação?
- Como Deus pode usar sua experiência para encorajar outros casais que passam por circunstвncias similares?

Na Bíblia, o livro de Jó conta a história de um homem cuja família foi severamente atingida. As dificuldades atingiram todas as esferas de sua vida — sua riqueza definhou, seus filhos morreram e sua saúde declinou. A dor e o questionamento espiritual que Jó expressa ao longo do livro são duros. É a vida real. Jó nos lembra de que não apenas é certo sofrer, como também há uma maneira certa de sofrer. Para Jó, seu sofrimento o levou para o céu. Timothy Keller resume bem isso quando diz o seguinte a respeito de Jó:

> Sim, ele reclamava para Deus. Ele duvidava, mas ele duvidava para Deus. Ele gritava e clamava, mas fazia isso na presença de Deus. Não importa em quanta agonia estivesse, continuava a se endereçar a Deus. Continuava a buscá-lo. E, no final, Deus disse que Jó triunfou.[34]

As dificuldades de Jó o aproximaram do trono da graça de Deus, mostrando que nossas lutas e dúvidas podem levar a uma devoção maior. Não

é fácil ficarmos juntos, como casal, ou ficar com um cônjuge, quando você está lidando com uma dor tão profunda. A esposa de Jó não ficou exatamente ao seu lado. De fato, ela lhe disse: “Você ainda mantém a sua integridade? Amaldiçoe a Deus, e morra!” (Jó 2:9). A dor pode ou distanciar, ou levar à maior devoção a Deus e um ao outro. As dificuldades podem ser uma oportunidade para vermos que é nosso privilégio e presente precioso de Deus quando continuamos a nos amar e a caminhar juntos durante esses períodos.

Sendo pacientes com Deus e um com o outro

Detestamos esperar por qualquer coisa. Quando nosso micro-ondas quebrou, você teria pensado que nossos filhos morreriam de fome! Dez minutos para aquecer um prato de sopa ou um pedaço de pizza, comparado com os trinta segundos do micro-ondas, parecia uma eternidade. Semana passada mesmo estava ouvindo Ruth murmurar de frustração com seu computador porque uma página não estava carregando rápido o suficiente. Para ser justo, eu faço o mesmo. A ironia é que, quanto mais rápidas e convenientes as coisas se tornam, mais impacientes nos tornamos.

Quando se trata de ser paciente, certamente não gostamos de ser pacientes com Deus ou com qualquer outra pessoa quando estamos sofrendo. Ainda assim, paciência é o que mais precisamos, especialmente em tempos de sofrimento, como Tiago nos lembra:

> Portanto, irmãos, sejam pacientes até a vinda do Senhor. Vejam como o agricultor aguarda que a terra produza a preciosa colheita e como espera com paciência até virem as chuvas do outono e da primavera. Sejam também pacientes e fortaleçam o seu coração, pois a vinda do Senhor está próxima. […] Irmãos, tenham os profetas que falaram em nome do Senhor como exemplo de paciência diante do sofrimento. Como vocês sabem, nós consideramos felizes aqueles que mostraram perseverança. Vocês ouviram falar sobre a perseverança de Jó e viram o fim que o Senhor lhe proporcionou. O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia. (Tiago 5:7-8,10-11)

Esses versículos nos lembram de que ganharemos muito ao sermos pacientes em nosso sofrimento, ao perseverarmos durante os tempos difíceis. Sejam pacientes porque o Senhor está vindo. Essa fase não terá a palavra final. Sejam pacientes porque Deus está trabalhando. Esperar não é desperdiçar tempo. Sejam pacientes porque Deus é com vocês, cheio de compaixão e misericórdia para confortá-los. Você não pode passar correndo

pela dor, então seja paciente na dor. As dificuldades não devem ser apressadas. Podemos ser pacientes na dor por causa da esperança que temos em Cristo. Podemos ser pacientes em meio à dor, sabendo que no fim seremos abençoados, se não nessa vida, na vida que há de vir.

Como casal, precisamos ser pacientes e esperar em Deus, enquanto resistimos aos momentos difíceis e dolorosos da vida. Também precisamos ser pacientes um com o outro. Enquanto trabalhamos para atravessar juntos as dificuldades, precisamos nos lembrar de que cada um de nós pode ser atingido de maneira diferente por aquilo que enfrentamos. Podemos não lidar com as dificuldades da mesma forma ou no mesmo tempo. Um marido pode assimilar e internalizar. Uma esposa pode verbalizar sua dor, conseguindo a cura gradualmente, na medida em que ela fala sobre isso. Um casal normalmente experimenta emoções muito diferentes: um cônjuge pode ficar deprimido; o outro, irado ou ressentido. O processo de lidar com a dor e o luto não é previsível. A dor, as perguntas e as inseguranças vêm e vão em momentos diferentes.

Todos esses altos e baixos são bons, se não necessários, para a cura. Somos verdadeiramente um presente de Deus para nosso cônjuge quando damos um ao outro permissão para sofrer e quando temos paciência enquanto sofremos.

Não importa onde estejamos no processo de lidar com as dificuldades da vida — um aborto espontâneo, um revés financeiro, deficiência, ofensas, morte —, precisamos continuar abertos um para com o outro. Precisamos estar um com o outro. Essa é uma parte importante para atravessarmos juntos a dor:

- Precisamos conversar.
- Precisamos fazer perguntas.
- Precisamos ouvir com atenção a resposta do nosso cônjuge.
- Precisamos admitir quando não conseguimos ir adiante.
- Precisamos descarregar nossas frustrações.

Como lidamos de maneiras diferentes com o luto, e em tempos diferentes, temos que manter nossos corações abertos um para o outro. Precisamos amar e caminhar com nosso cônjuge, não importa qual seja a situação. Deus está usando nosso sofrimento para nos mudar, dando-nos a oportunidade de nos

apoiarmos nos pontos fortes um do outro quando o sofrimento nos atinge. Ele está preenchendo o que falta em nós:

> Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança. E a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam maduros e íntegros, sem lhes faltar coisa alguma. (Tiago 1:2-4)

Quando sofremos, Deus realiza sua obra em graus diferentes e em momentos diferentes. Ser paciente um com o outro significa não tentar consertar o lugar onde seu cônjuge está na jornada. É deixar espaço para Deus fazer a obra quando e como ele quiser. Ser paciente oferece uma graça extra, compreendendo que isso também é parte da obra transformadora de Deus em nossa vida.

Durante as dificuldades, nossa fé é testada e refinada. Descobrimos do que nossa fé é realmente feita. Enquanto caminhamos pelo processo, precisamos ter paciência com Deus e um com o outro. E, sim, por mais valiosos que sejamos um para o outro, às vezes, precisamos mais do que o amor recíproco para passar por isso.

Precisamos da igreja

Eu (Patrick) cresci como filho de pastor. Igreja é o que tínhamos no domingo de manhã, no domingo à noite, na quarta à noite e mais algumas vezes. Cresci vendo o bom, o ruim e o feio que vêm junto quando se é parte da família do "já", mas "ainda não" de Deus. Eu (Ruth) só me tornei cristã mais tarde. Fui atraída à igreja não apenas por causa dos programas e eventos legais, mas porque havia algo de maravilhoso na maneira como as pessoas cuidavam umas das outras. Para mim, a igreja era uma comunidade linda de pessoas que cuidavam profunda e genuinamente umas das outras e do mundo.

Amamos a igreja. Precisamos dela. A comunidade é essencial para aquilo que significa ser cristão, e a igreja é onde encontramos essa comunidade. Amamos a maneira como Tim Chester e Steve Timmis descrevem a beleza de sermos igreja:

> Jesus veio criar um povo que seria modelo do que significa viver sob o seu governo. Seria um glorioso posto avançado do reino de Deus, uma embaixada do céu. É aqui que o mundo pode ver o que significa ser verdadeiramente humano.[35]

O Novo Testamento traz muitos mandamentos destinados a nos unir em uma família maior do que a nossa família biológica. Devemos amar um ao outro (João 15:12), levar os fardos uns dos outros (Gálatas 6:2), dedicarmo-nos uns aos outros (Romanos 12:10), edificar uns aos outros (Efésios 4:29), aceitar uns aos outros (Romanos 15:7), servir uns aos outros em amor (Gálatas 5:13), exortar uns aos outros (1Tessalonicenses 5:11), perdoar uns aos outros (Efésios 4:32) e orar uns pelos outros (Tiago 5:16).

Esses versículos nos lembram de que Jesus redefine a família. Ele amplia o círculo. Cria uma nova família unida nele.

O que isso tem a ver com amar seu cônjuge durante as dificuldades da vida? Às vezes, como casal, as dificuldades são maiores do que nós. Precisamos de ajuda. Precisamos que nossa família estendida da igreja

atravesse essa fase conosco.

Há quase vinte anos, um casal que considerávamos nossos pais espirituais passou por uma tragédia transformadora. A vida do filho deles, e a deles, mudou instantaneamente quando um acidente de carro confinou o filho para sempre em uma cadeira de rodas. Por mais de 150 dias, a mãe não saiu do lado da cama do filho. O casal lamentou, uniu esforços, dividiu as responsabilidades e iniciou a longa jornada para atravessar essa fase difícil.

Quando eles finalmente trouxeram o filho do hospital de volta para o lar, entraram na rua de casa e viram a família da igreja alinhada nos dois lados da via. Por meses, sua família da igreja tinha orado por eles, chorado com eles, levado refeições e enviado cartões para eles. Agora, os recebia em casa. Eles estavam de pé, alinhados pela rua, não apenas para serem vistos, mas como uma maneira simbólica de dizer: “Estamos aqui por vocês e com vocês. Vocês não vão passar por isso sozinhos. Vamos passar por isso juntos!”

Quando as fatalidades nos atingem, precisamos um do outro — do nosso cônjuge e da nossa grande família da igreja. A igreja pode e deveria ser um refúgio, um povo e um lugar de esperança em meio à dor. E é exatamente isso que a igreja é chamada a fazer com seu povo. E quando faz, é lindo.

Encontrando esperança na forma como termina a história de Deus

Eu (Ruth) compartilhei a história dos meus abortos muitas vezes. Certo dia, depois de compartilhá-la em uma conferência, uma mulher se aproximou de mim perguntando como minha história terminava. Ansiosa, ela perguntou: "Você nunca compartilha o resto da história. O que aconteceu depois do último aborto?"

Minha resposta? "É isso. Esta é a história".

Tenho certeza de que essa mãe bem-intencionada esperava ouvir que eu, finalmente, tinha dado à luz um bebê saudável depois do último aborto. Ela queria a resolução de contos de fadas do "viveram felizes para sempre".

Mas, às vezes, a história é apenas o que é. A aflição acontece. As dificuldades não ficam mais fáceis. Os anos passam. O luto se estabelece. As memórias se repetem e voltam ao pensamento.

Nem toda história trágica ou desapontamento termina com uma grande reviravolta. Nossas histórias nessa vida nem sempre terminam bem. Embora Deus tenha me abençoado com quatro filhos que estão vivos e bem, nunca mais serei a mesma depois de passar pela angústia de perder cinco bebês.

Nem sempre conseguimos uma explicação para o nosso sofrimento. O que Deus nos dá é a bênção de caminharmos um ao lado do outro por meio das dificuldades. Encorajando um ao outro, orando um pelo outro, chorando um com o outro, e lembrando um ao outro do caráter de Deus apesar das circunstâncias.

A vida é dura. Não se passa um dia em que eu não pense nos meus bebês que já se foram daqui, mas que me aguardam no céu. Mas sei que, na economia de Deus, nenhuma lágrima é desperdiçada, nenhuma dor é escondida, nenhuma aflição passa despercebida, nenhuma agonia não é vista. Deus está trabalhando nas provações, e por meio delas.

Quando somos tentados a ficar irados, amargos ou ressentidos, precisamos nos lembrar de quem é a história que realmente estamos vivendo. Pela graça de Deus, precisamos voltar para o Personagem principal. Todas as coisas, até mesmo as mais difíceis, estão sendo usadas por Deus como parte

de sua história.

A vida nem sempre é fácil, mas é essencial se render aos resultados e expectativas do que Deus está fazendo e fará. Viver o voto ausente envolve se lembrar de que nosso casamento tem uma missão. Nosso relacionamento é parte de algo maior do que apenas o nosso romance. Mesmo nas perdas, eventos inesperados, tragédias e sofrimento, somos testemunhas de quem Deus é.

As dificuldades podem nos levar a um relacionamento mais profundo com o outro. A dor ainda está ali, mas dói menos quando temos nossa unidade. Olhando para além da dor, podemos caminhar com Jesus pelas aflições e para os braços do Pai, confiando em todo o tempo que Deus está fazendo algo com as nossas dificuldades. Podemos nem sempre compreender, mas temos uma promessa de que Deus está usando a dor na história dele. É essa confiança que permite ao casamento e à família perseverar em meio às nossas histórias de queda e dificuldades. Nossa dor vem com uma promessa — ela não está sendo desperdiçada, e um dia ele se livrará de todas as dificuldades, de uma vez por todas.

Você vai sobreviver a isso!

É o que Jesus é, e não o que somos, que dá descanso à nossa alma.
Charles Spurgeon, *Morning and Evening* [Manhã e noite]

"Nossos filhos estão crescendo rápido. Finalmente trocamos nossa minivan por uma SUV. Não encontramos mais salgadinhos esmigalhados, chupetas velhas, livros de colorir usados e copos sujos e mofados. No lugar, encontramos travas de chuteira, meias sujas, garrafas de isotônico, carregadores de celular, livros de matemática e iPods.

Recentemente, passamos uma noite de sexta-feira olhando álbuns antigos — um azul, um rosa, um vermelho, e fotos digitais que (talvez) vão virar um álbum algum dia. Durante aqueles primeiros anos, eu (Ruth) tirava fotos dos nossos filhos com todo entusiasmo e guardava cuidadosamente as memórias em álbuns. Conforme os anos passavam, cada vez menos fotos faziam a transição do meu telefone para um álbum.

Enquanto olhávamos aqueles álbuns em família, naquela noite, não conseguia acreditar em como as crianças tinham mudado e em como nós mudamos. Encontramos fotografias de tantas idades e fases diferentes:

- Fotos de hospital.
- Primeiros passos.
- Andando de bicicleta.
- A apresentação dos bebês.
- Jogos de futebol.
- Jogos de beisebol.
- Arrumando a árvore de Natal.
- Viagens de férias para o Tennessee, Colorado, Flórida e Virgínia.
- Pais, avós, tios, tias e primos.
- Casamentos e funerais.
- Patrick até encontrou fotos dele com cabelo!

Como as fotos sempre fazem, elas nos reportaram a diferentes fases da vida. Algumas foram muito boas, outras difíceis demais. Quando a vida passa rápido, você nem sempre percebe como chegou longe até que olhe para trás. Foi um bom lembrete não apenas daquilo que passamos, mas também de como passamos (às vezes com muita dificuldade).

"Você se lembra da nossa primeira viagem do ministério jovem? Aquela em que cada um de nós dirigiu uma van lotada de estudantes até Chicago?", Patrick perguntou.

"E o verão em que você estava no final da gravidez da Bella e dormiu no closet com a Harley (a cadela) porque ela estava prestes a ter seus filhotes?"

"Olha só como o Tyler e a Bella eram pequenos na foto!"

Conversamos sobre como descobrimos as alergias alimentares de Noah da maneira mais difícil e assustadora. Refletimos sobre o período de quatro anos em que Patrick perdeu seu pai e sua mãe, e sobre o mês de novembro quando minha mãe sofreu uma cirurgia de emergência no coração. Lembramo-nos de como foi difícil vender a casa onde vivemos por dez anos, a casa para onde levamos nossos quatro filhos depois que nasceram.

E também dos bons momentos. Conversamos sobre como Bella tinha amadurecido, de uma menina legalista a uma jovem que adora doar-se e servir, muitas vezes indo junto em visitas ao hospital para entregar cartões que ela mesma fez. Rimos sobre as diversas "afirmações de moda" do Noah. Seus bonés de aba reta, seu amor por sapatos e a roupa íntima grande debaixo das bermudas! Assistimos aos vídeos da Sophia "exibindo" sua imaginação e criatividade. Ela várias vezes pregava sermões para suas bonecas, dançava para nós depois do jantar, e nos entretinha com piadas e anedotas. E discutimos como Tyler sempre foi um pequeno homem em corpo de criança — o Sr. Responsável. Sempre tivemos que lembrá-lo de que ele era um dos filhos e não um dos pais!

Nem sempre conhecíamos o caminho a seguir, tomávamos a decisão correta ou tínhamos as respostas perfeitas. A âncora que nos permitiu estabilizar o nosso casamento e a nossa família durante as várias fases e circunstâncias foi ficar perto de Jesus. Quando o buscávamos em primeiro lugar, ele cumpria fielmente sua promessa de cuidar de todo o restante (Mateus 6:33).

Você está seguindo uma pessoa, não uma fórmula

Viver a visão de Deus para o casamento e a família seria muito mais fácil se houvesse uma fórmula para seguirmos. Exploramos ideias e princípios bíblicos ao longo deste livro, mas eles não são fórmulas. Não existe A + B = C quando se trata de viver a visão de Deus para o casamento e a família. Não temos uma fórmula à prova de erros, mas temos o convite de seguirmos a Jesus — que, em pessoa, é "o caminho, a verdade e a vida" (João 14:6).

Eu (Patrick) estava separando alguns livros no meu escritório, há alguns dias, quando me deparei com um de meus antigos diários. Como muitas pessoas, mantive o hábito de escrever diários durante algumas épocas da vida. Enquanto passava os olhos pelas páginas, encontrei um pensamento que tinha escrito no segundo ano da faculdade:

> Tento considerar cada dia como um passo mais próximo de caminhar na direção correta. Acho que nem sempre tenho certeza do caminho a tomar. Tudo o que posso fazer é ser fiel dia a dia e confiar que, na soberania de Deus, minha vida será revelada de acordo com sua vontade para mim.

Escrevi essas palavras em agosto de 1997, apenas um ano antes de me casar com Ruth. Quem diria que, apenas uns meses depois, um trote telefônico me levaria ao casamento? Na época, eu duvido que compreendia completamente como as palavras que escrevi em meu diário seriam fiéis e corretas.

Meus primeiros anos na faculdade foram confusos, para dizer o mínimo. Sem muita clareza e segurança, sentia que a única coisa que eu sabia fazer era ficar perto de Jesus. Se ele realmente era "o caminho", fazia sentido tentar ao máximo me manter junto dele. Jesus não disse: "siga o mapa." Ele disse: "me siga."

Quase vinte anos depois, Ruth e eu ainda estamos tentando manter o passo com ele. Conforme amadurecemos — de namorados da faculdade, para

recém-casados em dificuldade, para pais empolgados, para pais sobrecarregados, e além —, ainda estamos tentando fazer o melhor para ficarmos próximos de Jesus.

Quando as crianças chegam, é fácil se distrair. Nós já começamos o dia a toda velocidade a cada manhã. O tempo é precioso, e o tempo a sós quase não existe. Caminhar com Jesus e permanecer nele exige conquistar tempo e espaço para se estar sozinho com ele. Isso nem sempre é fácil, mas se queremos manter nosso casamento e nossa família vibrantes, temos que manter vivo nosso primeiro amor.

Em João 15:1-8, Jesus usa a imagem de uma videira e ramos para descrever como deve ser um relacionamento frutífero e saudável com ele:

> Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não dá fruto, ele corta; e todo que dá fruto ele poda, para que dê mais fruto ainda. Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado. Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim.
>
> Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma. Se alguém não permanecer em mim, será como o ramo que é jogado fora e seca. Tais ramos são apanhados, lançados ao fogo e queimados. Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será concedido. Meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos.

Sozinhos, não temos vida, nem poder, nem frutos. Temos que andar próximos e permanecer com profundidade se quisermos florescer. Não podemos amar nosso cônjuge como Deus idealizou se não ficarmos próximos de Jesus.

Caminhando pela fé, e não por medo

Ser pai é incrivelmente divertido e incrivelmente assustador. Não somos o tipo de pais que fazem seus filhos usarem capacetes dentro de casa ou caminharem com coleiras no supermercado, mas estamos perto disso. Como nossos filhos são preciosos para nós, muitas vezes nos preocupamos com doenças, tragédias, intimidações, o financiamento da faculdade, futuros maridos, futuras esposas, carteiras de motorista, boas notas, más companhias, a internet e o ortodontista. Só essas coisas já são suficientes para deixar qualquer pai à beira de um ataque de nervos!

Às vezes podemos ficar loucos pensando nas coisas que poderiam ser. O medo pode atirar para longe a alegria que Deus idealizou para seu casamento e sua família. J. C. Ryle estava certo: "Metade de nossas misérias são causadas por imaginarmos as coisas que pensamos estar vindo sobre nós."[36] Se você se identifica conosco, sabe como é fácil passar a noite em claro se perguntando:

- E se um de nossos filhos ficar doente?
- E se não conseguirmos economizar o suficiente para a faculdade?
- E se um de nossos filhos ou filhas se afastar de Jesus?
- E se nossos filhos forem expostos a algo do qual tentamos tanto protegê-los?

Esse tipo de medo ou preocupação não revela um coração que confia em Deus. Revela um coração tentando desesperadamente *ser* Deus. Muito do nosso medo e preocupação nasce quando prevemos um futuro em que Deus não é presente, ativo, fiel, bom ou poderoso o suficiente. Nossos medos e preocupações não são apenas sentimentos; eles também podem ser uma expressão de nossa fé (ou de sua ausência).

Dan Allender e Tremper Longman escrevem, em *Cry of the Soul* [Grito da alma], que o medo faz a pergunta: "Posso confiar que Deus vai me

proteger do mal?”[37] Muitos dos nossos medos prenunciam que Deus não protegerá, sustentará ou guiará. Mas, pelo contrário, uma das nossas promessas favoritas de Deus se encontra em Isaías:

> Quando você atravessar as águas,
> eu estarei com você;
> quando você atravessar os rios,
> eles não o encobrirão.
> Quando você andar através do fogo,
> não se queimará;
> as chamas não o deixarão em brasas.
> Pois eu sou o Senhor, o seu Deus,
> o Santo de Israel, o seu Salvador; […]
> Não tenha medo, pois eu estou com você.
> (Isaías 43:2-3,5)

Embora Deus não nos prometa um futuro sem dor, ele promete um futuro com a sua presença. Podemos nos molhar quando passarmos por águas profundas, mas não nos afogaremos. As chamas podem ficar quentes, mas não nos consumirão. Ele estará conosco, e será o suficiente.

Se não fosse por nossa confiança no caráter, nas ações e nas promessas de Deus, a vida seria muito mais assustadora. Mediante Jesus, Deus nos deu a esperança e a segurança de que nunca nos deixará ou nos abandonará. O futuro é dele.

Só nós Dois

Tirem algum tempo juntos para conversar sobre como seu casamento pode ser fortalecido quando vocês confiarem e permanecerem em Cristo:

- Qual a diferença que caminhar pela fé, e não por medo, faria em seu relacionamento?
- Em qual área ou preocupação é mais difícil para vocês “permanecerem em Cristo” neste momento?
- Onde você mais precisa do lembrete de que “você vai sobreviver a isso”?

É fácil deixar o estresse criar conflitos no casamento. Todo o desconhecido e as demandas reais da vida podem separar ainda mais um casal, em vez de aproximá-lo. Então, perseguir a Cristo significa que precisamos buscá-lo, conhecer sua palavra e, em última instância, deixá-lo ser Deus, confiando que ele proverá tudo o que necessitamos. Provérbios 3:5-6 diz isso da seguinte maneira:

> Confie no Senhor de todo o seu coração
> e não se apoie em seu próprio entendimento;
> reconheça o Senhor em todos os seus caminhos,
> e ele endireitará as suas veredas.

Embora grande parte do futuro seja indefinido, desconhecido, além do que se pode ver, e, certamente, além do nosso poder, podemos descansar no conhecimento de que Deus é um pai e provedor muito melhor, mais sábio e mais poderoso do que nós. O que Deus nos pede, e pede aos nossos filhos, é a nossa fidelidade. Deus quer que sejamos fiéis a ele hoje e confiemos nele para o amanhã. Há alegria em deixarmos Deus ser Deus!

Você vai sobreviver a isso

“O que é que a gente estava pensando?”, perguntei a Ruth enquanto colocava mais um tapete higiênico para cachorro no nosso piso de madeira. Éramos os mais novos e orgulhosos donos de Blue, um filhote de Labrador carinhosamente chamado assim por causa de nosso amor pelo futebol de Michigan. Estávamos determinados a manter nosso piso limpo durante a fase de treinamento, o que se mostrou irreal e impossível mesmo com uma dúzia de tapetes higiênicos espalhados pela casa. Se havia um pedaço de piso exposto, Blue o encontrava.

O desafio da vida com um novo filhote começou certa noite, quando estávamos nos arrumando para uma caminhada em família depois do jantar. Já tínhamos um cachorro, a Cherry. Cherry é um Maltês pomerano e pesa cerca de três quilos. Para uma cadela, ela é muito sofisticada, talvez até um pouco esnobe. Ela não busca bolinhas, nem brinca com cachorros de brinquedo, nem se relaciona bem com outros. Eu (Patrick) amo a Cherry, mas é um pouco constrangedor caminhar com ela pela vizinhança. Eu queria um cachorro de homem — o tipo de cachorro que atravessa rios, busca bolinhas e aparece de vez em quando com um passarinho morto na boca. O tipo de cachorro que você veria na capa de uma revista de pesca ou de trilha. Então, declarei uma noite para toda a família: “Quero um cachorro de homem!”

Logo depois, Ruth encontrou um reprodutor com uma nova ninhada. Eu queria um cachorro, mas não tinha certeza quanto à hora certa. Com quatro filhos, um cachorro, um hamster e dois livros para escrever, pensei que talvez o novo cachorro pudesse esperar. Mas Ruth tinha outros planos. E quando as crianças viram as fotos, a decisão foi tomada. Compraríamos um cachorro.

Dois meses treinando o filhotinho e desabafei frustrado: “O que estávamos pensando? Já temos um cachorro, um peixe, um hamster, quatro filhos, e estamos tentando escrever dois livros!”

Eu ainda não tinha terminado.

Nossa casa é um zoológico! Temos tapetes higiênicos em todo lugar. Estamos gastando uma fortuna em toalhas de papel e spray desinfetante.

Deveríamos estar escrevendo em uma livraria ou em um café, não em um canil!”

Ruth, com a paciência e a precisão do próprio Jesus, simplesmente olhou para mim e disse: “Você vai sobreviver.”

Às vezes, na loucura da vida, criando filhos, administrando a casa e tentando manter vivo nosso amor, precisamos apenas de alguém que nos lembre: “Vai dar tudo certo. Você vai sobreviver!” Relaxe. Respire. Divirta-se. Aprecie a jornada!

Deus está trabalhando seu plano e seus propósitos por intermédio de nós. O casamento não é sempre o que esperamos, mas é bom. O casamento com filhos é confuso, mas Deus tem uma missão. Amar seu cônjuge com os filhos em casa é possível, de verdade. É barulhento, atarefado e longe daquilo que esperávamos, mas é bom porque Deus está trabalhando.

Você vai sobreviver! Fidelidade é colocar um pé na frente do outro. Então, continue em frente. E, ao longo do caminho, mantenha Jesus no centro. Não importa onde você esteja: não desista do voto de amar seu cônjuge com os filhos em casa.

Agradecimentos

"Apesar dos filhos começou como uma ideia em um voo de Detroit a Denver. Na época, nunca imaginaríamos que ela viraria um livro! Em 1998, iniciamos a aventura do casamento como duas pessoas e, desde então, acrescentamos quatro filhos, dois cachorros e um hamster. Somos agradecidos demais a Deus por nos dar a oportunidade de compartilhar nossa história com tantos outros casais. Sabemos que, assim como nós, você deseja manter seu voto de amar seu cônjuge com os filhos em casa!

Primeiro, aos nossos filhos em casa — Tyler, Bella, Noah e Sophia: vocês nos abençoaram e enriqueceram nossa vida de maneiras incontáveis. Somos gratos e orgulhosos por sermos seus pais. Obrigado por serem nossos maiores fãs e por motivarem seu pai e sua mãe enquanto escrevíamos este livro sobre TODOS nós. Amamos vocês!

Para os pais de Patrick: obrigado por serem modelo do amor caro e sacrificial de Jesus durante seus quase cinquenta anos de casamento. Como deve ter sido doce ouvir: “Muito bem, servos bons e fiéis.”

Para os pais de Ruth: obrigado por acreditarem que eu poderia mudar o mundo desde o meu nascimento. Seu apoio, amor e encorajamento sem fim me inspiraram a trabalhar duro e a sonhar grande. Amo vocês!

Obrigado aos leitores dos blogs *The Better Mom* e *For the Family*. Somos abençoados por estar nessa jornada com cada um de vocês e somos gratos pelo seu apoio. Jesus nos deu todos os recursos necessários para amar um ao outro com fidelidade, completamente, e para sempre. Vamos continuar seguindo em frente, juntos!

Obrigado a Esther Fedorkevich, nossa agente, por sua criatividade, persistência e confiança neste livro. Sem você, essa ideia teria ficado só na ideia. Que Deus possa nos dar muito mais ideias!

Obrigado a Amanda Sorenson, por suas ideias novas, seu trabalho duro, seu conselho e seu encorajamento. Seu tempo e sua direção fizeram deste projeto um livro muito melhor do que visualizamos a princípio. Obrigado por sua enorme contribuição para este livro!

Finalmente, para nossa equipe maravilhosa e talentosa da Zondervan: obrigado a Sandy Vander Zicht, Londa Alderink e Lori Vanden Bosch. Somos gratos por sua orientação e seu encorajamento. Nós nos sentimos

honrados por trabalhar com uma equipe tão maravilhosa!

Notas

1. John Stott, *Issues Facing Christians Today* [Assuntos que os cristãos enfrentam hoje], Grand Rapids, Zondervan, 2006, p. 370.

2. A expressão é originária de *Hamlet*, de William Shakespeare.

3. Phil McGraw é um psicólogo dos Estados Unidos que se tornou conhecido do grande público ao participar dos programas de Oprah Winfrey como consultor de comportamento e relações humanas. É conhecido como Dr. Phil. [N. T.]

4. John Gartner e Henry Leutwyler, "Child-ol'-a-Try" [Filholatria], *Psychology Today*, agosto 2014:59-60.

5. Brigid Schulte, "Once the baby comes, moms do more, dads do less around the house" [Quando o bebê chega, as mães fazem mais e os pais fazem menos em casa], *Washington Post*, 7 maio 2015. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/news/parenting/wp/2015/05/07/once-the-baby-comes-moms-do-more-dads-do-less-around-the-house/>. Acesso em: 31 out. 2016.

6. Charles H. Spurgeon, *John Ploughman's Talks: Everyday Advice Based on Biblical Truth* [Conversas de John Ploughman: conselho diário baseado na verdade bíblica], New Kensington, PA, Whitaker House, 2012, p. 28.

7. Adam Makos & Larry Alexander. *A Higher Call: An Incredible True Story of Combat and Chivalry in the War-Torn Skies of World War II* [Um chamado mais alto: uma incrível história real de combate e cavalheirismo nos céus devastados da Segunda Guerra Mundial]. New York: Berkley, 2012, p. 200.

8. Ibidem, p. 201.

9. Ibidem, p. 205.

10. W. A. Elwell & B. J. Beitzel. *Baker Encyclopedia of the Bible* [Enciclopédia bíblica Baker]. Grand Rapids, Baker, 1988, p. 898.

11. John Stott, "Pride, Humility, and God" [Orgulho, humildade e Deus], *Sovereign Grace Magazine* [Revista Soberana Graça], setembro/outubro

2000. Disponível em: <http://www.cslewisinstitute.org/webfm_send/375>. Acesso em: 31 out. 2016.

12. Ken Sande. *The Peace Maker: The Biblical Guide to Resolving Personal Conflict* [O pacificador: guia bíblico para resolver conflitos pessoais]. Grand Rapids, Baker, 2004, p. 83.

13. Paul Edwards. *How to Rap: The Art and Science of the Hip-Hop MC* [Como fazer um rap: a arte e a ciência do MC no hip-hop]. Chicago: Review Press, 2009, p. 111.

14. Mark Buchanan. *The Rest of God: Restoring Your Soul by Restoring Shabat* [O descanso de Deus: restaurando sua alma ao restaurar o *Shabat*]. Nashville: Thomas Nelson, 2006, p. 90.

15. Bourree Lam, "Americans Won't Relax, Even Late at Night or On the Weekend" [Os norte-americanos não relaxam, nem mesmo tarde da noite ou nos finais de semana], *The Atlantic*, 14 setembro 2014. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/business/ archive/2014/09/americans-wont-relax-even-late-at-night-or-on-the-weekend/380146/>. Acesso em: 31 out. 2016.

16. Ibidem.

17. Gordon MacDonald. *Ordering Your Private World* [Ponha ordem no seu mundo interior]. Nashville: Thomas Nelson, 2003, p. 80.

18. Dietrich Bonhoeffer. *Life Together: The Classic Exploration of Christian in Community* [Vida em comunhão]. New York: Harper One, 2009, p. 100.

19. D. Bonhoeffer, op. cit., p. 97.

20. Rabbi Joseph Telushkin, *Jewish Wisdom: Ethical, Spiritual, and Historical Lessons from the Great Works and Thinkers* [Sabedoria judaica: lições éticas, espirituais e históricas das grandes obras e dos grandes pensadores], New York, William Morrow, 1994, p. 125.

21. Mandy Len Catron, "To Fall in Love with Anyone, Do This" [Para se apaixonar por alguém, faça isso], *New York Times*, 9 janeiro 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/01/11/fashion/modern-love-to-fall-in-love-with-anyone-do-this.html>. Acesso em: 31 out. 2016.

22. Jerry Bridges, *The Practice of Godliness: Godliness Has Value for All Things* [A prática da piedade: a piedade tem valor para todas as coisas], Colorado Springs, NavPress, 2008, p. 193.

23. Ibid, p. 187.

24. Sara Kehaulani Goo, "The Skills Americans Say Kids Need to Succeed in Life" [As habilidades que os norte-americanos dizem que seus filhos precisam para serem bem-sucedidos na vida], *Pew Research Center*, 19 fevereiro, 2015). Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/02/19/skills-for-success/>. Acesso em: 31 out. 2016.

25. Natalie Angier, "The Changing American Family" [Mudanças na família norte-americana], *The New York Times*, 25 novembro, 2013). Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/11/26/health/families.html?_r=0>. Acesso em: 31 out. 2016.

26. Cybele Weiser, "Richer, Together" [Mais ricos juntos], *Money*, junho, 2014):58-65.

27. Melanie Hicken, "Money Issues Are Still Stressing Americans Out" [Os problemas financeiros ainda estão estressando os norte-americanos], *CNN Money*, 4 fevereiro, 2015. Disponível em: <http://money.cnn.com/2015/02/04/pf/money-stress/>. Acesso em: 31 out. 2016.

28. David L. "Dave" Ramsey III é empresário, autor, radialista e palestrante motivacional norte-americano. Seu programa de rádio é transmitido por mais de quinhentas estações de rádio, além da internet, aplicativos e YouTube. Seus livros e programas apresentam uma perspectiva cristã que reflete sua fé. [N. T.]

29. Larry Burkett foi um autor e radialista norte-americano, falecido em 2003, cujo trabalho se concentrava no aconselhamento financeiro a partir de um ponto de vista cristão evangélico. [N. T.]

30. Christian Smith, Kari Christoffersen, Hilary Davidson & Patricia Snell Herzog, *Lost in Transition: The Dark Side of Emerging Adulthood* [Perdidos na transição: o lado obscuro dos adultos emergentes], New York, Oxford University Press, 2011, p. 15.

31. Ibid, p. 231-232.

32. Ibid, p. 14.

33. Dan Allender, *The Healing Path: How the Hurts in Your Past Can Lead You to a More Abundant Life* [O caminho da cura: como as feridas do seu passado podem levá-lo a uma vida mais abundante], Colorado Springs, WaterBrook, 1999, p. 27.

34. Timothy Keller, *Walking with God through Pain and Suffering* [Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento], New York, Dutton, 2013, p. 287.

35. Tim Chester & Steve Timmis, *Total Church: A Radical Reshaping around Gospel and Community* [Igreja total: uma reforma radical ao redor do evangelho e da comunidade], Wheaton, Crossway, 2008, p. 50.

36. J. C. Ryle, *Matthew*, *Expository Thoughts on the Gospels* [Mateus: pensamentos expositivos sobre os evangelhos], New York, R. Carter, 1860; repr., Carlisle, PA, Banner of Truth Trust, 2012, edição para Kindle, seção 6:25-34.

37. Dan Allender & Tremper Longman III, *Cry of the Soul: How Our Emotions Reveal Our Deepest Questions about God* [Grito da alma: como nossas emoções revelam nossas perguntas mais profundas sobre Deus], Colorado Springs, NavPress, 1999, p. 47.